UIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
PROPUR/UFRGS

Dissertação de Mestrado

AVALIAÇÃO ESTÉTICA E USO DE TRÊS PRAÇAS EM PELOTAS/RS

Orientador
Antônio Tarcísio da Luz Reis, Ph.D

Autora
Clarissa Castro Calderipe Montelli

Porto Alegre, Fevereiro de 2008.

CLARISSA CASTRO CALDERIPE MONTELLI

AVALIAÇÃO ESTÉTICA E USO DE TRÊS PRAÇAS EM PELOTAS/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito Parcial à obtenção de título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador

Antônio Tarcísio da Luz Reis, Ph.D

Porto Alegre, novembro de 2007.

CLARISSA CASTRO CALDERIPE MONTELLI

AVALIAÇÃO ESTÉTICA E USO DE TRÊS PRAÇAS EM PELOTAS/RS

.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito Parcial à obtenção de título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Integrantes da banca examinadora

_____

Professora Doutora Adriane Borda

(Examinador Externo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel)

_____

Professora Doutora Sandra Pesavento

(Examinador Interno PROPUR/UFRGS)

_____

Professora Doutora Maria Cristina Dias Lay

(Examinador Interno PROPUR/UFRGS)

_____

Professor Doutor Antônio Tarcísio da Luz Reis

(Orientador e presidente da banca)

Data de aprovação

Novembro de 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram na realização desta dissertação, em especial ao meu orientador Antônio Tarcísio da Luz Reis, pela sua dedicação e disposição em me ajudar a qualquer momento; aos demais professores e colegas do PROPUR, pelo aprendizado e companheirismo; aos meus pais, Antônio Sílvio Calderipe e Clarice Castro Calderipe, que sempre me incentivaram e apoiaram nos momentos difíceis; ao meu marido Daniel Conceição Montelli que sempre esteve ao meu lado e finalmente ao meu amigo Nero, pelo companheirismo de todas as horas.

RESUMO

Essa pesquisa avalia a estética de três praças em Pelotas, considerando as variáveis associadas aos diferentes elementos físico-espaciais que compõem as praças, bem como investiga a relação entre estética e uso das mesmas. Nessa investigação levam-se em consideração as percepções de diferentes faixas etárias de usuários: adolescentes, adultos e idosos. O objetivo central é fornecer subsídios teóricos para que possam ser produzidas praças mais satisfatórias para os usuários. As três praças selecionadas como objetos de estudo estão situadas na cidade de Pelotas (RS) e possuem características que as tornam pertinentes quanto a avaliação estética. Os métodos de coleta e análise de dados fazem parte daqueles utilizados na área de pesquisa Ambiente e Comportamento. Os dados foram obtidos a partir de levantamentos de arquivo e levantamento de campo, esse incluindo observações, mapas comportamentais, levantamento das variáveis associadas aos aspectos físico-espaciais e questionários. Os resultados dessa investigação demonstram que existe relação entre a estética e o uso das praças. Além disso, destaca que dentre as variáveis consideradas, as mais importantes para a definição da satisfação geral com as praças estão associadas às características das fachadas que delimitam as praças, principalmente com a composição arquitetônica e com características associadas ao espaço aberto das praças, salientando a presença de vegetação. Torna-se evidente para o desenvolvimento de bons projetos e para a existência de usuários satisfeitos a consideração de tais variáveis. Espera-se que os dados encontrados despertem o interesse pelo desenvolvimento de outros estudos sobre o tema da estética e sua relação com o uso das praças.

Palavras-chave: estética – praças – nível de satisfação - uso

ABSTRACT

This research evaluates the aesthetics of three squares in Pelotas, considering the variables associated to the different physical and spatial aspects that compose the squares, as well as investigating the relation between aesthetic and use. In this inquiry the perceptions of different ages are taken into account: adolescents, adults and elder people. The main objective is to supply theoretical subsidies to produce more satisfactory squares for the users. The three selected squares used in this study are located in the city of Pelotas (RS – BRAZIL) and have characteristics that become them pertinent for the esthetic evaluation. The data collecting methods and data analysis are part of Environment and Behavior area. The data were obtained from file and field surveys, including observations, behavior maps, survey of the variables associated to the physical and spatial aspects and questionnaires. The results demonstrate that there is a relation between the aesthetic and the use of the squares. Moreover, it is features that the most important variable for the definition of the general satisfaction with the squares are associated with the characteristics of the facades that delimit the squares, mainly with the architectural composition and characteristics associated with the open space of the squares, pointing out the vegetation presence. The consideration of such variables becomes evident for the development of good projects and the existence of satisfied users. One expects that this data could awake the interest for the development of other studies on the subject of the aesthetic one and its relation with the use of the squares.

Key words: aesthetic - squares - level of satisfaction – use.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....IV
RESUMO.....V
ABSTRACT.....VI
SUMÁRIO.....VII
LISTA DE FIGURAS.....XI
LISTA DE TABELAS.....XVIII

CAPÍTULO 1: FATORES FÍSICO-ESPACIAIS E A INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA NO USO DAS PRAÇAS..... 1
1.1 INTRODUÇÃO..... 1
1.2 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA..... 1
1.3 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA..... 3
1.4 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO..... 4
1.4.1 Objetivos..... 4
1.4.2 Objetos de estudo..... 5
1.5 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS..... 6
1.6 SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS..... 6

CAPÍTULO 2: PRAÇAS – ESTÉTICA E USO DO ESPAÇO..... 7
2.1 INTRODUÇÃO..... 7
2.2 A PRAÇA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA..... 7
2.3 TIPOS DE PRAÇAS..... 10
2.4 ESTÉTICA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA..... 13
2.4.1 Processos de Apreensão e Avaliação estética pelo Indivíduo..... 17
2.4.1.1 Níveis de Satisfação e Comportamento do indivíduo em Relação à Estética do Ambiente..... 19
2.4.1.2 Dimensões das Avaliações Estéticas..... 21
2.4.1.2.1 Interesse..... 22
2.4.1.2.2 Agradabilidade..... 23
2.4.1.3 Objetividade nas Avaliações Estéticas..... 23

2.4.2 Fatores Composicionais – Distintos Grupos de Usuários..... 24
2.4.3 Fatores Contextuais – Variáveis Relacionadas à Estética do Ambiente..... 25
2.4.3.1 Variáveis Relacionadas à Estética Formal..... 25
2.4.3.1.1 Nível da Estética das Edificações Adjacentes ao Espaço Aberto das Praças..... 26
2.4.3.1.1.1 Existência de Ordem Compositiva nas Edificações..... 26
2.4.3.1.1.2 Valor Histórico das Edificações..... 27
2.4.3.1.1.3 Manutenção das Fachadas das edificações..... 28
2.4.3.1.2 Nível da Estética do Espaço Aberto das Praças..... 28
2.4.3.1.2.1 Presença de Vegetação..... 28
2.4.3.1.2.2 Presença de Monumentos..... 29
2.4.3.1.2.3 Manutenção e Limpeza do Ambiente..... 29
2.5 RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA E USO..... 30
2.6 CONCLUSÃO..... 31

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA..... 32
3.1. INTRODUÇÃO..... 32
3.2. SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO..... 32
3.2.1 Delimitação da Área de Estudo..... 33
3.2.2 Breve Histórico da Cidade de Pelotas/RS..... 34
3.2.2.1 A Praça como Início do Núcleo Urbano..... 34
3.2.3 As Praças que Fazem Parte do Estudo..... 36
3.2.3.1 Parque Dom Antônio Zattera..... 36
3.2.3.2 Praça José Bonifácio..... 38
3.2.3.3 Parque Piratinino de Almeida..... 39
3.3 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS..... 41
3.3.1 Levantamento de Arquivo..... 42
3.3.2 Levantamento de Campo..... 42
3.3.3 Observações Comportamentais..... 43
3.3.3.1 Mapas Comportamentais..... 43
3.3.4 Levantamento Fotográfico..... 45
3.3.4.1 Levantamento Fotográfico das Fachadas das Edificações..... 45
3.3.4.2 Levantamento Fotográfico do Espaço Aberto (vistas internas)..... 49
3.3.4.2.1 Critérios para Seleção das Vistas Internas..... 50
3.3.5 Questionários..... 51
3.3.5.1 A amostra..... 51
3.3.5.2 Questionário Aplicado nas Praças..... 52

3.3.5.3 Questionário Aplicado fora das Praças..... 53
3.4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS..... 55
3.5 TRABALHO DE CAMPO..... 55
3.6 SUMÁRIO..... 56

CAPÍTULO 4: RESULTADOS..... 58

4.1 INTRODUÇÃO..... 58

4.2 AVALIAÇÃO EM RELAÇÃO A ESTÉTICA DAS PRAÇAS..... ..58

4.2.1 Nível de satisfação geral dos usuários com a estética das praças..... 58
4.2.2 Importância dos dois níveis estéticos para a satisfação com a estética das praças..... 63
4.2.3 Nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações que delimitam as praças..... 66
4.2.3.1 Principais aspectos associados ao nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações que delimitam das praças..... 71
4.2.3.1.1 Composição Arquitetônica..... 71
4.2.3.1.2 Valor Histórico..... 81
4.2.3.1.3 Manutenção das Fachadas..... 88
4.2.4 Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças..... 91
4.2.4.1 Principais aspectos associados ao nível de satisfação com a estética das dos espaços abertos das praças..... 96
4.2.4.1.1 Presença de vegetação..... 96
4.2.4.1.2 Presença de monumentos..... 100
4.2.4.1.3 Manutenção 104

4.3 A INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA NO USO DAS PRAÇAS..... 108

4.3.1 A importância da estética para o uso das praças..... 108
4.3.2 A relação entre o nível de satisfação com a estética e a intensidade de uso das praças..... 110
4.3.3 A relação entre a estética e a freqüência de utilização das praças..... 111
4.3.3 A relação entre a estética e o tempo de permanência nas praças..... 113

4.4. CONCLUSÃO.....114

4.4.1 Níveis de satisfação dos usuários com a estética das praças..... 115
4.4.2 Importância dos dois níveis estéticos para a satisfação com a estética das praças..... 115

4.4.3 Níveis de satisfação com a estética das fachadas das edificações que delimitam as praças..... 116
4.4.3.1 Principais aspectos associados ao nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações que delimitam das praças..... 116
4.4.3.2 Principais aspectos associados ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças..... 117
4.4.4 A importância da estética para o uso das praças..... 118
4.4.5 A relação entre o nível de satisfação com a estética e a intensidade de uso das praças..... 118
4.4.6 A relação entre a estética e a freqüência de utilização das praças..... 118
4.4.7 A relação entre a estética e o tempo de permanência nas praças..... 119

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....120

5.1. INTRODUÇÃO.....120

5.2. PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E MÉTODOS.....120

5.3. PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS.....122

5.4. LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....124

5.5. IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....126

ANEXO A.....131

ANEXO B.....133

ANEXO C.....136

ANEXO D.....141

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Plaza Mayor – Madri, Espanha…….....09
Figura 2: Plaza Mayor – Salamanca, Espanha.....09
Figura 3: Place de La Concorde e Place de Vosger – Paris, França.....09
Figura 4: Campidoglio - Roma.....09
Figura 5: Passeio Público do Rio de Janeiro.....11
Figura 6: Projeto Padrão das Praças Brasileiras nas décadas de 50 e 60.....12
Figura 7: Praça XV – Rio de Janeiro.....15
Figura 8: Cinelândia – Rio de Janeiro.....15
Figura 9: Projeto Reviver (Prédios) – São Luis, Maranhão, 1999.....16
Figura 10: Projeto Reviver (Ruas) – São Luis, Maranhão.....16
Figura 11: Pelourinho – Salvador, Bahia.....16
Figura 12: Praça Terreiro de Jesus (Pelourinho) – Salvador, Bahia, 2003.....16
Figura 13: Processo de Formação de Imagens.....18
Figura 14: Processo de Avaliação Ambiental.....19
Figura 15: Diagrama das Dimensões Avaliativas.....22
Figura 16: Vista Aérea da Cidade de Pelotas/RS.....33
Figura 17: Localização das praças na Área Central da Cidade de Pelotas/RS.....34
Figura 18: Primeiro Loteamento – Mapa Elaborado com Base na Planta de 1815.....36
Figura 19: Segundo Loteamento – Mapa Elaborado com Base na Planta de 1835.....36
Figura 20: Vista Aérea do Parque Dom Antônio Zattera.....37
Figura 21: Vista Geral do Parque Dom Antônio Zattera.....37
Figura 22: Altar da Pátria - Parque Dom Antônio Zattera.....37
Figura 23: Fachada Antiga da Catedral São Francisco de Paula.....38
Figura 24: Atual Catedral São Francisco de Paula.....38
Figura 25: Vista Aérea da Praça José Bonifácio.....39
Figura 26: Busto de José Bonifácio.....39
Figura 27: Vista Aérea da Praça Piratinino de Almeida.....41
Figura 28: Antiga Praça Piratinino de Almeida – Pelotas/RS.....41
Figura 29: Caixa D'Água da Praça Piratinino de Almeida.....41
Figura 30: Modo de Captura das Fotografias das Fachadas.....46
Figura 31: Montagem das Fachadas que Delimitam o Parque Dom Antônio Zattera.....47
Figura 32: Montagem das Fachadas que Delimitam a Praça José Bonifácio.....48
Figura 33: Montagem das Fachadas que Delimitam a Praça Piratinino de Almeida.....49

Figura 34: Vista Interna da Praça José Bonifácio (Testada no Estudo Piloto).....50
Figura 35: Vista 1 do espaço aberto do parque Dom Antônio Zattera.....53
Figura 36: Vista 2 do espaço aberto do parque Dom Antônio Zattera.....53
Figura 37: Vista 1 do espaço aberto da praça José Bonifácio.....53
Figura 38: Vista 2 do espaço aberto da praça José Bonifácio.....54
Figura 39: Vista 1 do espaço aberto da praça Piratinino de Almeida.....54
Figura 40: Vista 2 do espaço aberto da praça Piratinino de Almeida.....54
Figura 41: Obstrução visual das fachadas no parque Dom Antônio Zattera.....64
Figura 42: Obstrução visual das fachadas na praça José Bonifácio.....64
Figura 43: Obstrução visual das fachadas na praça Piratinino de Almeida.....65
Figura 44: Fachada da quadra Q6 (Parque Dom Antônio Zattera).....75
Figura 45: Fachada da quadra Q1 (Parque Dom Antônio Zattera).....75
Figura 46: Fachada da quadra Q5 (Parque Dom Antônio Zattera).....75
Figura 47: Fachada da quadra Q2 (Parque Dom Antônio Zattera).....75
Figura 48: Fachada da quadra Q3 (Parque Dom Antônio Zattera).....76
Figura 49: Fachada da quadra Q4 (Parque Dom Antônio Zattera).....76
Figura 50: Fachada do Asilo de Mendigos (parque Dom Antônio Zattera).....76
Figura 51: Fachada da Igreja São João (parque Dom Antônio Zattera).....77
Figura 52: Fachada do Esporte Clube Pelotas (parque Dom Antônio Zattera).....77
Figura 53: Fachada do conjunto de edificações da Av. Bento Gonçalves (parque Dom Antônio Zattera).....77
Figura 54: Fachada da quadra Q5 (praça José Bonifácio).....77
Figura 55: Fachada da quadra Q6 (praça José Bonifácio).....77
Figura 56: Fachada da quadra Q4 (praça José Bonifácio).....78
Figura 57: Fachada da quadra Q3 (praça José Bonifácio).....78
Figura 58: Fachada da quadra Q2 (praça José Bonifácio).....78
Figura 59: Fachada do Colégio Gonzaga (praça José Bonifácio).....79
Figura 60: Fachada do Prédio do Bispado (praça José Bonifácio).....79
Figura 61: Fachada da edificação 2C (praça José Bonifácio).....79
Figura 62: Fachada da Imobiliária 3C (praça José Bonifácio).....79
Figura 63: Fachada da quadra Q4 (praça Piratinino de Almeida).....79
Figura 64: Fachada de edifício esquina Santos Dumont (praça Piratinino de Almeida).....80
Figura 65: Fachada do prédio da Associação dos funcionários do SANEP (praça Piratinino de Almeida).....80
Figura 66: Fachada de prédio comercial (praça Piratinino de Almeida).....80
Figura 67: Visibilidade dos prédios históricos (Praça José Bonifácio).....84
Figura 68: Prédios de valor histórico que delimitam o Parque Dom Antônio Zattera.....85

Figura 69: Prédios de valor histórico que delimitam a praça José Bonifácio.....86
Figura 70: Fachada da Catedral São Francisco de Paula.....86
Figura 71: Fachada de edificação denominada 2A (Praça José Bonifácio).....86
Figura 72: Prédios de valor histórico que delimitam a praça Piratinino de Almeida.....87
Figura 73: Fachada da edificação 1H (Praça Piratinino de Almeida).....87
Figura 74: Edificação do parque Dom Antônio Zattera.....91
Figura 75: Edificação da praça José Bonifácio.....91
Figura 76: Edificação da praça Piratinino de Almeida.....91
Figura 77: Arborização no parque Dom Antônio Zattera.....99
Figura 78: Canteiros da praça Piratinino de Almeida.....99
Figura 79: Monumento à José Bonifácio – Praça José Bonifácio.....101
Figura 80: Caixa'Água – Praça Piratinino de Almeida.....101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Definição das faixas etárias abordadas no estudo..... 52
Tabela 2: Avaliação estética geral das praças.....59
Tabela 3: Avaliação estética das praças (questionário aplicado nas praças e fora delas).....59
Tabela 4: Avaliação estética em relação às diferentes faixas etárias.....60
Tabela 5: Avaliação estética por grupo de usuários (questionário aplicado nas praças e fora delas).....61
Tabela 6: Avaliação estética por grupo de usuários (questionário aplicado nas praças).....62
Tabela 7: Avaliação estética por grupo de usuários (questionário aplicado fora das praças).....62
Tabela 8: Correlação entre o nível de satisfação com a estética das praças e cada um dos níveis estéticos.....63
Tabela 9: Correlação entre o nível de satisfação com a estética das praças e cada um dos níveis estéticos (questionário aplicado nas praças e fora delas).....64
Tabela 10: Correlação entre o nível de satisfação com a estética e cada um dos níveis estéticos (questionário aplicado nas praças).....66

Tabela 11: Correlação entre o nível de satisfação com a estética e cada um dos níveis estéticos (questionário aplicado fora das praças).....66
Tabela 12: Avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças.....67
Tabela 13: Avaliação estética das fachadas das edificações (questionário aplicado nas praças e fora delas).....68
Tabela 14: Avaliação do nível de satisfação com a estética das fachadas em relação ás diferentes faixas etárias.....69
Tabela 15: Avaliação estética das fachadas em relação ás diferentes faixas etárias (questionário nas praças e fora delas).....70
Tabela 16: Variáveis associadas ao nível de satisfação com as fachadas das edificações do entorno das praças.....71
Tabela 17: Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....72
Tabela 18: Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....72
Tabela 19: Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças).....73
Tabela 20: Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado fora das praças).....74
Tabela 21: Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....81
Tabela 22: Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....82
Tabela 23: Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças).....83
Tabela 24: Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado fora das praças)..... 83
Tabela 25: Quantidade de edificações de valor histórico nas fachadas que delimitam as praças.....84
Tabela 26: Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....88
Tabela 27: Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....89

Tabela 28: Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças).....90
Tabela 29: Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado fora das praças).....90
Tabela 30: Avaliação estética dos espaços abertos das praças 92
Tabela 31: Avaliação estética dos espaços abertos das praças.....93
Tabela 32: Avaliação do nível de satisfação estética com os espaços abertos das praças em relação as diferentes faixas etárias.....93
Tabela 33: Avaliação estética dos espaços abertos das praças em relação aos grupos de usuários (questionário nas praças e fora delas).....95
Tabela 34: Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....96
Tabela 35: Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....97
Tabela 36: Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças).....98
Tabela 37: Aspectos associados à presença de vegetação (questionário fora das praças)..98
Tabela 38: Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado fora das praças).....99
Tabela 39: Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças.....100
Tabela 40: Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....102
Tabela 41: Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças).....103
Tabela 42: Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado fora das praças).....103
Tabela 43: Influencia da manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças.....104
Tabela 44: Influencia da manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....105
Tabela 45: Influencia do nível de manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças).....105
Tabela 46: Influencia do nível de manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado fora das praças).....106
Tabela 47: Aspectos associados à manutenção (questionário fora das praças).....107

Tabela 48: Influencia do nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações e do espaço aberto sobre o uso das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....109
Tabela 49: Influencia do nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações sobre o uso das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....109
Tabela 50: Total de usuários nas praças.....111
Tabela 51: Relação entre o nível de satisfação e a freqüência de uso das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....111
Tabela 52: Relação entre o nível de satisfação e a freqüência de uso em cada praça (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....112
Tabela 53: Relação entre o nível de satisfação e o tempo de permanência nas praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....113
Tabela 54: Relação entre o nível de satisfação e o tempo de permanência em cada praça (questionário aplicado nas praças e fora das praças).....114

CAPÍTULO 1: FATORES FÍSICO-ESPACIAIS E A INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA NO USO DAS PRAÇAS

1.1 INTRODUÇÃO

Os espaços das praças têm sido criticados por falharem no seu propósito de uso e de satisfação às necessidades dos seus freqüentadores (NOHL, apud NASAR, 1988; HESTER, 1984, apud FRANCIS, 1991). Esses espaços, para responderem satisfatoriamente, devem atender a um conjunto de aspectos, dentre os quais está a qualidade estética (STEELE, apud LANG, 1987; MASLOW, apud LANG, 1987; BASSO, 2001; REIS, 2002). Assim, os efeitos que a estética das praças exerce sobre as atitudes e comportamentos dos usuários têm gerado muitas discussões, tanto na esfera científica quanto na pública. Portanto, o presente estudo aborda essa temática, e pretende compreender a influência das variáveis associadas aos aspectos físico-espaciais das praças na definição dos níveis de satisfação estética e no uso das mesmas pela população. Neste capítulo, inicialmente, é identificado o problema de pesquisa, bem como a importância do desenvolvimento desta. Também são apresentadas as diferentes variáveis associadas às questões relativas à satisfação estética e ao uso das praças. Por fim, é exposta a proposta de investigação, as relações a serem examinadas, os objetos de estudo e algumas definições conceituais, necessárias à compreensão adequada deste estudo.

1.2 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA

Diversos estudos já realizados têm avaliado a influência de variáveis, sociais, culturais e físico-espaciais na satisfação com a estética do ambiente (NASAR, 1988; STAMPS, 2000, PORTELLA, 2003). Entretanto, apesar de uma parcela desses trabalhos abordarem variáveis físico-espaciais de espaços abertos como praças (por exemplo, JOARDAR & NEIL, 1978; WHYTE, 1980; MARCUS & FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS, LAY, 2002) e da literatura sobre a relação entre ambiente e comportamento ser extensa, a influência dessas variáveis na percepção estética e no comportamento dos usuários parece ser ainda um campo no qual existem lacunas.

Dentre os estudos realizados, nenhum apresenta resultados conclusivos ou suficientemente esclarecidos sobre quais variáveis são atualmente mais significativas para a maior

satisfação estética com as praças, nem tampouco existem estudos que abordem diretamente a influência da estética no uso desses espaços (WHYTE, 1980; MARCUS & FRANCIS, 1990; STAMPS, 2000). Também é relevante destacar que a maioria dos estudos são realizados no exterior e podem não se aplicar à realidade brasileira. Portanto, o problema central desta pesquisa é a falta de entendimento sobre os efeitos das variáveis associadas a determinados aspectos físico-espaciais com os níveis de satisfação da estética em praças, bem como a influência desses níveis de satisfação estética no seu uso.

Este estudo mostra-se relevante na medida em que a avaliação estética de projetos tem sido implementada na maioria das grandes cidades dos Estados Unidos, França, Alemanha, Suécia entre outros países. Adicionalmente, a suprema corte dos Estados Unidos tem citado o critério de análise da qualidade estética como suficiente para uma base adequada de desenvolvimento. Além disso, em 30 estados, as cortes determinam que as considerações estéticas são suficientes para estabelecer regulamentações (SANOFF, 1991; STAMPS, 2000; REIS E LAY, 2003). Especificamente, o *National Environmental Protection Act*, de 1969, determina uma avaliação cuidadosa dos efeitos de grandes projetos no ambiente e, inclusive, requer considerações dos impactos visuais destes, uma vez que as cortes americanas sustentam que a beleza ambiental é de legítimo interesse público e deve estar baseada nas preferências da população e não no gosto pessoal de funcionários do governo. (SANOFF, 1991; STAMPS, 2000; REIS E LAY, 2003).

Além disso, a relevância da estética do ambiente é evidenciada por diversos estudos científicos, bem como, são identificadas as composições mais aprazíveis ao observador. Esses estudos indicam a estética como um importante aspecto associado à satisfação das pessoas com o ambiente, influenciando nas suas atitudes e comportamentos. (STAMPS, 2000; AZEVEDO, 2000; REIS E LAY, 2003; PORTELLA, 2003; NASAR, 1988; WEBER, 1995). Nesse sentido, cabe frisar que as atitudes dizem respeito às opiniões e idéias, enquanto comportamentos referem-se a ações, passivas ou não (REIS, 2002).

Portanto, o estudo da relação entre a estética e o uso das praças é importante para aprofundar os conhecimentos sobre a estética do ambiente construído no contexto das cidades brasileiras. Além de fornecer subsídios teóricos, colaborando para adaptar o planejamento urbano, as políticas públicas e as legislações de controle, principalmente estético, às necessidades humanas, promovendo uma melhor qualidade de vida nas cidades.

1.3 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA

Os efeitos de diversos fatores físico-espaciais associados a determinados níveis de satisfação estética, bem como a influência desses níveis de satisfação no seu uso é um tema emergente, o qual já possui estudos a respeito (NASAR, 1988; STAMPS, 2000; AZEVEDO, 2000; PORTELLA, 2003). As variáveis associadas ao tema desta pesquisa envolvem parâmetros relativos às diferenças existentes entre as percepções de distintos grupos de usuários (composicionais), aos atributos formais e simbólicos (contextuais) do ambiente (NASAR, 1988; GOLLEDGE E STIMSOM, 1997).

Dentre as características individuais relacionadas aos usuários (composicionais) estão os valores sociais e culturais (p.ex. LANG, apud NASAR, 1988); as necessidades relacionadas ao estilo de vida e aos interesses profissionais (p.ex. NASAR, 1998; LYNCH, 1997); as experiências passadas (p.ex. GOLLEDGE E STIMSOM, 1997); a familiaridade (RAPOPORT, 1978; KAPLAN E KAPLAN, 1981), entre outras. Entretanto, dos fatores composicionais, a faixa etária dos indivíduos (LYNCH, 1997) parece ser um dos fatores que influencia no nível de satisfação com a estética dos espaços urbanos e que merece maiores esclarecimentos, uma vez que não existem estudos conclusivos a esse respeito, sendo assim, portanto, abordada nesta dissertação.

Quanto às variáveis contextuais que interferem na estética do espaço urbano das praças, dois tipos de variáveis têm sido tratadas nos estudos estéticos: as formais, que enfatizam a estrutura das formas e as simbólicas, que enfatizam o conteúdo das formas (LANG, 1987; NASAR, apud MOORE E MARANS, 1997).

As variáveis relacionadas à estética formal podem ser agrupadas em níveis, de acordo com as características dos elementos físico-espaciais presentes no ambiente. Assim, pode-se estabelecer o nível que diz respeito às variáveis associadas à estética das edificações adjacentes ao espaço aberto das praças (WEBER, 1995; STAMPS, 2000; REIS E ZERBINI, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, PORTELLA, BENNETT E LAY, 2004) e o nível que diz respeito às variáveis relacionadas à estética do espaço aberto das praças (MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, PORTELLA, BENNETT E LAY, 2004). Em algumas praças, além desses dois níveis estéticos existe ainda o nível das visuais para fora das praças, que diz respeito àquelas variáveis associadas às vistas para além das praças (MARCUS E FRANCIS, 1990; CAMPOS, 1999; MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS, LAY E AMBROSINI, 2003).

Entretanto, praças com este tipo de visuais, localizadas no interior da malha urbana não são comuns na maioria das cidades brasileiras, uma vez que normalmente, as faces que delimitam as praças são constituídas por edificações, bloqueando as visuais para além do espaço aberto. Logo, este trabalho irá se deter nos dois primeiros níveis, aquele que trata da estética das edificações que delimitam as praças e da estética dos espaços abertos, conforme especificado mais adiante na metodologia.

Cada um desses níveis estéticos a serem estudados apresenta uma série de variáveis que são explicitadas a seguir com maiores detalhes. Dentre as variáveis que tratam da estética das edificações adjacentes ao espaço aberto das praças pode-se citar: a necessidade da percepção de ordem na composição arquitetônica (WEBER, 1995; STAMPS, 2000; REIS E ZERBINI, 2002; REIS E LAY, 2003), a compatibilidade formal entre as edificações (REIS E ZERBINI, 2002; REIS, 2002) e a manutenção das fachadas (MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, LAY, PORTELLA E BENNETT, 2004). Quanto às variáveis que dizem respeito à estética do espaço aberto das praças estão: a presença de vegetação (por exemplo, WHYTE, 1980; WHYTE, 1988; NASAR, 1988; MARCUS E FRANCIS, 1990; BASSO, 2001), a manutenção do ambiente (MARCUS E FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS E LAY, 2002) e a presença de monumentos (KAPLAN E KAPLAN, 1998; MARCUS E FRANCIS, 1990). Quanto às variáveis relacionadas à estética simbólica está principalmente a existência de prédios de interesse histórico e cultural no entorno das praças (LANG, 1987; NASAR, 1988; WEBER, 1995, NASAR, 1998).

1.4 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

1.4.1 OBJETIVOS

Esta pesquisa pretende contribuir na busca de solução ou redução da problemática exposta, para isso, apresenta como objetivos gerais:

(1) Aprofundar o conhecimento acerca da percepção e do comportamento dos usuários de praças, utilizando o conhecimento da área ambiente-comportamento, testando como as diferentes variáveis físico-espaciais influenciam os níveis de satisfação com a estética das praças e qual a relação desses níveis de satisfação estética com o uso das praças. Dessa forma, aumentando a qualidade da experiência estética e do uso desses espaços urbanos pela população em geral.

(2) Fornecer subsídios teóricos para a realização de novos estudos e para a produção de praças mais satisfatórias para os usuários, contribuindo para um ambiente urbano com mais qualidade de vida.

No desenvolvimento desta investigação, pretende-se ser abrangente e contribuir para a produção de espaços mais satisfatórios para a grande maioria da população. Portanto, examina-se os interesses das distintas faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos) de usuários que freqüentam as praças em relação às divergências e semelhanças quanto ao nível de satisfação estética e a influência no uso desses locais. Considerando esses aspectos, são delimitados os seguintes objetivos específicos:

(1) Verificar a relação entre as variáveis associadas aos diferentes aspectos físico-espaciais das praças (fachadas e espaço aberto) e os níveis de satisfação estética dos usuários.

(2) Investigar a relação entre os níveis de satisfação com o conjunto de variáveis associadas às características dos diferentes elementos físico-espaciais presentes nas praças (fachadas e espaço aberto) e a satisfação estética geral com as praças.

(3) Estudar a existência de similaridades e/ ou distinções entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (adolescentes, adultos e idosos), em relação à avaliação dos níveis de satisfação e uso do espaço urbano.

(4) Verificar a relação entre o nível de satisfação estética e a freqüência de uso e tempo de permanência nas praças.

1.4.2 OBJETO DE ESTUDO

A fim de satisfazer os objetivos deste trabalho, é delimitado como estudo de caso o município de Pelotas/RS, mais especificamente a área central desta cidade por possuir questões comuns à maioria das praças existentes nas cidades brasileiras. Tais características correspondem principalmente à existência de praças subutilizadas, vandalizadas e com precária qualidade estética, além de contemplar a presença de bens de interesse histórico e cultural no seu entorno. Também contribui a essa seleção, a facilidade de obtenção dos dados gráficos, fotográficos e teóricos em função de estudos já desenvolvidos pela autora desta dissertação neste município.

A partir da escolha do município de Pelotas e da delimitação da área central da cidade, selecionam-se as praças que serão os objetos de estudo desta dissertação. Logo, dentro do perímetro delimitado, das cinco praças existentes na área, foram selecionadas 3 para serem objetos de estudo em função de variáveis físico-espaciais que diferem umas das outras, permitindo a análise de suas singularidades, tornando assim pertinente sua escolha.

1.5 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

É relevante definir exatamente o que significa alguns termos utilizados ao longo desta pesquisa a fim de evitar entendimentos ambíguos e errôneos no decorrer da leitura.

1) Prédios de interesse histórico e cultural: neste estudo são identificados como prédios de interesse histórico e cultural aqueles que fazem parte do inventário do patrimônio histórico e cultural de Pelotas (LEI MUNICIPAL n° 4.568/00).

2) Vistas: corresponde nesse trabalho ao que é visualizado pelo observador a partir de um determinado ponto do ambiente e é constituída pelos elementos presentes nesse local.

1.6 SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS

1) Capítulo 1: este capítulo introdutório apresenta o problema de pesquisa, aborda resumidamente as variáveis a esse associadas, bem como a proposta para esta investigação e algumas definições conceituais necessárias para melhor entendimento da dissertação.

2) Capítulo 2: este capítulo constitui a revisão da literatura acerca das variáveis associadas à proposta de investigação, sendo apresentadas as justificativas para a seleção dessas e as relações a serem examinadas. O capítulo divide-se em basicamente 3 partes: a parte introdutória do capítulo que trata das praças, seu conceito e importância, justificada através da história, após é abordado sobre a estética e por fim é estabelecida a relação entre estética e uso do espaço urbano.

3) Capítulo 3: este capítulo apresenta a metodologia adotada. Apresenta aspectos relativos à operacionalização das variáveis, seleção dos objetos de estudo, métodos de coleta e de análise de dados, seleção dos grupos de usuários e os principais aspectos ligados à realização do trabalho de campo.

4) Capítulo 4: neste capítulo são apresentados a análise dos dados e os resultados obtidos, sendo verificadas se as relações propostas são sustentadas ou não.

5) Capítulo 5: neste capítulo são revistos os objetivos da dissertação, os principais resultados obtidos, bem como a importância e as implicações dos mesmos para futuras pesquisas e ao aprofundamento da problemática exposta.

CAPÍTULO 2: PRAÇAS – ESTÉTICA E USO DO ESPAÇO

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo examinar os fatores que interferem na estética das praças, e sua relação com o uso dessas, em trabalhos já realizados na área ambiente-comportamento que abordam esta temática. O capítulo é dividido em duas partes, uma que aborda os aspectos relativos à qualidade estética do ambiente, e outra associada à relação entre a estética e uso dos espaços públicos.

Primeiramente são conceituadas as praças, bem como é evidenciada sua importância para a vida pública urbana, através de um breve histórico de sua evolução, desde a antiguidade até os dias atuais. Adicionalmente são abordados os diversos tipos de praças e identificados os mais adequados para a realização do estudo.

Em relação à estética é abordado seu conceito e importância, através da apresentação de algumas tentativas realizadas no Brasil de requalificação dos espaços públicos, por meio da elaboração de diretrizes de controle da qualidade estética. Além disso, são discutidos o processo de apreensão e avaliação da estética pelo indivíduo, as preferências e níveis de satisfação do indivíduo em relação à qualidade estética do ambiente, as dimensões das avaliações estéticas, a objetividade nas avaliações estéticas, bem como as principais variáveis relacionadas à ela. Quanto ao uso das praças é abordada sua relação com a qualidade estética do ambiente. Por fim, são apresentadas, com base nas informações descritas ao longo deste capítulo, as relações a serem examinadas nesta dissertação.

2.2 A PRAÇA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA

As praças, segundo Halprin (1963, apud BASSO, 2001) são classificadas como um dos tipos de espaços públicos abertos urbanos, além das ruas e parques. Esses espaços são caracterizados como de uso comum, ou seja, acessíveis a todas as pessoas que vivem numa cidade e disponíveis às ações espontâneas desses indivíduos. São locais destinados a atender a atividades funcionais, sociais e/ou de lazer (LYNCH, 1990). Logo, para fins deste estudo, as praças são espaços públicos abertos, onde ocorrem as manifestações da vida urbana, projetadas com a finalidade de promover a convivência e a permanência das pessoas nesses locais.

A importância das praças está no fato de que elas são um elemento morfológico ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano (SEGAWA, 1996). Além disso, é o local onde, na maioria das culturas acontece a vida social urbana (SALDANHA, 1993, SEGAWA, 1996). Por exemplo, na antiguidade na Grécia e em Roma, as praças que correspondiam respectivamente ao Ágora e ao Fórum, eram locais de encontro dos cidadãos, onde discutia-se sob céu aberto, política e filosofia (MUNFORD, 1982; SITTE, 1992; ANGELIS, 2007).

Também, na idade média as praças tinham muita importância na vida econômica e social. Pois, nesses locais, as pessoas faziam compras, ouviam notícias, conversavam com amigos, participavam de festas religiosas e presenciavam apresentações artísticas. (SITTE, 1992; SPOSITO 1994-a, apud FERREIRA, 2002; SEGAWA, 1996; WELCH, apud BASSO, 2001).

Contudo, segundo Segawa (1996) entre os séculos XVI e XVIII, a imagem de praças começa a sofrer alterações, e há surgimento de espaços públicos como a *plaza mayor* espanhola (Figuras 1 e 2), as *places royales* francesas (Figura 3) e a *piazza* italiana (Figura 4), cujas configurações tendem a satisfazer o desejo de unidade, com proporções estudadas em relação à planta e às fachadas adjacentes às praças, proporcionando continuidade pela repetição de elementos como janelas, portas e balcões. A área aberta é ocupada por estátuas, fontes e mastros, tornando estes espaços à altura do absolutismo real, da elite dominante (classe burguesa), e do poder eclesiástico e assim, a população mais pobre perde seu espaço na praça cedendo o ambiente à glorificação do rei (BAKHTIN, apud SEGAWA, 1996). Nessa época, novos modelos urbanísticos são adotados e então a cidade medieval, crescida desordenadamente, com seus edifícios concentrados ao longo de estreitas e tortuosas vias, é substituída por uma nova cidade, planificada de acordo com um desenho racional, simétrico e retilíneo (GARIN, 1984, apud SEGAWA, 1996). A idéia de descongestionar as cidades medievais, ampliando ruas, criando avenidas largas e iluminadas e abrindo praças, eliminando antigos núcleos urbanos foi associada à questão da necessidade de evitarem-se grandes calamidades, tais como o incêndio em Londres ocorrido em 1866, que destruiu parte da cidade (SEGAWA, 1996).

Figura 1 – Plaza Mayor – Madri, Espanha
Fonte: http://www.talkingtree.com/gallery/spain/Madrid/index37.cfm

Figura 2 – Plaza Mayor – Salamanca, Espanha
Fonte: http://www.delsolmedina.com/GuiaTuristicaSalamanca.htm

Figura 3 – Place de La Concorde e Place de Vosger – Paris, França
Fonte :http://www.clg-rolland-sartrouville.acversailles.fr/article.php3?id_article=271

Figura 4 – Campidoglio – Roma
Fonte: http://www2.comune.roma.it/museicapitolini/pinacoteca/storia6.htm

Camilo Sitte (1992) comenta que as praças criadas no séc XIX são espaços impessoais e impróprios para o uso coletivo. e lamenta a perda da qualidade estética e do uso das praças pelos indivíduos, em relação às praças antigas, ficando evidente no seguinte trecho:

> Hoje, raramente utilizadas para grandes festas públicas, e cada vez menos para uso cotidiano, elas servem, na maioria das vezes, a nenhum outro propósito, além de garantir maior circulação de ar e luz, provocar uma certa interrupção na monotonia do oceano de moradias e, de qualquer maneira, garantir uma visão mais ampla sobre um edifício monumental, realçando seu efeito arquitetônico. Que diferença da Antiguidade! Nas cidades antigas, as praças principais eram uma necessidade vital de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública, que hoje ocupa espaços fechados, em vez das praças abertas (SITTE, 1992, p.16-17).

Apesar de ocorrer esse confinamento de diversas atividades que antes eram realizadas ao ar livre, em praças, ruas e terrenos baldios, tais como, o teatro, comércio, feiras e outras atividades, para Carr et al (1992) esta privatização é uma grande perda, já que o sistema de espaços públicos pode ser agregador de indivíduos e ajudar na conexão destes com a comunidade e com a natureza. Por outro lado, Robba e Macedo (2002) dizem que atualmente, apesar de existirem muitas opções de lazer e convivência, parece que as praças continuam tendo sua importância na vida pública urbana, onde encontramos amigos e pessoas, convivemos e nos exibimos, passeamos, ou não fazemos nada, apreciando os prazeres de estar ao ar livre e ao sol. Atualmente as praças são dentre outros locais, áreas importantes de lazer urbano, onde crianças e adolescentes vão brincar e jogar, onde praticamos esportes e exercícios físicos, ou apenas nos permitimos deitar sobre a grama e observar a vida passar

Portanto, embora as praças tenham sofrido alterações de usos, inclusive físicas, ao longo da história (estando tais alterações sempre ligadas às transformações que ocorreram nas cidades), conclui-se que as mesmas continuam desempenhando um papel de fundamental importância no contexto das cidades. Ora como local de comércio, encontro, sociabilização, ora como teatro, manifestações religiosas ou de praticas esportivas.

2.3 TIPOS DE PRAÇAS

Os tipos de praças parecem estar relacionados às alterações realizadas nas cidades ao longo dos anos, assim, para o contexto brasileiro as praças tiveram suas origens nos largos das igrejas nas cidades coloniais. Os generosos espaços secos existentes em frente aos templos serviam para a realização de muitas atividades da cidade colonial: saída e chegada de procissões, comércio informal, encontros e passagem (MARX, 1980; ROBBA E MACEDO, 2002). Com a transformação das cidades coloniais em ecléticas as praças adquiriram um caráter ajardinado e contemplativo, conforme descreve Robba e Macedo (2002):

> A praça ajardinada em muito difere dos largos e terreiros coloniais, pois constitui um contraponto a sua fervilhante agitação, uma vez que seu programa priorizava o passeio e a contemplação da natureza, além de haver incorporado os costumes e hábitos do comportamento cortesão próprio do jardim europeu, onde eram exigidos trajes finos e elegância. Assim, quando a praça se tornou ajardinada, deixou de ser o polivalente largo colonial para transformar-se num belo cenário eclético e “naturalista”, onde as elites emergentes da época podiam passear, flanar, ver e serem vistas (ROBBA E MACEDO, 2002).

Um dos primeiros jardins públicos construídos no Brasil foi o Passeio Público do Rio de Janeiro (Figura 5), inaugurado em 1783, baseado nos moldes de um jardim Francês, com perspectiva infinita proporcionada pelo mar, que na época, chegava até seus limites dando um ar de grandiosidade (SEGAWA, 1996; ANGELIS, 2007)

Figura 5 – Passeio Público do Rio de Janeiro
Fonte: Fábio Robba

Posteriormente, com a crescente urbanização das cidades, e a perda das áreas de lazer informais existentes na malha urbana, as praças tornaram-se os principais locais destinados ao lazer urbano. Além disso, com a difusão do hábito de praticar esportes na primeira metade do século XX, houve a inclusão do lazer esportivo e recreativo no programa de necessidades das praças (ROBBA E MACEDO, 2002; ANGELIS, 2007). Essas alterações, associada as mudanças estéticas em função do Movimento Moderno, geraram uma nova configuração para as praças. Na praça Modernista, o traçado não seria mais estruturado por eixos e alamedas que direcionavam o passeio (Figura 6), como fora até então, e sim composto por estares e espaços articulados e entrelaçados, que, ao mesmo tempo, conduziam os pedestres e abrigavam as diversas atividades de lazer, tais como quadras esportivas, *playgrounds*, anfiteatros e outros equipamentos (ROBBA E MACEDO, 2002; ANGELIS, 2007).

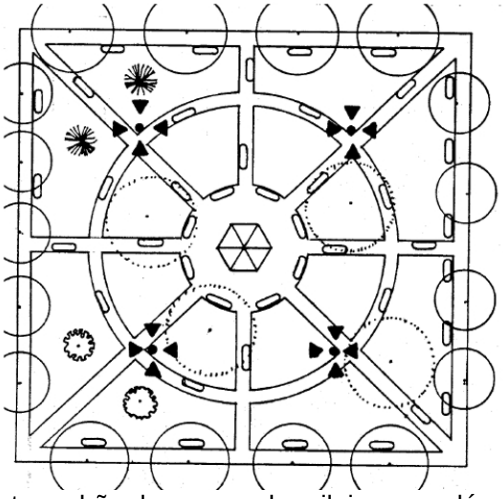


Figura 6 – Projeto padrão das praças brasileiras nas décadas de 50 e 60
Fonte: Winters, apud ANGELIS, 2007

A vegetação, sempre presente no cenário da praça desde o momento do ajardinamento também colaborou na definição dos tipos de praças. Inicialmente, nas praças do Ecletismo, a vegetação era usada ou de maneira rígida nos moldes europeus, sendo plantada em fileiras, bordaduras e com poda do tipo topiária, ou era usada para compor um cenário requintado com utilização de espécies na maioria das vezes exóticas (ROBBA E MACEDO, 2002). Com o modernismo, passaram a ser fortemente utilizadas espécies nativas da flora brasileira e a vegetação entra como um elemento tridimensional para compor o espaço em três níveis: forrações, arbustos e árvores (ROBBA E MACEDO, 2002).

Atualmente, na praça contemporânea o uso contemplativo e o lazer ativo permanecem, porém, novos usos incluídos, por exemplo, a volta da atividade comercial na praça, ou, em zonas de grande trânsito de pedestres, a utilização de grandes pisos desobstruídos destinados à passagem dos transeuntes, configurando um retorno à praça-seca (ROBBA E MACEDO, 2002). A vegetação continua sendo utilizada como no Modernismo criando e configurando espaços, porém a utilização de espécies vegetais exóticas ou características de outras paisagens é muito recorrente de modo a evocar paisagens consagradas, resgatando o Ecletismo do começo do século XX (ROBBA E MACEDO, 2002).

Em termos de classificação das praças de acordo com o uso pode-se citar o trabalho de Rigotti (1956, apud ANGELIS, 2007) que enquadra as praças em dois grandes grupos: de descanso e de circulação. Segundo esse trabalho as praças de circulação dividem-se em praças de estacionamento, praças de estação e praças de edifícios públicos. Já as praças de circulação admitem os seguintes subtipos: de mercado, de igrejas e palácios, monumentais, de reuniões e praças de espetáculos. Um estudo mais recente, realizado por Matas (1983, apud ANGELIS, 2007) sobre as praças de Santiago do Chile, classifica os tipos de praças em quatro categorias: de significação simbólica, de significação visual, com

função de circulação e com função recreativa. A praça de significação simbólica é um marco urbano, lembrado pela população, normalmente de desenho monumental e relacionada com algum acontecimento de importância nacional. A praça com significação visual é aquela subordinada a algum monumento ou prédio, geralmente público de importância. A praça com função recreativa é aquela onde é desenvolvida atividades de entretenimento, passeio, encontro. Por fim a praça de circulação é aquela que em função de sua localização se converte em um local de passagem obrigatório de veículos e/ou pedestres.

Portanto, a fim de relacionar a estética com o uso das praças avaliadas neste estudo, as mesmas devem ser do tipo de significação visual ou de recreação. Uma vez que os usuários destes tipos de praças utilizaram provavelmente freqüentam mais vezes e utilizam por mais tempo as mesmas que os usuários dos demais tipos de praças. Essas características, portanto, facilitam a avaliação estética das praças pelos seus usuários.

2.4 ESTÉTICA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA

A definição tradicional de estética refere-se à beleza expressa através das artes e implica em sentimentos extremos e intensos (LANG, 1987). A estética, segundo Kant (1790, apud STAMPS, 2000) é um julgamento baseado nos sentimentos de prazer e desprazer. Para ele, se a forma física do objeto, ou seja, sua forma geométrica (aspectos formais) corresponde com a lógica de entendimento do indivíduo, este objeto é avaliado como prazeroso e, portanto, julgado belo (STAMPS, 2000).

Atualmente, no que se aplica aos estudos urbanos, e para fins deste trabalho, é adotado o conceito de que estética diz respeito a respostas emocionais, relacionadas às qualidades formais e simbólicas dos elementos que compõem o espaço urbano, de qualquer intensidade, as quais as pessoas experienciam regularmente quando em interação com o ambiente (WOHLWILL, 1974, apud NASAR, 1988).

A relevância da qualidade estética do ambiente é verificada na medida em que a avaliação estética de projetos tem sido implementada na maioria das grandes cidades dos Estados Unidos, França, Alemanha, Suécia, Itália, Espanha entre outros países como uma forma de tentar garantir o controle estético do espaço urbano. Esse tipo de política pública é uma forma encontrada de tentar garantir uma regulamentação para o desenvolvimento do espaço urbano através do controle de atributos físicos e usos dos edifícios e espaços vazios entre eles, assegurando uma experiência agradável para o público que utiliza o espaço (STAMPS, 2000). Com isso é evidenciado que existe considerável esforço por parte de muitos países

em tentar garantir a qualidade estética do espaço público urbano. No entanto, mais estudos devem ser realizados a fim garantir que essas regulamentações expressem a opinião estética da maioria da população esclarecendo como as características estéticas dos espaços afetam direta ou indiretamente os usuários. Pois, como afirma a Suprema Corte dos Estados Unidos a beleza ambiental é de legítimo interesse público e deve estar baseada nas preferências da população e não no gosto pessoal de funcionários do governo. Atualmente, em 30 estados, as cortes Americanas determinam que as considerações estéticas são suficientes para estabelecer regulamentações, citando o critério de análise da qualidade estética como suficiente para uma base adequada de desenvolvimento. (SANOFF, 1991; STAMPS, 2000; REIS E LAY, 2003).

Nos Estados Unidos a importância da qualidade estética foi reconhecida através de iniciativas como o *National Environmental Policy Act* de 1969 e o *Coastal Zone Managemen Act* de 1972, que determinam uma avaliação cuidadosa dos efeitos de grandes projetos no ambiente, e inclusive requerem considerações dos impactos visuais destes. Além dessas, outras iniciativas como os comitês de avaliações arquitetônicas e associações de melhorias dos centros urbanos evidenciaram a importância da estética (SANOFF, 1991).

Ainda é relevante destacar, em relação a importância da qualidade estética do ambiente que diversos estudos, realizados no Brasil e no exterior, indicam este como um aspecto fortemente associado à satisfação das pessoas com o ambiente, influenciando nas suas atitudes e comportamentos. (STAMPS, 2000; AZEVEDO, 2000; REIS E LAY, 2003; PORTELLA, 2003; NASAR, 1988; WEBER, 1995). Nesse sentido, cabe frisar que as atitudes dizem respeito às opiniões e idéias, enquanto comportamentos referem-se a ações, passivas ou não (REIS, 2002).

No Brasil, alguns projetos de revitalização urbana, embora não tratem especificamente da revitalização urbana de praças, são iniciativas que levaram em conta além de aspectos relativos à historicidade, considerações de controle estético, como tentativas de requalificação de espaços públicos urbanos. Esses projetos ilustram a preocupação com a estética para a qualidade de vida urbana, pois possuem em comum o objetivo de reverter o processo de deterioração da qualidade estética de determinados locais, tendo como um dos focos principais o controle da qualidade estética por meio da elaboração de diretrizes e da aprovação de intervenções por comissões constituídas para esse fim. O conceito de revitalização está intimamente ligado a valorização do passado, buscando resgatar tradição e a memória coletiva sem inibir a modernidade. Por ser bastante abrangente, este termo engloba a reabilitação de áreas abandonadas, a restauração do patrimônio histórico e

arquitetônico, a reciclagem de edificações e a requalificação urbana de setores degradados, tais como praças e parques (FERREIRA, 2002).

O Projeto Corredor Cultural de 1979 trata de promover melhorias na qualidade estética da área do centro da cidade do Rio de Janeiro. O projeto estabelece diretrizes de controle do uso do solo, de disposição e formatação dos anúncios publicitários. As intervenções realizadas devem ser aprovadas pelo Grupo Executivo do Corredor Cultural. Como contrapartida promove a isenção do IPTU desses imóveis que estiverem compatíveis com as normas (FERREIRA, 2002; PORTELLA, 2002). Dentre as áreas atingidas pelo corredor cultural do Rio de Janeiro está o espaço urbano do entorno da Praça XV (Figura 7), além da Cinelândia (Figura 8) onde se localiza o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional.

Figura 7 – Praça XV - Rio de Janeiro
Fonte: Jornal do Brasil, 2004, apud
www.simonsen.br/rds/geo/artigo3.php

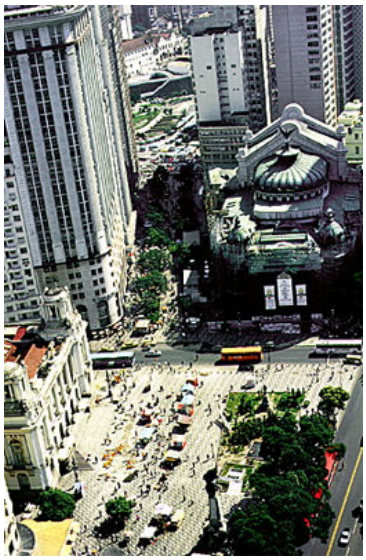


Figura 8 - Cinelândia - Rio de Janeiro
Fonte: Riotur, 2004, apud
www.simonsen.br/rds/geo/artigo3.php

Também o Projeto Reviver, de 1979, em São Luis, estabelece uma área de dez ruas, onde os prédios, praças e jardins foram restaurados (Figura 9), por meio de incentivos, e os carros proibidos de circular. A largura das calçadas e a iluminação com tons originais foram preservadas (Figura 10), e, para tanto, toda a fiação elétrica e telefônica é subterrânea visando a melhor aparência da área (FERREIRA, 2002, PORTELLA, 2002).

Figura 9 – Projeto Reviver (Prédios) - São Luis, Maranhão, 1999
Fonte: http://www.stw.tur.br/

Figura 10 – Projeto Reviver (Ruas) - São Luis, Maranhão
Fonte: http://www.ma.gov.br/cidadao/saoluis/centro_historico/programa_3etapa.php

A Recuperação da Área do Pelourinho, em Salvador, na Bahia iniciou em 1992, quando foram restaurados vários prédios e atribuídos novos usos (Figura 11) a eles. Neste projeto a reconstituição das fachadas deu-se de acordo com seu aspecto original, de maneira a criar um ambiente externo (Figura 12) que valorize o caráter histórico do local, já internamente as construções foram modificadas e adaptadas aos novos usos (FERREIRA, 2002, PORTELLA, 2002).

Figura 11 – Pelourinho - Salvador - Bahia
Fonte:http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/02.shtml

Figura 12 – Praça Terreiro de Jesus, Pelourinho - Salvador – Bahia, 2003
Fonte:http://www.pbase.com/wcph/image/55880641

Por fim, através da revisão da literatura, a importância da estética para a qualidade de vida urbana tende a ser evidenciada tanto em países estrangeiros como no Brasil. No entanto, um maior aprofundamento dessa relação parece necessário para que mais iniciativas sejam realizadas. Nesse sentido, destacam-se das experiências realizadas no Brasil,

principalmente a recuperação do Pelourinho, em que a melhoria da qualidade estética e os novos usos atribuídos as residências da área (como bares e cafés) tentam aumentar o uso (através do turismo) sendo verificado, nesse local, uma relação positiva entre estética e uso.

2.4.1 PROCESSOS DE APREENSÃO E DE AVALIAÇÃO DA ESTÉTICA PELO INDIVÍDUO

O processo de apreensão e avaliação da qualidade estética envolve duas etapas complementares: a percepção e a cognição. O conceito de percepção tem sido abordado de duas maneiras principais, uma está relacionada à obtenção de informações, captadas por meio dos sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar), provenientes dos atributos físicos presentes no ambiente, estando intrinsecamente ligada a experiência direta e imediata (WEBER, 1995; MOORE E GOLLEDGE, 1976, apud REIS E LAY, 2006). Neste sentido, é relevante salientar que embora a percepção inclua as sensações não visuais, a visão, é dominante sobre os demais sentidos no caso dos seres humanos, fornecendo bem mais informações que todos os outros sentidos combinados (PORTEOUS, 1996, apud REIS E LAY, 2006).

A outra abordagem trata o conceito de percepção como a totalidade do processo de interação do usuário com o ambiente construído, envolvendo a etapa relacionada aos estímulos sensoriais, e a etapa relacionada ao envolvimento de vários fatores registrados na memória e na personalidade (GOLLEDGE E STIMSON, 1997; DOWNS; STEA; ITTELSON; RAPOPORT, 1977, apud REIS E LAY, 2006). Podendo assim, segundo Reis e Lay (2006) ser confundida com o conceito de cognição. Ainda, a percepção pode ser entendida por alguns pesquisadores na área ambiente-comportamento como um subconjunto ou função da cognição. Dessa forma, a percepção seria afetada pelas estruturas cognitivas do indivíduo uma vez que a atenção é seletiva e os indivíduos prestam atenção no que já é conhecido e naquilo que estão motivados a conhecer, dependo de suas experiências anteriores (GIBSON; MOORE; GOLLEDGE, 1976, apud REIS E LAY, 2006).

Portanto, o conceito de percepção é compreendido tanto como uma experiência exclusivamente sensorial, quanto como uma experiência onde está incluída o conjunto de informações e valores que o indivíduo possui sobre o ambiente. Para fins deste estudo, é adotada essa primeira idéia. Assim, a percepção indica que os atributos formais das praças tendem a ter impactos relacionados ao conceito de ordem e que estes impactos tendem a ser estáveis para diferentes grupos de observadores. Conforme evidenciado pela teoria da Gestalt que identificou padrões formais que tendem a provocar estímulos visuais e reações

similares em pessoas com distintas formações culturais (p.ex. PRAK, 1985, apud REIS E LAY, 2006).

A cognição refere-se ao processo de armazenagem, organização e uso destas informações percebidas (LANG, 1987; KAPLAN, apud NASAR, 1988; GOLLEDGE E STIMSON, 1997). Conforme psicólogos, o processo de cognição não necessita estar ligado ao comportamento imediato, diferentemente da percepção, nem tampouco, necessita estar diretamente relacionado a alguma coisa ocorrendo no ambiente. Embora os processos de percepção e cognição sejam quase que simultâneos, teoricamente a percepção ocorre antes de o indivíduo tornar-se consciente do significado e valor de um elemento, ou seja, antes da cognição, pois é através dela que as sensações adquirem valores, significados (WEBER, 1995).

Através dos processos de percepção e cognição são estabelecidas relações entre o indivíduo e o ambiente físico. Essas relações, obtidas por meio dos estímulos sensoriais percebidos e das experiências prévias, valores e motivações, formam uma representação mental do ambiente real, denominada de imagem mental (Figura 13). Esse produto final do processo de percepção ambiental é avaliado pelo indivíduo como positivo ou negativo e influencia nas reações físicas (comportamentos) e mentais (atitudes) dos usuários em relação ao ambiente (GOLLEDGE E STIMSON, 1997; REIS E LAY, 2006).

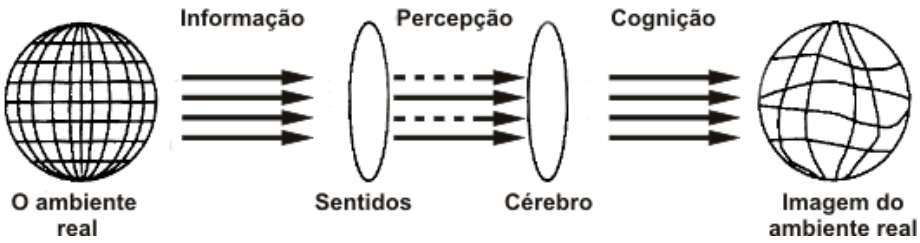


Figura 13 - Processo de formação de imagens
Fonte: GOLLEDGE & STIMSON, 1997

A resposta avaliativa tem relação com os atributos físicos do ambiente, envolvendo os processos de percepção e cognição, formação de atitude e afeto manifestado pelo comportamento, conforme é mostrado na figura abaixo (Figura 14), que representa o processo de avaliação ambiental. Neste processo, o espaço é analisado com relação aos efeitos que as características físico-espaciais têm sobre os indivíduos, e como estes aspectos afetam as atitudes e comportamentos dos usuários destes espaços. O propósito deste tipo de avaliação é qualificar o projeto, avaliar a qualidade deste e consequentemente o desempenho do ambiente construído. Este processo pode ser realizado por meio das

respostas afetivas ou comportamentais dos usuários, que pode ser medida através dos seguintes critérios de desempenho: níveis de satisfação e comportamento propriamente dito (REIS E LAY, 1993; REIS E LAY, 1995; REIS E LAY, 2006).

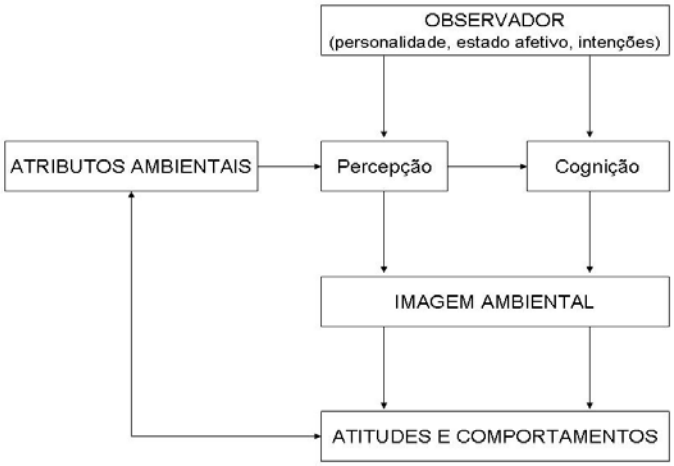


Figura 14 - Processo de avaliação ambiental
Fonte: BASSO, 2001 – adaptada do gráfico de DAVID MILLER em NASAR, 1988; LAY, 1992.

Portanto, a diferenciação entre a experiência sensorial e a cognitiva é importante para a realização deste trabalho, já que ambas apresentam implicações para as intervenções arquitetônicas e urbanas, para a avaliação da qualidade de projetos e para o desempenho do ambiente construído. Por exemplo, a avaliação do ambiente, realizada pelo indivíduo é resultado de um processo de interação entre estes, podendo variar, de acordo com a personalidade, experiência sociocultural, expectativas e fatores internos e externos ao indivíduo (NASAR, 1988). No entanto, embora as pessoas nem sempre compartilhem da mesma resposta avaliativa, existem padrões nas respostas, que com base no processo de percepção dos indivíduos é possível identificar características similares e diferenças que provocam respostas avaliativas positivas ou negativas, evidenciando assim, que é possível chegar a um consenso sobre as respostas estéticas de um determinado grupo de indivíduos. (LYNCH, 1997; MICHELSON, 1976, apud NASAR, 1988).

2.4.1.1 NÍVEIS DE SATISFAÇÃO E COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO EM RELAÇÃO À QUALIDADE ESTÉTICA DO AMBIENTE

A satisfação tem sido utilizada em pesquisas, como critério de avaliação de duas maneiras principais: para determinar o nível de satisfação do usuário com um determinado aspecto do ambiente e também como uma maneira de avaliar a importância de tal aspecto para a

satisfação geral com o espaço (REIS E LAY, 1993; REIS E LAY, 1995). Neste estudo, portanto, ambos os tipos de análise são utilizados a fim de identificar a relação entre os níveis de satisfação em relação à qualidade estética do ambiente.

A medida de satisfação da pessoa para com um determinado ambiente é obtida através de uma abordagem diferencial entre o ambiente real e o desejado, e depende da avaliação de uma série de atributos do ambiente, resultando em níveis de satisfação positivos ou negativos (WARD E RUSSEL, 1981, apud NASAR, 1988; REIS E LAY, 1993; STAMPS, 2000; LAY, 1992, apud BASSO, 2001). Assim, considera-se que ao existir um alto grau de satisfação do indivíduo com o ambiente existe, consequentemente, existe um bom desempenho ambiental.

A satisfação dos usuários tem sido um fator fortemente conectado a estética ambiental em diversos tipos de espaços. Estudos indicam que esta relação se verifica em ambientes residenciais, como no caso de conjuntos habitacionais (COOPER, 1970, apud LAY, 1995; ANDERSON E WEIDEMANN, em MOORE E MARANS, 1997; REIS E LAY, 2003), na paisagem de espaços públicos urbanos, tais como ruas e avenidas (p.ex. STAMPS, 2000; AZEVEDO, 2000; PORTELLA, 2002), e nas paisagens naturais e rurais (p.ex. FENTON, apud NASAR, 1988; HERZOG, apud NASAR, 1988; NASAR ET AL, apud NASAR, 1988).

Assim, partindo-se do pressuposto que a estética do ambiente é algo importante que depende da avaliação de uma série de elementos físico-espaciais (variáveis composicionais) presentes nesse ambiente, existe a necessidade de aprofundar o conhecimento a respeito da relevância de cada um desses elementos (presentes nas praças) para a satisfação estética geral, assim como sua relação com o uso das praças.

Quanto ao comportamento, em pesquisas já realizadas, é estabelecido que as manifestações comportamentais dos indivíduos expressam a maneira com que certos atributos ambientais são percebidos e avaliados pelos usuários. Estudos realizados em conjuntos habitacionais comprovam que a maioria dos problemas que afetam seu desempenho tem origem na inadequação de sua proposta, no que diz respeito ao seu potencial de responsividade, isto é, o potencial que o ambiente construído possui para responder simbólica e funcionalmente às necessidades dos usuários. (REIS E LAY, 1993).

Logo, partindo da premissa que a avaliação ambiental que as pessoas realizam, influencia no seu comportamento, estudos indicam que ambientes avaliados positivamente tendem a ser mais visitados e as pessoas tendem a demorar-se, ao contrário de ambientes avaliados negativamente que tendem a ser evitados (MEHRABIAN E RUSSEL, 1974, apud NASAR 1988; OSGOOD, 1971, apud NASAR, 1988; ULRICH, 1973, apud NASAR, 1988; REIS E LAY, 1993).

Adicionalmente, segundo Gehl (1980) somente quando existe a possibilidade de sentar as pessoas podem permanecer na praça por algum tempo, quando as oportunidades são poucas ou insatisfatórias, as pessoas apenas caminham pela praça. Para tanto, a fim de testar a relação entre a estética e o uso das praças e tendo como premissa de que a qualidade estética satisfatória tende a atrair a atenção da pessoa, provocando um sentimento de agradabilidade (STAMPS, 2000), entende-se, neste estudo, que a pessoa sentada tende a estar manifestando através deste comportamento, uma resposta avaliativa positiva às características físicas do ambiente.

Portanto, neste estudo, a qualidade estética das praças é avaliada não somente através do nível de satisfação com os vários aspectos estéticos do ambiente, mas também por meio do comportamento manifestado pelos usuários (p. ex. REIS E LAY, 1993). Para isso é estudada a relação entre o tempo de permanência, a freqüência com que os espaços são utilizados, e o nível de satisfação estética dos usuários com o espaço.

2.4.1.2 DIMENSÕES DAS AVALIAÇÕES ESTÉTICAS

A avaliação afetiva ocorre quando uma pessoa realiza um julgamento levando em conta qualidades, tais como o interesse, o relaxamento, o prazer e outros sentimentos (RUSSEL apud NASAR, 1988). Estudos realizados identificam que as qualidades afetivas de um ambiente são aspectos importantes, utilizadas para as pessoas compararem um lugar com outro, decidir aonde ir, o que fazer e se querem retornar ou não ao local (NASAR, 1988). Portanto, a avaliação estética, uma vez que é baseada em respostas emocionais, relacionadas ao sentimento de prazer e desprazer (WOHLWILL, 1974, apud NASAR, 1988), é também, necessariamente uma avaliação afetiva.

Conforme Russel (apud NASAR, 1988) e Stamps (2000) existem três componentes básicos dos sentimentos, que são: o prazer, a excitação e o domínio. No entanto, pesquisas realizadas por Stamps (2000), Russel e Ward (1981, apud NASAR, 1988), Lowenthal e Riel (1972, apud NASAR, 1988), Canter (1969, apud NASAR, 1988) e Kant (1970, apud NASAR, 1988) identificam a agradabilidade e o interesse como as dimensões avaliativas de maior ocorrência em relação a qualidade estética de um ambiente. As relações existentes entre as dimensões das avaliações estéticas são ilustradas através do diagrama (Figura 15) de Stamps (2000) e Russel (apud NASAR, 1988).

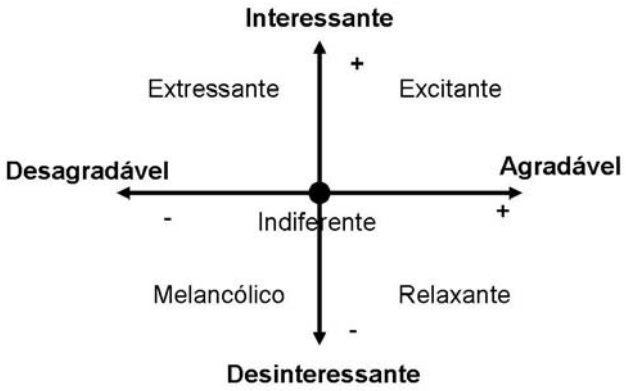


Figura 15 - Diagrama das dimensões avaliativas
(Fonte: adaptado de STAMPS, 2000 E RUSSEL, apud NASAR, 1988)

2.4.1.2.1 INTERESSE

O interesse relaciona-se à curiosidade, a algo atraente, simpático, que prende a atenção, cativa o espírito, ou seja, uma atração despertada pelo ambiente no observador (WEBER, 1995, FERREIRA, 1999) e é independente do sentimento de agradabilidade (Figura 15) (NASAR, 1988). Embora não seja negado que o ambiente pode ser ao mesmo tempo prazeroso e interessante, existem também alguns locais que chamam nossa atenção e, no entanto, são caracterizados como desagradáveis (KAPLAN, apud NASAR, 1988).

Alguns estudos realizados, abordam a questão do interesse e indicam os seguintes aspectos relacionados ao interesse: elementos estranhos, que se movem, brilhantes, animais selvagens, sons altos (JAMES, 1892, apud NASAR, 1988; KAPLAN ET AL, 1981, apud NASAR, 1988). Em relação à excitação e ao relaxamento, segundo Nasar (1998) essas dimensões referem-se a avaliação da imagem como positiva ou negativa, como também ao grau de interesse despertado no indivíduo por determinada composição formal: um lugar excitante, por exemplo é considerado mais agradável e interessante que do que um local melancólico e um lugar tranqüilo é classificado como mais agradável e menos interessante que um entediante (NASAR, 1988). Logo, as investigações relativas ao interesse abordam além do interesse/apatia a excitação/melancolia e o estressamento/relaxamento (NASAR, 1988, STAMPS, 2000).

Contudo, uma questão que pode dificultar a aplicação da dimensão de interesse às avaliações ambientais, é a similaridade entre os termos interesse e agradabilidade em países de língua portuguesa (PORTELLA, 2003). Embora segundo Ferreira (1999, p.64, 957) o termo agradável refere-se a algo "que dá prazer aos sentidos" e interesse relaciona-

se a algo "atraente, simpático, que prende a atenção, que desperta a curiosidade ou cativa o espírito", para o indivíduo comum, no Brasil, pode tornar-se difícil distinguir entre um ambiente agradável e um interessante. Portanto, em vista disso, para fins deste estudo, é utilizada apenas a agradabilidade como dimensão avaliativa no ambiente das praças.

2.4.1.2.2 AGRADABILIDADE

A agradabilidade diz respeito ao sentimento de prazer propriamente dito, relacionado aos sentidos (NASAR, 1988). Estudos indicam que o oposto de agradabilidade não é a indiferença e sim a desagradabilidade (Figura 15), sendo que a magnitude deste sentimento pode variar entre os pólos negativos e positivos (STAMPS, 2000).

Pesquisas realizadas (NASAR, 1988; STAMPS, 2000) têm abordado esta característica, sob dois principais aspectos: (1) composicionais – relativo a variação da agradabilidade em função dos distintos grupos de usuários do espaço (p.ex.: "experts" e o público em geral, culturas distintas e outras características) e (2) contextuais – relativo a variação da agradabilidade e do interesse relacionado as características físicas do ambiente, identificando suas qualidades objetivas.

Portanto, este estudo busca identificar como os aspectos composicionais dos usuários das praças e contextuais do ambiente das praças se relaciona com a agradabilidade, a fim de revelar e identificar padrões de preferências que possam formar uma base teórica para subsidiar decisões de desenho urbano nestes locais.

2.4.1.3 OBJETIVIDADE NAS AVALIAÇÕES ESTÉTICAS

Uma das formas de garantir a agradabilidade estética aos usuários do espaço urbano é através das legislações de controle estético que segundo Stamps (2000), são ações governamentais com o propósito de regular o desenvolvimento físico de uma área geográfica de maneira a refletir a determinação pública de como esse local deve parecer no futuro. Essas determinações devem ser claras e objetivas, a fim de facilitar o entendimento e a aplicação. No entanto, um dos grandes problemas enfrentados é a utilização de termos vagos ou ambíguos, que não definem como as características do ambiente devem ser organizadas, por exemplo, "adequar o edifício ao seu contexto", "evitar excessiva similaridade" (Stamps, 2000).

Nesse caso, estudos indicam que a utilização de critérios, baseados em conceitos que possibilitem a clara determinação da presença ou ausência de certas características no ambiente urbano, é uma forma de evitar a falta de clareza dos termos (RUSSEL, apud

STAMPS, 2000). Da mesma forma, o uso de tautologismo, ou seja, a utilização de um termo para substituir outro equivalente a ele não é recomendável, na medida em que a função dos princípios de desenho é esclarecer sobre os efeitos estéticos desejados para o local, eliminado idéias confusas (STAMPS, 2000). Cabe, portanto, nesta pesquisa, a fim de evitar a utilização de expressões vagas e tautologismos, a distinção entre a objetividade e a subjetividade nas avaliações estéticas.

Segundo a teoria estética de Kant (1970, apud STAMPS, 2000), o julgamento estético é baseado no sentimento de prazer ou desprazer sob determinadas circunstâncias. Sendo o sentimento completamente subjetivo, a parte objetiva do julgamento estético está associada ao processo de percepção e a descrição das relações formais (baseadas na idéia de ordem e estímulo) do objeto analisado, as quais explicam a satisfação ou insatisfação estética (STAMPS, 2000).

Conclui-se, que esse tipo de esclarecimento é importante para este estudo, uma vez que os instrumentos utilizados para a identificação das preferências dos indivíduos a respeito dos elementos físico-espaciais presentes no ambiente das praças, questionam sobre os sentimentos provocados por esses elementos nos indivíduos, a fim de identificar os níveis de satisfação destes com os vários aspectos do ambiente. Entretanto os resultados obtidos estão relacionados as características físicas dos ambientes e não aos sentimentos (STAMPS, 2000).

2.4.2 FATORES COMPOSICIONAIS - DISTINTOS GRUPOS DE USUÁRIOS

Os fatores composicionais são aqueles relacionados ao próprio indivíduo: os valores sociais e culturais (p.ex. LANG, apud NASAR, 1988); as necessidades relacionadas ao estilo de vida e aos interesses profissionais (p.ex. NASAR, 1988; LYNCH, 1997); as experiências passadas (p.ex. GOLLEDGE E STIMSOM, 1997; LANG, 1974); a familiaridade (RAPOPORT, 1978; KAPLAN E KAPLAN, 1989) entre outros.

Dentre esses diversos fatores composicionais que parecem influenciar na avaliação estética das praças, está a faixa etária dos freqüentadores (LYNCH, 1997). Estudos já realizados revelam diferenças quanto às avaliações estéticas entre grupos com diferentes características (NASAR, 1988; STAMPS, 2000; PORTELLA, 2003). Essas diferenças podem ser parcialmente explicadas pelo fato de que dependendo das motivações do observador, a atenção é direcionada para determinadas características de uma configuração formal (LANG, apud NASAR, 1988).

Logo, existe a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre análise e a comparação da qualidade estética por usuários com diferentes faixas etárias aplicada à realidade brasileira. Isso se justifica na medida em que o espaço das praças é freqüentado por diversos tipos de indivíduos (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e deve, para não interferir negativamente na qualidade de vida das pessoas, possuir uma aparência percebida como agradável, pela maioria dos usuários, independente da sua faixa etária.

2.4.3 FATORES CONTEXTUAIS - VARIÁVEIS RELACIONADAS À ESTÉTICA DO AMBIENTE

Os fatores contextuais dizem respeito às características físico-espaciais existentes. Neste caso, dois tipos de variáveis têm sido tratadas nos estudos estéticos: as formais, que enfatizam a estrutura das formas e as simbólicas, que dizem respeito ao conteúdo das formas, ou seja, são significados inferidos sobre a forma percebida (LANG, 1987; MOORE E MARANS, 1997; REIS, 2002).

Neste estudo, ambas as categorias são consideradas, pois, embora a experiência estética sensorial visual esteja mais ligada a etapa da percepção de apreensão da forma, a estética simbólica não pode ser desconsiderada já que as associações com a forma são estabelecidas através do processo de cognição, formando assim, a imagem final que o indivíduo faz do ambiente. (NASAR, 1988; GOLLEDGE E STIMSOM, 1997; LANG, 1987, apud, REIS E LAY, 2006).

2.4.3.1 VARIÁVEIS RELACIONADAS À ESTÉTICA FORMAL

De acordo com estudos realizados, as variáveis relacionadas à estética formal de praças podem ser agrupadas em dois níveis, conforme os distintos elementos físico-espaciais presentes nesses ambientes: (1) diz respeito à qualidade estética das fachadas das edificações adjacentes ao espaço aberto (WEBER, 1995; STAMPS, 2000; REIS E ZERBINI, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, PORTELLA, BENNETT E LAY, 2004); (2) trata da qualidade estética do espaço aberto das praças (MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, PORTELLA, BENNETT E LAY, 2004). Além desses dois níveis, existem locais que apresentam um terceiro nível, relacionado à qualidade estética das visuais para o exterior das praças (CAMPOS, 1999; MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS, LAY E AMBROSINI, 2003). Por exemplo, em Vancouver, as praças à beira mar com vistas de montanhas distantes e das atividades na marinha, foram classificadas como mais agradáveis do que a maioria dos outros espaços que não apresentavam esses elementos (MARCUS E FRANCIS, 1990).

Entretanto, praças com este tipo de característica, localizadas na zona central não é comum, na maioria das cidades brasileiras, uma vez que normalmente, no interior da malha urbana, as faces que delimitam as praças são constituídas por edificações, bloqueando as visuais para o exterior. Logo, este trabalho irá se deter nos dois primeiros níveis, aquele que trata da estética das edificações que delimitam as praças e da estética dos espaços abertos, conforme especificado mais adiante na metodologia.

Cada item a seguir, descreve os elementos físicos espaciais que compõem a estética das praças nos dois níveis avaliados nesta pesquisa:

2.4.3.1.1 NÍVEL DA ESTÉTICA DAS EDIFICAÇÕES ADJACENTES AO ESPAÇO ABERTO DAS PRAÇAS:

Neste nível são abordados, em função de estudos já realizados, os principais aspectos que influenciam na avaliação estética das fachadas, os quais ainda não foram suficientemente esclarecidos, existindo lacunas a respeito de sua relação com o nível de satisfação dos usuários. Logo, são identificados os seguintes aspectos: a existência de ordem na compositiva nas fachadas das edificações, o nível de manutenção das fachadas e o valor histórico dessas.

2.4.3.1.1.1 Existência de ordem compositiva nas edificações

A existência de ordem na composição das fachadas implica na idéia de unidade, estrutura, ou princípio que governe a organização dos elementos compositivos (REIS, 2002). Em um ambiente ordenado, as relações existentes entre os elementos que constituem a paisagem correspondem aos princípios ordenadores da Teoria da Gestalt (LANG, 1987).

A importância da existência de ordem no ambiente é evidenciada na medida em que ela é indispensável ao funcionamento de qualquer sistema, pois sem essa, não há como compreender o que determinado conjunto de elementos transmitem ao receptor. Consequentemente, a percepção de ordem provoca uma reação satisfatória ao observador e é uma condição para a assimilação da forma (WEBER, 1995).

A idéia de que a qualidade estética de um ambiente está ligada ao grau de ordenamento dos seus elementos constituintes é sustentada por diversos estudos que demonstram que a existência de ordem é fator imprescindível para que a composição formal possa ser apreendida adequadamente e avaliada como positiva pelo indivíduo (WEBER, 1995; BERLYNE, 1971, apud NASAR, 1988; WOHWILL, 1976, apud NASAR, 1988; STAMPS, 2000).

A compatibilidade formal entre as fachadas das edificações que delimitam as praças também está associada a idéia de ordem. Este termo diz respeito a organização das características formais de uma edificação em relação às demais construções do contexto e aos elementos naturais (REIS, 2002). Esta característica pode ser obtida, por exemplo, através de: escala, cor e textura dos materiais, tipos e formas das aberturas, cobertura, relação de cheios e vazios entre outros fatores (REIS E ZERBINI, 2002; REIS, 2002).

A importância de abordar a questão da compatibilidade formal dos prédios que delimitam o espaço aberto das praças deve-se ao fato de que a qualidade estética do ambiente aumenta conforme o indivíduo tem seus sentidos estimulados através da continuidade, variedade e dos padrões formais existentes no espaço. Dessa forma, o planejamento do ambiente deve considerar as características construídas e naturais do contexto (REIS, 2002).

Nesse sentido, é relevante para esse trabalho aprofundar o conhecimento a respeito da relação entre a necessidade de ordem e o nível de satisfação com as fachadas que delimitam os espaços abertos das praças, uma vez que nenhum dos trabalhos realizados são conclusivos a este respeito, bem como a maioria deles não se aplica ao espaço urbano das praças.

2.4.3.1.1.2 Valor histórico das edificações

As edificações de valor histórico são aquelas que fazem parte do patrimônio histórico e cultural. Segundo Lemos (1987) patrimônio histórico é tudo e qualquer coisa (material ou imaterial) que mantenha viva a memória e a identidade de um determinado grupo numa determinada época. O valor histórico das edificações diz respeito a estética simbólica, ou seja, são associações que o indivíduo estabelece entre as formas percebidas e os significados a que elas remetem (LANG, 1987). Estes significados podem estar vinculados, por exemplo, ao uso das edificações, e a determinadas características físicas, dos elementos construídos e/ou naturais, presentes no ambiente, que possibilitam associações no observador (LANG, 1987; NASAR, 1988; WEBER, 1995, NASAR, 1988). A questão do simbolismo estético é inerente a qualquer processo de percepção do ambiente construído, pois isto acontece mesmo inconscientemente (LANG, apud NASAR, 1988). Por conseqüência, este aspecto influencia nas respostas avaliativas, sobre as fachadas, e deve ser levado em conta em trabalhos que tratem da estética ambiental.

Embora diversos estudos tenham abordado a relação entre o valor histórico das edificações e o nível de satisfação com as fachadas, (p.ex. AZEVEDO, 2000; PORTELLA, 2003), nenhum deles trata especificamente de fachadas que delimitam praças. Além disso, os

resultados apontados a este respeito não são conclusivos e, portanto, mais estudos merecem ser realizados a fim de aprofundar os conhecimentos.

2.4.3.1.1.3 Manutenção das fachadas

A manutenção das fachadas é um aspecto considerado em vários estudos como relevante para a satisfação estética com as edificações (MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, LAY, PORTELLA E BENNETT, 2004). Dentre os estudos realizados, alguns identificam a importância da manutenção das fachadas para a satisfação com a aparência externa do ambiente residencial (p.ex. REIS, 1998; REIS E LAY, 2003). Outra pesquisa, realizada em praças, considera a influência da manutenção dos prédios do entorno do espaço aberto no nível de satisfação com a estética deste ambiente (MEIRA, REIS E LAY, 2002).

Contudo, esta relação entre o nível de satisfação e a manutenção das fachadas que delimitam as praças parece ser um campo no qual ainda existem lacunas e os estudos realizados não apresentam resultados conclusivos a este respeito. Portanto, cabe a este estudo aprofundar o conhecimento sobre a influência da manutenção das fachadas que delimitam as praças no nível de satisfação com a estética desses ambientes.

2.4.3.1.2 NÍVEL DA ESTÉTICA DO ESPAÇO ABERTO DA PRAÇA

Neste nível são abordados, em função de estudos já realizados, os principais aspectos que influenciam na avaliação estética dos espaços abertos das praças, os quais ainda não foram suficientemente esclarecidos, existindo lacunas a respeito de sua relação com o nível de satisfação dos usuários. A partir da revisão da literatura, são identificados os seguintes aspectos: a existência de vegetação, a presença de monumentos e esculturas e a manutenção do ambiente.

2.4.3.1.2.1 Presença de vegetação

De acordo com pesquisas realizadas, a presença de vegetação no ambiente é identificada, como um aspecto associado à estética e a preferência das pessoas por determinados locais (WHYTE, 1980; WHYTE, 1988; ULRICH E SIMONS, apud GOLLEDGE E STIMSON, 1997; NASAR, 1988; MARCUS E FRANCIS, 1990; BASSO, 2001). As justificativas ligadas a este aspecto estão relacionadas a características formais (SUMMIT E SOMMER, 1999), promoção de sombra (BASSO, 2001; MEIRA, REIS E LAY, 2002), e aos efeitos positivos na saúde e bem-estar dos indivíduos (NASAR, 1988; KAPLAN ET AL, apud REIS, LAY E AMBROSINI, 2003; ÖZGUNER E KENDLE, 2004).

Embora existam estudos que avaliem a relação entre a presença de vegetação e sua influência no nível de satisfação dos usuários dos espaços, que se aplique a realidade brasileira (p.ex. MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS, LAY E AMBROSINI, 2003), nenhum é conclusivo a este respeito. Portanto, mais estudos são necessários para aprofundar os conhecimentos sobre a relação entre a presença de vegetação e o nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças.

2.4.3.1.2.2 Presença de monumentos

A diversidade de elementos como monumentos ajudam a criar uma aparência positiva do lugar (KAPLAN E KAPLAN, 1998; MARCUS E FRANCIS, 1990). Estudos indicam que a presença de monumentos nas praças, estimula a criatividade e a imaginação do usuário, favorecendo o contato e a comunicação, além de encorajar as pessoas a parar e/ou sentar em locais que permitam sua visualização (MARCUS E FRANCIS, 1990).

Embora a presença de monumentos nas praças pareça ser uma característica importante que influencia no nível de satisfação dos usuários, não existem estudos conclusivos a este respeito, bem como muitos dos estudos não se aplicam a realidade brasileira. Portanto, conclui-se que mais estudos são necessários a fim de aprofundar a relação entre a presença de monumentos nas praças, e o nível de satisfação estética dos usuários.

2.4.3.1.2.3 Manutenção e limpeza do ambiente

Segundo a literatura, a manutenção do ambiente das praças é determinante na qualidade estética e diz respeito tanto aos elementos construídos tais como a manutenção de bancos, lixeiras, luminárias, pisos, monumentos e brinquedos do *playground* como aos elementos naturais tais como a poda de árvores e corte da grama (MARCUS E FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS E LAY, 2002). Além da manutenção, a limpeza do ambiente, também é considerada em estudos realizados em praças como um importante fator para a satisfação com a estética deste (MARCUS E FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS E LAY, 2002).

Portanto cabe a este estudo, aprofundar os conhecimentos sobre a relação da manutenção e da limpeza do ambiente com a sua respectiva qualidade estética. Principalmente no que se aplica a realidade brasileira, já que muitos dos estudos que tratam dessa relação são realizados no exterior.

2.5 RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA E USO DAS PRAÇAS

De acordo com Carr et al (1992) os principais propósitos pelos quais as pessoas utilizam os espaços das praças, atualmente, são para realizar atividades passivas, tais como o conforto físico e psicológico em função, por exemplo, da temperatura agradável, (sol e ar fresco) do pouco barulho próprio para relaxar, e para realizar atividades denominadas ativas tais como a prática de atividades físicas, sendo que estas práticas podem ocorrer de maneira combinada ou não (CARR ET AL, 1992; BASSO, 2001).

Sendo assim, vários aspectos afetam o uso, conforme várias pesquisas. Por exemplo, estudos realizados sobre o uso dos espaços públicos identificam que a promoção de sentimento de segurança aos usuários do espaço, favorece um maior uso desses locais (FRANCIS, 1987; GEHL, 1987; LANG, 1994; BASSO, 2001). A presença de pessoas também é um outro fator que incrementa o uso dos espaços, já que pessoas atraem pessoas e estas tendem a evitar locais desertos (GEHL, 1987; WHYTE, 1980). A variedade de usos presente nas edificações do entorno do ambiente é outro fator que favorece o uso do ambiente, atraindo diferentes indivíduos, em vários períodos, por razões diversas (REIS E LAY, 2006). Também a adequação e conforto, ou seja, a maneira e a capacidade com que os elementos do ambiente correspondem ao padrão e as ações previstas para tal, está relacionada ao uso do espaço (LYNCH, 1981, apud REIS E LAY, 2006; GEHL, 1987). Por exemplo, no caso das praças, bancos adequados e confortáveis, em quantidade suficiente, sol (no caso do inverno) e sombra (no caso do verão), proteção do vento e da chuva, foram apontados como características importantes para o uso dos espaços, por estudos já realizados (FRANCIS, 1987; WHYTE, 1980).

A qualidade estética também é um aspecto que está relacionado ao uso dos espaços. Estudos indicam que locais que possuem qualidades estéticas, percebidas pelos sentidos humanos, mais predominantemente pela visão, permitem um sentimento agradável, inspirando as pessoas a permanecerem no ambiente por algum tempo (GEHL, 1987; FRANCIS, 1987). Adicionalmente, pesquisa realizada nos Estados Unidos identifica que praças com maior intensidade de uso são aquelas, mais satisfatórias esteticamente (MARCUS & FRANCIS, 1998).

Conclui-se que apesar de existirem muitos estudos a respeito do uso dos espaços públicos urbanos, poucos se detêm no espaço urbano das praças. Além disso, nenhum dos estudos apresenta resultados conclusivos a respeito da relação entre a estética e o uso desses espaços. Portanto, existe a necessidade de aprofundar essa relação, principalmente que se

aplique a realidade brasileira, onde estudos dessa natureza ainda são incipientes. Logo este estudo detém-se a aprofundar os conhecimentos a respeito da qualidade estética das praças, relacionando com o uso destes espaços.

2.6 CONCLUSÃO

Neste capítulo foram apresentadas as características dos elementos físico-espaciais relacionados à estética das praças, bem como a relação entre a estética e o uso desses espaços. Esses aspectos embasam a formulação das relações a serem investigadas nesta pesquisa, sendo sistematizadas em quatro grandes itens, a saber:

(1) A avaliação estética geral das praças.

Neste item é abordada as divergências e semelhanças entre os grupos (adolescentes, adultos e idosos) na avaliação estética dos usuários das praças. Além disso, é investigada a importância dos níveis estéticos (fachadas e espaços abertos) para a satisfação com a estética das praças.

(2) A avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças

Neste item é abordada as divergências e semelhanças entre os grupos de usuários das praças (adolescentes, adultos e idosos) na avaliação estética das fachadas. Além disso, é investigado um conjunto de fatores físico-espaciais que afetam e/ ou explicam o maior ou menor nível de satisfação estética dos usuários com as fachadas das edificações que delimitam as praças. São estes aspectos: (a) composição arquitetônica, (b) valor histórico das edificações, (c) manutenção das fachadas.

(3) A avaliação estética dos espaços abertos das praças

Neste item é abordada as divergências e semelhanças entre os grupos de usuários (adolescentes, adultos e idosos) na avaliação estética dos espaços abertos das praças. Além disso, é investigado um conjunto de fatores físico-espaciais que afetam e/ ou explicam o maior ou menor nível de satisfação estética dos usuários com os espaços abertos das praças. São estes aspectos: (a) presença de vegetação, (b) presença de monumentos, (c) manutenção e limpeza.

(4) A relação entre estética e uso das praças

Este item é subdividido em três partes a fim de atender aos objetivos do trabalho: (1) é abordado sobre a influência do nível de satisfação com a estética na freqüência de uso das praças. Além disso, são investigadas as divergências e semelhanças entre os

grupos de usuários (adolescentes, adultos e idosos) quanto a influência do nível de satisfação com a estética na freqüência de uso das praças. (2) é abordada a influência do nível de satisfação com a estética no tempo de permanência dos usuários nas praças. Bem como, são investigadas as divergências e semelhanças entre os grupos de usuários (adolescentes, adultos e idosos) quanto a influência do nível de satisfação com a estética no tempo de permanência dos usuários nas praças. (3) Por último é abordado se os locais que as pessoas mais utilizam nas praças são os mais atraentes, segundo as características das edificações, do espaço aberto e das visuais para fora das praças. Também são investigadas as divergências e semelhanças entre os grupos de usuários (adolescentes, adultos e idosos) quanto a este aspecto.

No próximo capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados a fim de alcançar os objetivos propostos. São descritos aspectos relativos à seleção dos objetos de estudo, aos métodos de coleta e análise de dados, seleção das amostras, bem como aos fatores relativos ao trabalho de campo. Desta forma, pretende-se esclarecer como são operacionalizadas as variáveis e testadas as relações investigadas, de modo que fique clara a objetividade e cientificidade da metodologia adotada.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são descritos os aspectos relativos à operacionalização das variáveis delimitadas a este estudo, bem como os métodos e as técnicas de pesquisa adotadas. Inicialmente, é apresentado o objeto de estudo, os critérios que determinam sua escolha e a delimitação da área a ser investigada. Também são expostos os métodos e as técnicas de coleta de dados, os quais são fundamentados na área de estudos ambiente e comportamento. Por conseguinte, são apresentadas algumas considerações acerca da seleção da amostra. E, finalmente, são descritos os métodos de análise dos dados e algumas considerações a respeito dos principais aspectos relacionados ao trabalho de campo.

3.2 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Para estudo de caso, foi selecionado um município, que além de atender aos objetivos deste trabalho, caracteriza-se por possuir questões comuns à maioria das praças existentes nas cidades brasileiras. Como, por exemplo, a questão da qualidade estética desses ambientes que é, muitas vezes, colocada em segundo plano; o uso desses espaços, que da mesma forma, nem sempre atende às necessidades dos usuários e conseqüentemente, estes, tornam-se locais subutilizados, vandalizados e mal vistos, por grande parte da população. Além disso, existe um agravante a essa problemática que deve ser contemplado no objeto de estudo: diz respeito à presença de bens de interesse histórico e cultural, pois estes, muitas vezes, sofrem prejuízo pela desqualificação estética do ambiente, causando sua desvalorização por parte da população.

Dessa forma, portanto, foi definida a cidade de Pelotas (Figura 16), localizada no estado do Rio Grande do Sul, como objeto de estudo por possuir tais condições. Também a facilidade de obtenção de dados gráficos, fotográficos e teóricos, devido a estudos realizados anteriormente pela autora da dissertação, colaborou na escolha desse Município.

Figura 16 - Vista aérea da cidade de Pelotas
Fonte: Google Earth: software livre. Versão 4.0.2737. Disponível em: < http://baixaki.ig.com.br/download/Google-Earth-em-Portugues.htm>. Acesso em: 21 jun. 2007.

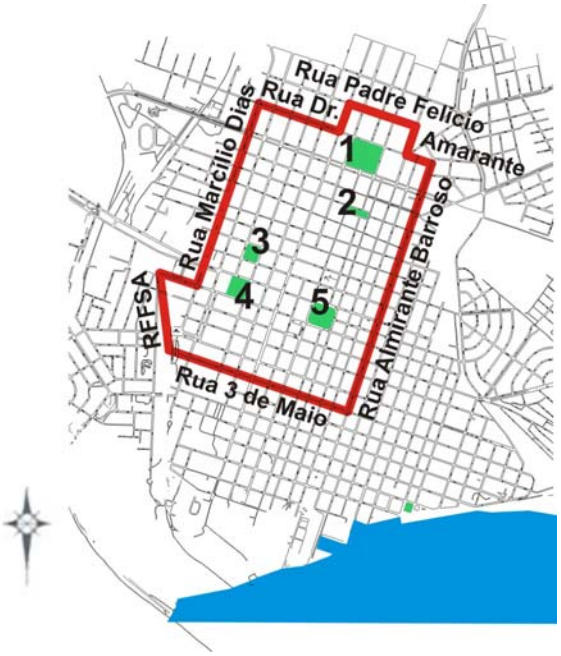
3.2.1 DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A seleção das praças a fazerem parte do estudo foi definida utilizando como principal critério a necessidade da presença de elementos de significado histórico e cultural para a população. O mesmo fator levou a escolha de um local que incluísse a parte mais antiga da cidade. Além disso, a proximidade entre as praças era outro critério necessário, pois, por situarem-se dentro de uma mesma zona, existiria certa tendência de semelhança entre os padrões de utilização das praças. Assim ficou definida, mais especificamente a área central desta cidade - a zona de preservação do patrimônio cultural (ZPPC), que tem como limites as ruas Dr. Amarante, Almirante Barroso, Três de Maio e Marcílio Dias (Figura 17) (LEI MUNICIPAL 4568/00). Adicionalmente, outro aspecto considerado na escolha é que, sendo esta uma área central de comércio da cidade, há um fluxo intenso de pessoas circulando nas praças e nas proximidades destas, favorecendo a avaliação da qualidade estética destes espaços, pois muitas pessoas têm acesso a eles.

Logo, dentro do perímetro delimitado, existem cinco áreas com possibilidade de fazerem parte do estudo: Parque Dom Antônio Zattera, Praça José Bonifácio, Praça Piratinino de Almeida, Praça Cipriano Barcelos e Praça Coronel Pedro Osório (Figura 17). A Praça

Coronel Pedro Osório não fará parte do estudo, pois está interditada em função de obras de revitalização (através do Programa Monumenta). Da mesma forma, a Praça Cypriano Barcellos não consta neste estudo, pois, devido a observações preliminares realizadas, constatou-se pouca utilização desta, tanto para a travessia de pedestres como para atividade de qualquer outra natureza, o que poderia afetar o tamanho da amostra de respondentes.

Portanto, fazem parte deste estudo (1) o Parque Dom Antônio Zattera; (2) a Praça José Bonifácio; (3) e a Praça Piratinino de Almeida.



Nota: Mapa da área central de Pelotas indicando em vermelho a delimitação da zona de preservação do patrimônio cultural (ZPPC), bem como a localização das praças contidas dentro da área de estudo; 1 - Parque Dom Antônio Zattera; 2 - Praça José Bonifácio; 3 - Praça Piratinino de Almeida; 4 - Praça Cypriano Barcellos; 5 - Praça Coronel Pedro Osório

Figura 17 – Localização das praças na área central da cidade de Pelotas/RS

Fonte: aerofotogramétrico da cidade – Prefeitura Municipal de Pelotas (disponível na FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas).

3.2.2 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE PELOTAS/RS

3.2.2.1 A PRAÇA COMO INÍCIO DO NÚCLEO URBANO

Através do histórico da cidade de Pelotas, pretende-se evidenciar a importância da área de estudo delimitada, ou seja, da zona de preservação do patrimônio cultural (ZPPC), em função de ser o início do núcleo urbano da cidade. Além disso, destaca-se o histórico da

evolução urbana, bem como surgimento das praças localizadas nessa área de estudo, e também, a relevância de algumas edificações do entorno das praças uma vez que muitas pertencem ao patrimônio histórico e cultural da cidade, conforme lei municipal 4568/00.

A origem da cidade de Pelotas está fortemente ligada à indústria do charque, pois em 1779 José Pinto Martins saiu do Ceará em conseqüência de uma seca e estabeleceu sua charqueada junto ao arroio Pelotas em terras de Dona Isabel Francisca da Silveira. A partir de então, começa a produção de charque que atraiu um significativo número de novos habitantes. Outras atividades econômicas já eram praticadas na região como, por exemplo, o cultivo do trigo, a agricultura de subsistência e a produção de linho grosso (NASCIMENTO, 1982).

A partir de 1784, os moradores da região demonstravam interesse em se separar da freguesia de Rio Grande, a qual eram subordinados, em função de ser a paróquia mais próxima. A justificativa para tal fato baseava-se na existência de mais de 150 famílias nas charqueadas que tinham dificuldades em comparecer na Matriz de Rio Grande durante a quaresma, pois esta coincidia com a época da matança nas charqueadas (GUTIERREZ, 2001).

Somente no alvará do Príncipe Regente Dom João, no dia 7 de julho de 1812, o povoado foi elevado à categoria de freguesia, recebendo o nome de São Francisco de Paula, em homenagem ao santo do dia da expulsão dos espanhóis do Rio Grande. Adicionalmente, é relevante destacar que, até esta época, ainda não existia um núcleo urbano, apenas charqueadas dispersas ao longo do arroio Pelotas (ARRIADA, 1994; GUTIERREZ, 2001). No mesmo ano de 1812, depois de discussões acerca da localização do sítio onde seria localizada a vida urbana, levando em conta interesses comerciais e familiares, este foi estabelecido nas terras de Antônio Francisco dos Anjos (GUTIERREZ, 2001).

Assim, em 1815, o terreno, com a pequena igreja que já existia e sua área circundante formando a praça da Matriz (atual Praça José Bonifácio), juntamente com as demais ruas e terrenos foram medidos por uma equipe, dando origem a planta do primeiro loteamento (Figura 18) da cidade de Pelotas. A partir desse primeiro arruamento, a freguesia foi-se ampliando, seguindo o mesmo traçado reticulado (GUTIERREZ, 2001). O segundo loteamento, nas terras de Mariana Eufrásia da Silveira, obteve a concessão em 1832, em área contígua ao já referido, primeiro loteamento (Figura 19) em direção ao sul, até encontrar às margens do arroio Pelotas (GUTIERREZ, 2001).

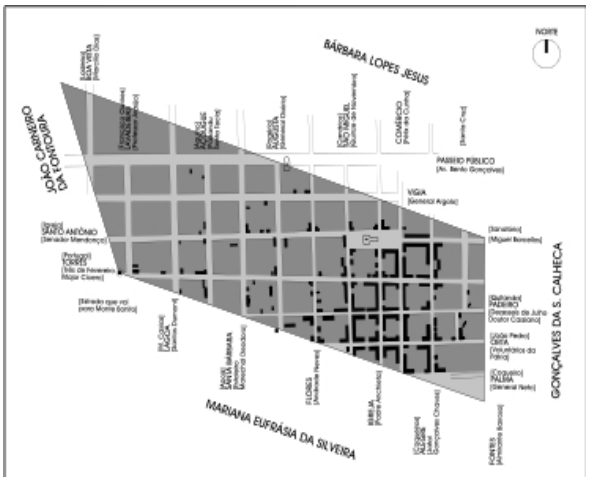


Figura 18 - Primeiro loteamento – Mapa elaborado com base na planta de 1815
Fonte: BPP, ms. V. 093. LRPTMP. In: GUTIERREZ, 2001, p.8.

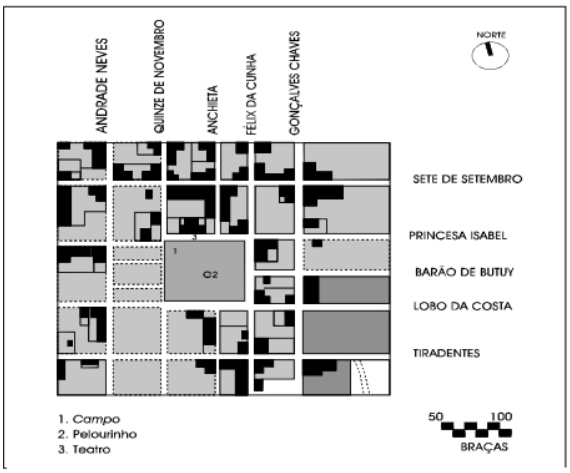


Figura 19 – Segundo Loteamento – Mapa elaborado com base na planta de 1835
Fonte: BPP, ms. V. 093. LRPTMP. In: GUTIERREZ, 2001, p.12.

De acordo com o primeiro censo realizado em Pelotas, no ano de 1814, a população era de 2.419 habitantes; em 1822, passou para 3.400 e no ano de 1830 já existiam 4.300 habitantes, mais de 3.000 concentrados na povoação que contava com cerca de 500 casas (GUTIERREZ, 2001). Portanto, as condições sócio-econômicas, o crescimento populacional e a urbanização da freguesia eram condições suficientes para a implantação da vila. Então, em 7 de dezembro de 1830, por decreto imperial, a freguesia de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de vila, mas sua efetividade ocorreu em 7 de abril de 1832 com o estabelecimento da Câmara Municipal. Uma de suas primeiras atuações foi determinar a adoção das Posturas da Câmara da Vila de Rio Grande, enquanto não houvesse as suas próprias que, enfim, ficaram prontas em 1834, estabelecendo os limites urbanos, aspectos a respeito da saúde pública, dos cemitérios, da limpeza de ruas e praças, o nivelamento e alinhamento de ruas e outras determinações pertinentes à vida urbana (GUTIERREZ, 2001).

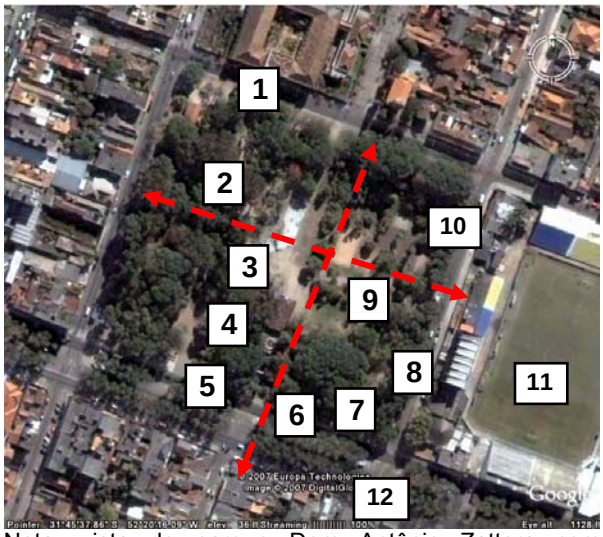
3.2.3 AS PRAÇAS QUE FAZEM PARTE DO ESTUDO

3.2.3.1 PARQUE DOM ANTÔNIO ZATTERA

O atual parque Dom Antônio Zattera, apesar de possuir a denominação de parque, tem características comuns à maioria das demais praças que fazem parte deste estudo. Inclusive seu nome anterior, recentemente trocado era praça Júlio de Castilhos. Foi o primeiro local das execuções públicas através da forca, por volta de 1850 ela foi transferida para a antiga praça da Constituição, depois das Carretas e, hoje praça Vinte de Setembro (NETO J. In.: Revista do 1° centenário de Pelotas. n°7 e 8, 1912).

Neste local existem vários monumentos, dentre os quais se destaca o Altar da Pátria, marco de granito contendo placas de bronze, exaltando os que lutaram pela pátria e o marco em homenagem à marinha do Brasil, em bronze, tendo na parte superior a roda de leme e o busto do Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré. Além dos monumentos no espaço aberto do parque existem diversas edificações como: a academia Pelotense de letras, banheiros públicos, depósito e escolinha municipal. Também existe infra-estrutura para realização de diversas atividades de lazer tais como: mini-parque de diversões, pista de skate, quadra de futebol e *playground*.

O parque Dom Antônio Zattera é delimitado claramente nas faces norte, leste e oeste por edificações. Ao sul, embora exista a Avenida Bento Gonçalves, ela não representa um limite, uma vez que o usuário do parque atravessa a mesma facilmente integrando fisicamente e visualmente o canteiro central da avenida ao parque. Logo, o que define o limite na face sul do parque são novamente as edificações (conforme Figura 20).



Nota: vista do parque Dom Antônio Zattera com indicação de alguns locais; 1- Asilo de mendigos; 2- Academia Pelotense de Letras; 3- Pista de skate; 4- Banheiros públicos; 5- Altar da Pátria, 6- Mini Parque de diversões; 7- Depósito Municipal; 8- Playground infantil; 9- quadra de futebol, 10- Escolhinha Municipal; 11- Esporte Clube Pelotas; 12- Canteiro central da Avenida Bento Gonçalves. Setas pontilhadas em vermelho indicam os limites do parque.

Figura 20 – Vista aérea do parque Dom Antônio Zattera
Fonte: Goocle Earth: software livre. Versão 4.0.2737. Disponível em: < http://baixaki.ig.com.br/download/Google-Earth-em-Portugues.htm>. Acesso em: 21 jun. 2007.

Figura 21 – Vista geral do parque Dom Antônio Zattera

Figura 22 – Altar da Pátria - parque Dom Antônio Zattera

Este local é o maior de todos os demais avaliados, possui área de 37.768,70 m², ocupando praticamente dois quarteirões da cidade de Pelotas. As fachadas que definem seus limites são em número de seis, duas fachadas grandes (a leste e a oeste) e quatro pequenas (duas a norte e duas ao sul). Essas fachadas menos extensas são interrompidas pela Rua XV de Novembro (conforme Figura 20) que corta a Praça. Neste local, existe uma grande quantidade de vegetação, principalmente árvores de grande porte, caracterizando este local como uma das principais áreas verdes da cidade.

3.2.3.2 PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO

A atual praça José Bonifácio, como já destacado anteriormente (item 3.2.2.1), é a única que aparece na planta de 1815 (Figura 18) e, portanto, a praça mais antiga da cidade de Pelotas. Desde seu desenho inicial, realizado por Maurício Inácio da Silveira, no interior da praça está localizada a Catedral São Francisco de Paula (Figura 23 e 24) cuja porta principal, localiza-se no eixo da atual Rua Miguel Barcellos, proporcionando uma perspectiva já determinada como princípio de desenho desta praça (GUTIERREZ, 2001). Ainda hoje, as dimensões reduzidas da mesma, em função da Catedral e do conjunto de edificações de seu entorno, evidenciam uma centralidade nesta praça mais simbólica do que física propriamente dita.

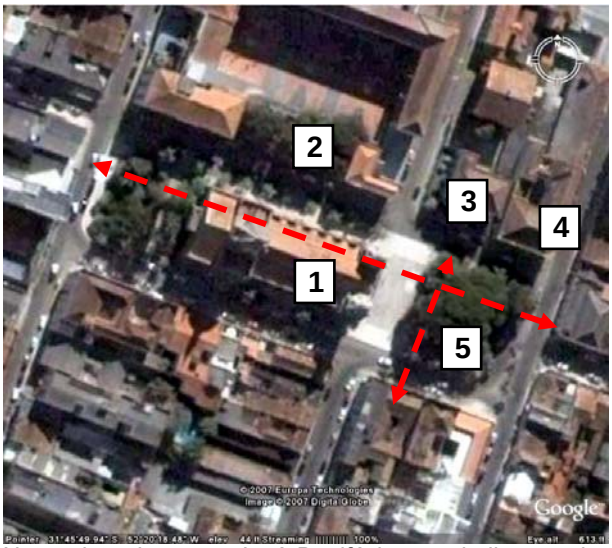
É relevante destacar também que entre os anos de 1820 a 1825 a praça José Bonifácio abrigou um cemitério. A igreja foi inaugurada em 23 de dezembro de 1813 e, logo após, o terreno nos fundos da mesma, hoje rua XV de Novembro, foi murado. Neste local, foi implantado um cemitério que serviu à população por seis anos e onde algumas catacumbas foram construídas e posteriormente demolidas, para a construção da capela-mor (GUTIERREZ, 2001).

Figura 23 - Fachada antiga da Catedral São Francisco de Paula
Fonte: Acervo Nelson Nobre

Figura 24 – Atual Catedral São Francisco de Paula

No espaço aberto desta praça, atualmente, além da Edificação da Catedral, existe um único monumento, o busto em homenagem a José Bonifácio (Figura 26) que está localizado em frente à porta de acesso à Catedral São Francisco de Paula, conforme figura 25.

Portanto, a praça José Bonifácio justifica fazer parte deste estudo por ser importante na história da cidade, desde sua origem até os dias atuais, assim a maioria dos prédios de seu entorno são bens inventariados (LEI MUNICIPAL n°4.568/00) e, portanto, importantes para a preservação da memória e da identidade dos habitantes da cidade de Pelotas.



Nota: vista da praça José Bonifácio com indicação de alguns locais; 1- Catedral São Francisco de Paula; 2- Colégio Gonzaga; 3- Prédio do Bispado; 4- Instituto são Benedito; 5- Localização do Busto em homenagem a José Bonifácio. Setas pontilhadas em vermelho indicam os limites da praça.

Figura 25 – Vista aérea da praça José Bonifácio
Fonte: Goocle Earth: software livre. Versão 4.0.2737. Disponível em: < http://baixaki.ig.com.br/download/Google-Earth-

Figura 26 – Busto de José Bonifácio – Praça José Bonifácio

Este local é o menor de todos que fazem parte do estudo, tendo área de 3.833,85 m², tem um formato retangular, sendo que no seu maior sentido ocupa praticamente dois quarteirões. É delimitado por sete fachadas, uma vez que a Rua Anchieta corta a Praça e a Rua Miguel Barcellos desemboca na Praça (Conforme Figura 25) quebrando a continuidade das fachadas.

3.2.3.3 PRAÇA PIRATININO DE ALMEIDA

O terreno da atual praça Piratinino de Almeida foi comprado em 1848 pela irmandade da Santa Casa de Misericórdia. Em 1881, a área foi cercada com postes de madeira e arame e, em seguida, foram plantadas algumas árvores e realizado o ajardinamento. Primeiramente, o local teve o nome de praça da Caridade, em 18 de julho de 1881 passou a chamar-se

Silveira Martins e após, em 16 de março de 1893, trocou o nome para Piratinino de Almeida (GUTIERREZ, 2001).

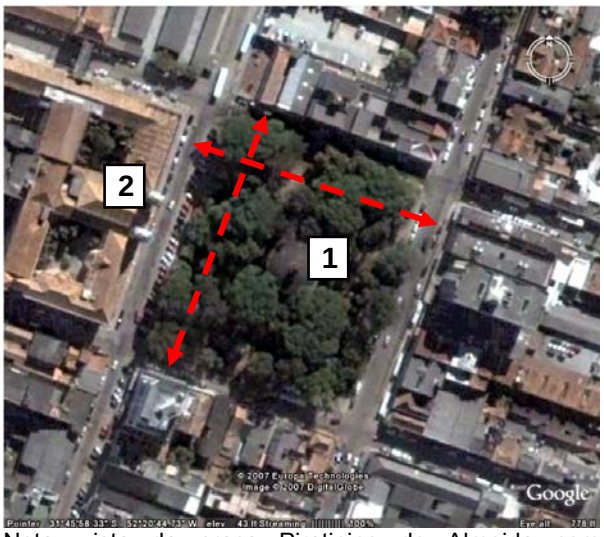
No centro desta praça ergue-se até hoje, em funcionamento, o reservatório de 1875 destinado ao abastecimento de água potável na cidade (Figura 29). Esse reservatório, de 1.500.000 litros, é descrito segundo Geraldo Gomes da Silva (apud, GUTIERREZ, 2001) como um dos mais interessantes exemplares no Brasil.

> Sua forma é a de um cilindro com quatro metros de altura e vinte e cinco metros de diâmetro, aproximadamente. Apóia-se em quarenta e cinco colunas e tem, no seu centro, um orifício, por onde passa uma escada que leva a um mirante no topo do reservatório. Todas essas peças são de ferro. As colunas têm seus capitéis e pedestrais pouco decorados, e suportam vigas de secção "I". Decorativos são somente os arcos que ligam as partes superiores das colunas da periferia, o corrimão e a escada do mirante. Este último, aliás, tem formas caprichosas que lembram a arquitetura oriental e evidencia as possibilidades ornamentais do ferro fundido (SILVA, 1998, p.94-5, apud, GUTIERREZ, 2001, p.42).

O reservatório é tombado a nível federal e é de origem escocesa (Figura 29), não francesa como até então era afirmado por muitos autores. Ele foi comprado por catálogo e veio em partes, de navio, (tanto o de Pelotas como o de Rio Grande, que são idênticos), sua montagem ficou a cargo de engenheiros também escoceses da cidade de Paisley, onde era localizada a fábrica (XAVIER, 2006).

Portanto, a praça Piratinino de Almeida justifica fazer parte deste estudo, por ser importante na história da cidade em função de fazer parte do segundo loteamento da cidade. Bem como, alguns dos prédios de seu entorno são bens inventariados e, portanto, importantes para a preservação da memória e da identidade dos habitantes da cidade de Pelotas, como por, exemplo a Santa Casa de Misericórdia. Além disso, a existência de um monumento como a caixa d'água no seu interior, colabora com a investigação no que se refere a importância de monumentos nestes espaços para a satisfação estética dos usuários.

Este local tem área de 8.674,20 m² e é delimitado por quatro fachadas, as quais possuem a mesma extensão, definindo assim os limites da praça (Conforme Figura 27). Esta praça, também possui bastante vegetação, principalmente árvores e embora em menor quantidade que no parque Dom Antônio Zattera, aqui elas representam ser muito mais densas e copadas. Isso é verificado, uma vez que a Praça Piratinino de Almeida é mais escura e tem menos locais de exposição ao sol que nos demais locais estudados.



Nota: vista da praça Piratinino de Almeida com indicação de alguns locais; 1- Caixa d'água de ferro; 2- Santa Casa de Misericórdia. Setas pontilhadas em vermelho indicam os limites da praça.

Figura 27 – Vista aérea da praça Piratinino de Almeida
Fonte: Goocle Earth: software livre. Versão 4.0.2737. Disponível em: < http://baixaki.ig.com.br/download/Google-Earth-em-Portugues.htm>. Acesso em: 21 jun. 2007.

Figura 28 – Antiga praça Piratinino de Almeida. Pelotas, RS
Fonte: Acervo Nelson Nobre

Figura 29 – Caixa D'água da praça Piratinino de Almeida

3.3 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

A maneira mais efetiva para a operacionalização de avaliações sobre o ambiente urbano dá-se através da utilização simultânea dos vários métodos e técnicas disponíveis na área de estudos ambiente e comportamento (REIS E LAY, 1995). Investigações que baseiam seus resultados na análise de um tipo de informação coletada através de uma só fonte (p.ex. dados obtidos exclusivamente através de questionários) podem ser vistas como suspeitas, diminuindo a confiabilidade, credibilidade e consequentemente a qualidade da pesquisa (MARANS, 1987, apud REIS E LAY, 1995; ZEISEL, 1986, apud REIS E LAY, 1995; REIS E LAY, 2005). Assim, a escolha do método e das técnicas utilizadas dependerá do tipo específico de cada problema a ser investigado e da situação de cada pesquisa (REIS E LAY, 1995).

Portanto, a metodologia utilizada neste estudo baseou-se na combinação da aplicação de múltiplos métodos de coleta de dados. Os seguintes métodos foram utilizados: levantamentos de arquivo, físico e fotográfico, observações de comportamento e

questionários. Desta forma, objetivou-se cruzar os dados dos diferentes métodos, garantindo maior respaldo nas análises realizadas.

3.3.1 LEVANTAMENTO DE ARQUIVO

Esta etapa caracterizou-se pela busca de materiais e informações necessárias às atividades desenvolvidas, tais como, a procura de plantas dos objetos de estudo, mapas da cidade de Pelotas e imagens aéreas junto à prefeitura. Além disso, foi pesquisado o histórico das praças da cidade em trabalhos acadêmicos e pesquisas já realizadas nos cursos de arquitetura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Adicionalmente, essa etapa serviu à sistematização de mapas e de informações em ambiente computacional, necessários ao desenvolvimento da pesquisa.

As informações obtidas desse tipo de levantamento são relevantes para determinar o ponto de partida da avaliação do ambiente e do próprio levantamento de campo. Quanto mais informações adquiridas sobre o projeto original, como por exemplo, o histórico e as plantas originais, mais subsídios ter-se-á para iniciar o levantamento de campo (REIS E LAY, 1995).

3.3.2 LEVANTAMENTO DE CAMPO

O levantamento físico da área, diferentemente do levantamento de arquivo, é um método utilizado para levantamento de campo, ou seja, consiste na coleta de dados *in loco*. Além deste, existem outros métodos dos quais se destacam as observações, entrevistas e questionários (REIS E LAY, 1995). É relevante salientar que o método pressupõe um processo, uma intenção, enquanto a técnica diz respeito a materialização ou operacionalização da intenção. Por exemplo, observações podem ser registradas através de fotografias, câmeras de vídeo, mapas comportamentais, e outras técnicas (REIS E LAY, 1995).

Nesta pesquisa, a etapa do levantamento físico da área consistiu na marcação em planta baixa dos elementos presentes na praça, relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo, postes de iluminação, bancos, lixeiras, canteiros, caminhos, monumentos e outros, bem como suas dimensões e observações julgadas importante pela pesquisadora, a fim de produzir plantas atualizadas da área.

Os registros em planta baixa foram digitalizados, criando uma planta base, através do Autocad 2006. Posteriormente, essas plantas foram impressas e utilizadas como base, na execução dos mapas comportamentais.

3.3.3 OBSERVAÇÕES COMPORTAMENTAIS

Observar comportamento significa ver, sistematicamente, pessoas (indivíduos isolados, em pares, pequenos grupos ou grandes grupos) usarem os ambientes construídos. A observação direta de comportamento é um método comumente usado para avaliação de desempenho ambiental, gerando dados sobre atividades realizadas (como e o quê as pessoas fazem); regularidades de comportamento (freqüências de uso) e as oportunidades e restrições de uso proporcionadas pelo ambiente. Enfim, essas observações permitem inferir até onde e como o espaço construído apóia ou interfere na ocorrência dos comportamentos e atividades dos usuários, bem como os efeitos colaterais que o ambiente pode provocar nas relações entre indivíduos, grupos de indivíduos ou entre indivíduos e o ambiente, as quais vêm a afetar o nível de manutenção nos espaços (REIS E LAY, 1995).

Portanto, a relevância deste método é que ele se mostra eficaz na obtenção de informações importantes sobre o ambiente (p.ex. DREUX, BECKER, AMBROSINI, REIS E LAY, 2004; MEIRA, REIS E LAY, 2002; BASSO, 2001; DUVAL, 1997), além de ter a possibilidade de gerar dados numéricos para serem analisados quantitativamente quando o comportamento é registrado de maneira sistemática. No caso das observações de comportamento, fica evidente a necessidade de utilização de outro método conjuntamente, como por exemplo, os questionários ou entrevistas, devido a dificuldade em responder o porquê de algo acontecer, e a fim de evitar a inferência casual de alguma relação existente no ambiente (REIS E LAY, 1995).

3.3.3.1 MAPAS COMPORTAMENTAIS

O mapa comportamental é uma técnica de registro de observações desenvolvida por Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970, apud REIS E LAY, 1995) que consiste no registro, em planta baixa, dos comportamentos no local onde acontecem, segundo categorias pré-estabelecidas. Uma das vantagens da utilização da técnica de mapas comportamentais é que a leitura destes pode dar ao investigador uma melhor compreensão do uso e funcionamento do ambiente construído do que a leitura de tabelas estatísticas (REIS E LAY, 1995). No entanto, de forma a promover dados quantificáveis, é necessário observações sistemáticas, com informações do tipo: indicação dos principais elementos espaciais, o trajeto a ser percorrido pelo pesquisador, indicações temporais, como por exemplo, dias, horários, estações do ano, clima, entre outros, bem como indicações de comportamento, segundo categorias dos usuários e atividades praticadas na área. Além destas, outras informações podem ser adotadas como critério, de acordo com os objetivos do estudo a ser realizado (REIS E LAY, 1995).

Nesta pesquisa, para a realização dos mapas comportamentais, primeiramente foram realizadas observações preliminares da área para melhor conhecer as características peculiares à mesma. Com base nestas informações, foi definida a freqüência e os horários para marcação destes registros, conforme a maior intensidade de uso das praças: Parque D. Antônio Zattera (11:00h) e 15:00h, Praça José Bonifácio (11:30h) e 15:30h e Praça Piratinino de Almeida (12:00h) e 16:00h. Além disso, foram definidas as atividades mais marcantes realizadas pelos usuários, que interessam ao estudo.

Logo, foram definidas as seguintes categorias, elencadas a seguir e determinadas a fim de atender aos objetivos propostos pela presente investigação. Em relação à faixa etária, foram registradas: (1) crianças (0-13); (2) adolescentes (14-18); (3) adultos (18-65) e (4) idosos (acima de 65). Quanto ao comportamento foram definidas as seguintes categorias: (1) pessoas sentadas; (2) pessoas em pé e (3) pessoas em movimento. Outro aspecto observado foi se a pessoa está (1) interagindo socialmente ou (2) se a pessoa não está interagindo socialmente. O percurso para realização deste mapeamento comportamental dos usuários das praças foi definido em função da possibilidade de visualização, pela pesquisadora, do ambiente da praça, a fim de registrar os usuários e suas atividades.

Através do estudo piloto, testou-se a aplicação destes critérios para a execução do mapa comportamental e a utilização de dois horários diários durante uma semana incluindo sábado e domingo, um no turno da manhã e outro no da tarde, para cada uma das praças. Constatou-se a validade dos horários definidos em função da intensidade de uso das praças, assim como das categorias de usuários definidos. Dessa forma, portanto, os mapas realizados no estudo piloto foram utilizados como dados da pesquisa propriamente dita.

É importante destacar que se registrou no mapa comportamental todas as pessoas que estavam nas praças no momento da marcação. Porém, observou-se que em função destas praças estarem localizadas no centro da cidade, onde existe grande deslocamento de pessoas, muitas destas, estavam utilizando o local somente como passagem e/ou atalho para cumprir seu destino. Portanto, devido à dificuldade em distinguir se a pessoa está no local por necessidade ou por preferir o trajeto em relação a outro, pela possibilidade deste ser mais agradável, decidiu-se considerar, para fins de registro nos mapas comportamentais que, todas as pessoas presentes no ambiente no momento da marcação, são definidas como usuários das praças e logo, registradas no mapa comportamental.

3.3.4 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Estudos indicam que a fotografia pode ser utilizada como uma técnica para complementar outros métodos, tais como questionários e entrevistas (REIS E LAY, 1995; SANOFF, 1991; STAMPS, 2000; PORTELLA, 2003). Nesta pesquisa, portanto esta técnica é utilizada de forma a representar o ambiente urbano das praças, constituindo estímulos visuais apresentados aos indivíduos para avaliação estética. Uma vez que Stamps (1990, 1992, 1993, 2000) comprova a utilização da fotografia como forma de estimulo visual à avaliação da satisfação do usuário, produzindo efeitos confiáveis. Isso é constatado, por este autor, através da correlação encontrada entre as respostas avaliativas dos indivíduos através da aplicação desta técnica e as obtidas através do ambiente real (STAMPS, 2000).

Cabe destacar ainda que, segundo Stamps (2000), fotografias coloridas produzem resultados melhores que as representadas em preto e branco, possivelmente por produzir um efeito mais próximo do real. Portanto o levantamento fotográfico do ambiente nesta pesquisa é realizado a cores e com câmera digital, o que facilita a captura das imagens e a posterior montagem das fotografias, a fim de formar as vistas e as fachadas a serem avaliadas pelos usuários através do questionário.

A seguir, é descrito como foi realizado o levantamento fotográfico tanto das fachadas como dos espaços abertos. O levantamento fotográfico dos espaços abertos foi realizado através de vistas internas das praças, definidas através de critérios a fim de atender aos objetivos propostos.

3.3.4.1 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DAS FACHADAS DAS EDIFICAÇÕES

O levantamento fotográfico das edificações é realizado no sábado pela tarde e no domingo, por serem dias de pouco movimento de pessoas e veículos no centro da cidade. Define-se esse critério, pois um número significativo de veículos e pessoas nas ruas pode encobrir características físicas do ambiente. Esse levantamento tem por finalidade subsidiar a montagem das fachadas que delimitam as praças, as quais serão posteriormente avaliadas através do questionário.

O levantamento fotográfico das fachadas é realizado capturando imagens frontais das fachadas das edificações que delimitam cada uma das praças. Estudos realizados constatam a confiabilidade desse tipo de representação do ambiente para fins de avaliação de suas qualidades visuais (STAMPS, 2000; PORTELLA, 2003).

A montagem das fachadas é produzida através da sobreposição das fotografias realizadas no levantamento fotográfico no programa Corel Photo-paint 11, formando uma imagem única. São excluídos por meio de recursos computacionais a maioria dos veículos, árvores, postes e fios de luz os quais possam interferir na avaliação da qualidade visual da fachada. Esse critério é definido de forma a isolar as variáveis investigadas, garantindo que as avaliações estejam relacionadas aos atributos formais das construções. Essa técnica já foi utilizada em vários estudos desta natureza (STAMPS, 2000; PORTELLA, 2003).

A seguir a figura 30, indica a posição do pesquisador e os campos visuais obtidos, quando capturadas as imagens frontais.

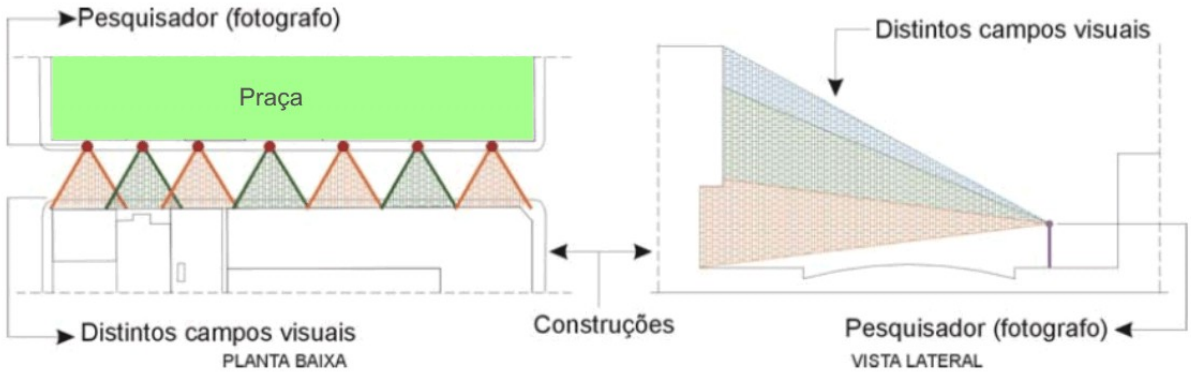


Figura 30 - Modo de captura das fotografias das fachadas
Fonte: PORTELLA, 2003, adaptado de STAMPS, 2000, p. 110

Neste estudo, todas as fachadas que delimitam as praças fazem parte do estudo de forma a obter uma avaliação geral, mais próxima da realidade possível. Com o auxílio visual da montagem das fotografias, o respondente atribui o nível de satisfação com a estética das fachadas, levando em conta todas aquelas que estão no ambiente, bem como especifica os aspectos que interferem em tal nível de satisfação. As fachadas são identificadas com números e letras, sendo que os números correspondem à quadra e as letras a cada uma das edificações, conforme (Figuras 31, 32 e 33).

Figura 31 - Montagem das fachadas que delimitam o parque Dom Antônio Zattera

Figura 32 – Montagem das fachadas que delimitam a Praça José Bonifácio

Figura 33 – Montagem das fachadas que delimitam a Praça Piratinino de Almeida

3.3.4.2 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO ESPAÇO ABERTO – VISTAS INTERNAS

O levantamento fotográfico do espaço aberto através de vistas internas foi realizado, primeiramente, no estudo piloto, a fim de testar a metodologia. O critério para a seleção dessas vistas, no estudo piloto, foi de que fosse aquela onde estivesse, de acordo com os mapas comportamentais, a maior quantidade de pessoas sentadas e interagindo socialmente. Portanto, a partir destes locais pré-determinados, foram capturadas fotografias seqüenciais formando um ângulo de 180°, considerando este o ângulo de visão da pessoa sentada.

Em estudo realizado anteriormente por Sanoff (1991) com a intenção de recriar a experiência visual do pedestre, foram utilizadas três fotografias, uma ao lado da outra, formando uma vista (SANOFF, 1991). Já no presente estudo, entende-se estar simulando a experiência visual da pessoa que está sentada e interagindo socialmente. Portanto, entende-se que o ângulo de visão de 180° seria mais adequado para simular a experiência visual do usuário da praça do que o experimentado no estudo de Sanoff (1991), e, assim, foram utilizadas cinco fotografias para simular estas vistas internas (Figura 34).

Figura 34 – Vista interna da praça José Bonifácio (testada no estudo piloto)

Essas representações fotográficas do espaço aberto foram apresentadas no estudo piloto, juntamente com o questionário para 30 respondentes que conhecessem as três praças, assim, cada respondente avaliava todas praças (desde que conhecesse as mesmas) e as vistas constituíam estímulos visuais a fim de promover a avaliação do nível de satisfação com a estética do espaço aberto, bem como dos aspectos que colaboram para tal satisfação estética. Com esta etapa, concluiu-se que existe a viabilidade de aplicar tal metodologia para a análise da qualidade estética do espaço aberto das praças. Após, finalizado o estudo piloto elaborou-se um novo levantamento fotográfico com novos critérios para seleção dessas vistas internas a serem avaliadas pelos respondentes a fim de atender aos objetivos de avaliação da estética no nível do espaço aberto das praças.

3.3.4.2.1 CRITÉRIO PARA SELEÇÃO DAS VISTAS – AVALIAÇÃO DO ESPAÇO ABERTO

As vistas internas das praças selecionadas para avaliação do espaço aberto foram determinadas em função de atender ao objetivo de identificar o nível de satisfação do indivíduo com a estética do espaço aberto. Dessa forma foram selecionadas vistas que contemplem as seguintes variáveis associadas à qualidade estética dos espaços abertos das praças, identificada na revisão da literatura: (1) presença de vegetação, (2) presença de monumentos, (3) manutenção e limpeza do ambiente, enquanto outra vista não deve satisfazer, ou satisfazer menos a estes aspectos. Além disso, um outro aspecto relevante é a necessidade de que sejam usadas pelas pessoas, a fim de testar se os locais mais agradáveis tanto em termos da estética das edificações quanto do espaço aberto são também os mais utilizados pelos usuários.

Em função dos critérios expostos acima, foram selecionadas duas vistas de cada praça em função da maior quantidade de pessoas sentadas, ou seja, os locais mais utilizados. Além disso, outro aspecto determinante na escolha da vista foi a existência, não necessariamente de todos, mas de algumas variáveis, definidas através da revisão da literatura, que influenciem no nível de satisfação do usuário com a estética do espaço aberto.

3.3.5 QUESTIONÁRIO

A aplicação de questionários é um procedimento utilizado para descobrir regularidades entre grupos de pessoas, através da comparação das respostas dadas a um mesmo conjunto de perguntas, as quais são apresentadas a um número representativo e significativo de respondentes. As questões têm o intuito de medir de forma comparável e quantificável, através da utilização de testes estatísticos, as reações comportamentais e emocionais, revelando atitudes e níveis de satisfação dos usuários em relação a diversos aspectos do ambiente construído (REIS E LAY, 1995). Devido a essas características, justifica-se, portanto, a aplicação de tal método neste estudo. A fim de mensurar o nível de satisfação estética dos indivíduos em relação às características físico-espaciais do ambiente, nesta dissertação é utilizada uma escala de cinco pontos, já testada em vários estudos (NASAR, 1998; STAMPS, 2000) e constituída pelos seguintes níveis: muito bonito, bonito, nem bonito nem feio, feio e muito feio.

A aplicação do questionário é dividida em duas etapas a fim de facilitar a aplicação do método e conseguir a maior quantidade de informações possíveis. Um tipo de questionário é aplicado a usuários das praças no próprio ambiente, contendo questões relativas à relação entre estética e uso do ambiente, não ocupando muito tempo dos respondentes. Outro tipo de questionários mais detalhado, é aplicado fora do ambiente, abordando questões mais aprofundadas, também relativas à estética das praças e o uso do ambiente. Adicionalmente a aplicação dos questionários na praça e fora dela possibilita a confirmação dos resultados obtidos em um dos métodos.

3.3.5.1 A AMOSTRA

No total, a amostra dos dois questionários é caracterizada por 180 respondentes, independente da faixa etária, tendo como pré-requisito que estes freqüentem as praças, ou seja, antes da aplicação do questionário é perguntado ao respondente se ele é usuário da mesma, caso a resposta seja afirmativa o questionário é aplicado, caso seja negativa, é procurado outro respondente. Desses 180 usuários, 90 devem estar no ambiente das praças

avaliadas (sendo 30 de cada praça) e 90 serem moradores e/ou trabalhadores do entorno das praças (sendo 30 de cada praça).

O número de respondentes de cada praça é 30, para que possam ser realizados testes estatísticos confiáveis. Já para a seleção dos indivíduos, são consideradas amostras probabilísticas de modo que todos os usuários têm chance de participar da investigação (REIS E LAY, 1995).

Embora a amostra de respondentes de cada praça não seja definida em função da faixa etária, o total de usuários é dividido em categorias com base nas faixas etárias definidas por Thiel (1997), e são realizadas adaptações, tornando-as mais abrangentes, a fim de verificar similaridades e divergências nas avaliações estéticas das praças entre os grupos. Assim, as faixas etárias são agrupadas formando três categorias, as quais fazem parte do estudo: (1) adolescentes (13-18 incompletos), (2) adultos (18-65) e (3) idosos (acima de 65).

Tabela 1 – Definição das faixas etárias abordadas no estudo

Faixas Etárias definidas por Thiel (1997)		**Faixas etárias definidas para o estudo**	
Categoria	**Descrição**	**Categoria**	**Descrição**
Bebê	De 0 a 5	-	-
Criança	De 5 a 13 incompletos	-	-
Adolescente	De 13 a 18 incompletos	Adolescente	De 13 a 18 incompletos
Adultos Joven	De 18 a 30 incompletos	Adulto	De 18 a 65 incompletos
Adulto	De 30 a 65 incompletos		
Idoso	Acima de 65	Idoso	Acima de 65

3.3.5.2 QUESTIONÁRIO APLICADO NAS PRAÇAS

O questionário aplicado diretamente pela pesquisadora nas praças (Anexo A) é estruturado com dez questões fechadas de múltipla escolha. Primeiramente, é identificada a freqüência de utilização, o tempo de permanência nas praças, bem como o nível de satisfação geral do usuário com a estética da praça. Além disso, é analisado o nível de satisfação com a estética: das fachadas das edificações adjacentes às praças e do próprio espaço aberto, assim como os principais aspectos que justificam esse nível de satisfação com a estética. Por último, procura-se saber se o nível de satisfação com a estética da praça é um dos motivos que justificam a pessoa estar no ambiente. As demais perguntas dizem respeito a características pessoais dos respondentes como faixa etária, sexo e endereço.

O critério adotado na distribuição dos questionários é de que sejam aplicados nos locais onde existe maior número de pessoas no horário da aplicação, independente da atividade

que estejam desenvolvendo e da faixa etária do respondente. Quanto aos turnos de aplicação dos questionários, são aplicados tanto no turno da manhã (15 questionários por praça) como no da tarde (15 questionários por praça), nos mesmos horários de realização dos mapas comportamentais, Parque D. Antônio Zattera 11:00h e 15:00h, Praça José Bonifácio 11:30h e 15:30h e Praça Piratinino de Almeida 12:00h e 16:00h, horários de maior intensidade de uso dessas praças, conforme observado nos mapas comportamentais, realizados anteriormente no estudo piloto.

3.3.5.3 QUESTIONÁRIO APLICADO FORA DAS PRAÇAS

O questionário de fora das praças também é aplicado diretamente pela pesquisadora, (Anexo B) para os usuários que residem e/ou trabalham no entorno das praças é estruturado com vinte questões. Sendo nove perguntas fechadas de múltipla escolha e onze abertas. Primeiramente, é identificada a freqüência de utilização, o tempo de permanência nas praças, bem como os principais motivos que justificam seu uso, dentre os quais está a estética com as fachadas e com o espaço aberto, através da avaliação das vistas. Além disso, são investigadas as principais atividades que a pessoa realiza na praça e o nível de satisfação com a estética em geral da praça. Por último, é questionado sobre o nível de satisfação com: as fachadas das edificações adjacentes às praças e com os espaços abertos das praças, bem como os principais aspectos que justificam esses níveis de satisfação com a estética.

Figura 35 – Vista 1 do espaço aberto do Parque Dom Antônio Zattera

Figura 36 - Vista 2 do espaço aberto do Parque Dom Antônio Zattera

Figura 37 - Vista 1 do espaço aberto da Praça José Bonifácio

Figura 38 - Vista 2 do espaço aberto da Praça José Bonifácio

Figura 39 - Vista 1 do espaço aberto da Praça Piratinino de Almeida

Figura 40 - Vista 2 do espaço aberto da Praça Piratinino de Almeida

A investigação a respeito das principais atividades que a pessoa costuma realizar no ambiente e sobre os motivos que justificam o nível de satisfação do usuário com a estética das fachadas e do espaço aberto são realizadas com perguntas abertas. Isso possibilita o surgimento de novas variáveis além daquelas identificadas na revisão da literatura (capítulo 2), as quais são incluídas na investigação quando mencionadas por mais de 10% dos respondentes de cada praça (3 vezes ou mais).

Nesse questionário, como os respondentes não estão nas praças, as variáveis são testadas através de representações do ambiente. Assim, as fachadas (Figuras 31, 32 e 33) que delimitam as praças e as vistas que simulam o espaço aberto (Figuras 35 a 40), foram impressas em alta resolução a cores, formando um kit, apresentado ao respondente juntamente com o questionário. A utilização de fotografias para avaliação das fachadas e do espaço aberto justifica-se pelo fato de facilitar a aplicação do questionário uma vez que o respondente não precisa estar presente no ambiente da praça, inclusive já tendo se mostrado como um instrumento adequado para representação e avaliação do espaço construído em estudos anteriormente realizados (p.ex. AZEVEDO, 2000; PORTELLA, 2003).

3.4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

Uma vez que os métodos utilizados para interpretar e as técnicas para processar os dados coletados dependem da natureza dessas informações e dos objetivos a serem alcançados (REIS E LAY, 2005; LEEDY, apud REIS E LAY, 2005), foi necessário para o desenvolvimento desta pesquisa analisar os dados tanto qualitativamente quanto quantitativamente.

A análise qualitativa baseou-se nas interpretações e julgamentos realizados conforme as observações dos mapas comportamentais (PROSHANSKY, ITTELSON E RIVLIN apud REIS E LAY, 1995). Assim os dados obtidos nesses mapas foram quantificados, sendo a análise complementada através das freqüências de tipos de comportamento e da localização dos usuários. Por sua vez, a análise quantitativa utilizou testes estatísticos não-paramétricos, com informações numéricas tabuladas numa planilha (linhas com informações do respondente e colunas com informações das variáveis) do programa estatístico SPSS/PC (*Statistical Package for Social Sciences*). A utilização de testes estatísticos não-paramétricos baseou-se principalmente na sua aplicabilidade para pequenas amostras (SIEGEL, 1975).

Os principais testes estatísticos não-paramétricos utilizados foram: freqüências (percentagens), teste Kruskal-Wallis e testes inferenciais de correlação Spearman (indica a força e a direção da correlação entre as variáveis). Para os testes de correlação foram considerados os seguintes intervalos: correlação fraca ($0 < \text{coef.} \leq 0,3$), correlação média ($0,3 < \text{coef.} \leq 0,5$), correlação forte ($0,5 < \text{coef.} \leq 0,7$), correlação muito forte ($0,7 < \text{coef.} \leq 0,9$), correlação excepcional ($0,9 < \text{coef.} \leq 1$) (adaptados da categorização proposta por Rowntree, 1981, adud REIS E LAY, 2005, p.29). Quanto à analise dos dados obtidos através dos testes estatísticos, foram elaboradas tabelas de modo a apresentar todos os resultados considerados pertinentes a esta investigação.

3.5 TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo foi realizado na cidade de Pelotas, sendo a primeira etapa relativa às observações, registro das variáveis associadas aos aspectos físico-espaciais, levantamentos físicos e fotográficos, medições das praças e realização dos mapas comportamentais, bem como a realização do estudo piloto (dos questionários), foi desenvolvido em Março de 2006. A segunda etapa, referente a aplicação dos questionários foi realizada em Abril e Maio de 2007.

É relevante mencionar que as atividades desenvolvidas, tanto a etapa1, como a etapa 2 foram realizadas unicamente pela pesquisadora, garantindo a operacionalização eficaz do método. No entanto, a principal dificuldade encontrada foi em relação ao levantamento fotográfico e montagem das representações, principalmente das fachadas do entorno das praças, pois foram tarefas que consumiram bastante tempo. Uma vez que era necessário realizar o levantamento fotográfico nos dois turnos (manhã e tarde) em função da direção do sol, já que as fachadas deveriam estar iluminadas por ele e posteriormente ainda realizar a montagem propriamente dita das fotografias.

Considerando a aplicação dos questionários, tanto aqueles aplicados no ambiente como fora do ambiente a pesquisadora acompanhou o preenchimento dos mesmos pelos respondentes de forma a garantir a devolução dos mesmos e o preenchimento correto. Quanto ao questionário aplicado nas praças a maioria dos usuários colaborou com a pesquisa, respondendo de boa vontade, já os usuários que não estavam nas praças foram menos receptivos, em função de muitos que trabalham no entorno não desejarem ser interrompidos e outros que residem não estarem em casa. No entanto, essas questões não impossibilitaram que todos os questionários fossem completados satisfatoriamente.

3.6 SUMÁRIO

Primeiramente é verificado que a cidade de Pelotas é um município adequado para a análise a ser feita nesse estudo, pelo fato de possuir praças adequadas para a pesquisa, com características físico-espaciais que, conforme a literatura são importantes na avaliação do nível de satisfação dos usuários com a estética. Observações preliminares permitiram constatar que os objetos de estudo deveriam ser selecionados principalmente em função da variável valor histórico. Portanto, em função dessa característica as praças foram selecionadas, por estarem localizadas na parte mais antiga da cidade, agregando assim um valor histórico e cultural aos prédios existentes no entorno. Adicionalmente outra necessidade para a definição dos objetos de estudo foi de que as praças deveriam apresentar características similares em termos de uso e, portanto, próprias para analisar a relação entre a estética e o uso desses locais.

Os dados relativos aos objetos de estudo foram coletados com a utilização de mapas comportamentais, levantamentos físicos, de arquivo, fotográfico e questionários, que se mostraram eficientes na investigação tanto dos níveis de satisfação com a estética como em relação ao uso. As perguntas do questionário são compreendidas de forma satisfatória pela

grande maioria das respondentes e as reproduções das fachadas e vistas demonstram que essa técnica é eficiente na elaboração de estímulos visuais.

Quanto aos métodos de análise dos dados, esses atendem plenamente aos objetivos pretendidos, sendo eficazes à sistematização e a comparação entre a influência das características físico-espaciais com o nível de satisfação estética, bem como em relação à estética e o uso das praças.

Dessa forma, tendo sido os métodos explicitados, o próximo capítulo apresenta os dados analisados e os resultados obtidos nessa dissertação.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, são apresentados os resultados referentes á análise dos dados. Primeiramente, é apresentada uma avaliação estética geral das praças, assim como em relação aos níveis, anteriormente descritos na revisão da literatura: (1) fachadas que delimitam esses espaços e (2) espaços abertos. Por fim, a estética das praças é examinada em relação ao uso das mesmas.

4.2 AVALIAÇÃO EM RELAÇÃO À ESTÉTICA DAS PRAÇAS

Neste item, é apresentada a avaliação dos usuários em relação à estética das praças, conforme os dados provenientes tanto do questionário aplicado nas próprias praças, como daquele aplicado no entorno, segundo a metodologia explicitada no capítulo 3. Para tanto, primeiramente, é relevante destacar que a categoria de respondentes satisfeitos apresentada, ao longo deste capítulo, inclui aqueles usuários que consideram os ambientes avaliados tanto como "bonitos" quanto como "muito bonitos", assim como a categoria indiferente diz respeito àqueles usuários que consideram os ambientes "nem bonitos nem feios" e a categoria “insatisfeitos”, inclui aqueles que consideram os mesmos "feios" ou "muito feios".

4.2.1 NÍVEL DE SATISFAÇÃO GERAL DOS USUÁRIOS COM A ESTÉTICA DAS PRAÇAS

Embora 54,44% (98 de 180) do total da amostra de usuários das praças avaliadas em Pelotas estejam satisfeitos com a estética das praças, existe um porcentual expressivo de 45,56% (82 de 180) que não tem esta opinião (Tabela 2). Esses dados, portanto, revelam que as praças não atendem as necessidades estéticas dos usuários como deveriam. Uma vez que o ideal seria que praticamente a totalidade dos usuários estivessem satisfeitos com a estética das praças.

Tabela 2 – Avaliação estética geral das praças

Níveis de satisfação com a estética das praças	Questionários aplicados dentro e fora do ambiente das praças			
	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total de respondentes
muito bonita	8 (13,3%)	7 (11,7%)	13 (21,7%)	98 (54,44%)
bonita	24 (40,0%)	29 (48,3%)	17 (28,3%)	
nem bonita nem feia	19 (31,7%)	16 (26,7%)	24 (40,0%)	59 (32,77%)
feia	6 (10%)	7 (11,7%)	2 (3,3%)	23 (12,77%)
muito feia	3 (5%)	1 (1,3%)	4 (6,7%)	
total de respondentes	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	180 (100%)
média*	87,81	92,29	91,40	-

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por praça; *Média dos valores ordinais: produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis, quanto maior esse valor, maior o nível de satisfação estética dos usuários com a praça.

Analisando a opinião do total de respondentes, não é encontrada diferença estatisticamente significativa entre os usuários de cada uma das três praças com as mesmas quanto ao nível de satisfação com a estética. Entretanto os valores ordinais médios produzidos pelo teste Kruskal-Wallis (Tabela 2) indicam que os usuários da praça José Bonifácio são os mais satisfeitos. A seguir por aqueles da praça Piratinino de Almeida e, por último, pelos do parque Dom Antônio Zattera.

Considerando tanto os respondentes que se encontram dentro como fora do ambiente das três praças, percebe-se, em ambos os casos, que embora a maioria, 54,4% (49 de 90) esteja satisfeita com a estética das praças, existe uma parcela expressiva, de 45,5% (41 de 90) que não tem a mesma opinião (Tabela 3). Não sendo encontrada, em nenhum dos casos, diferença estatisticamente significativa entre os usuários de cada uma das três praças quanto ao nível de satisfação geral com a estética de cada uma das praças.

Tabela 3 – Avaliação estética das praças (questionário aplicado nas praças e fora delas)

Níveis de satisfação com a estética das praças	Questionário aplicado na praça				Questionário aplicado fora da praça			
	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total
muito bonita	2 (6,6%)	3 (10%)	7 (23,3%)	49 (54,4%)	6 (20%)	4 (13,3%)	6 (20%)	49 (54,4%)
bonita	12 (40%)	17 (56,6%)	8 (26,6%)		12 (40%)	12 (40%)	9 (30%)	
nem bonita nem feia	14 (46,6%)	9 (30%)	13 (43,3%)	36 (40%)	5 (16,6%)	7 (23,3%)	11 (36,6%)	23 (25,5%)
feia	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0	5 (5,55%)	5 (16,6%)	6 (20%)	2 (6,6%)	18 (20%)
muito feia	1 (3,3%)	0	2 (6,6%)		2 (6,6%)	1 (3,3%)	2 (6,6%)	
total de respondentes	30 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	90 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	90 (100%)
média*	40,82	49,65	46,03	-	46,90	43,70	45,90	-

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por praça; *Média dos valores ordinais: produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis, quanto maior esse valor, maior o nível de satisfação estética dos usuários com a praça.

Comparando-se os questionários aplicados nas praças e fora delas, é possível observar, através das freqüências de respostas, que as maiores diferenças entre as avaliações dos respondentes estão entre aqueles insatisfeitos. Pois, enquanto no questionário aplicado fora da praça 20% (18 de 90) estão insatisfeitos, no questionário aplicado nas praças somente 5,55% (5 de 90) estão insatisfeitos (Tabela 3). Uma possível explicação para essa situação é que os usuários que estavam nas praças têm uma avaliação mais positiva, segundo as médias dos valores ordinais produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis (Tabela 3), em função de utilizarem mais as praças que os outros usuários que estavam fora das praças.

Analisando a opinião do total de usuários das três praças, em diferentes faixas etárias, quanto à estética das mesmas, observa-se através dos porcentuais que os resultados não indicam grande divergência na avaliação estética de praças, realizada por usuários em distintas faixas etárias (Tabela 4). Sendo que, embora a maioria dos usuários de todos os grupos (adolescentes, adultos e idosos) esteja satisfeita, existe uma parcela expressiva em cada grupo com opinião diferente. Esses dados indicam, portanto, que a estética das praças em Pelotas, em geral não está agradando aos usuários, independente da faixa etária em que se encontram. Observa-se, que em todas as faixas etárias os porcentuais dos usuários que não estão satisfeitos foram altos, comparados aos satisfeitos (Tabela 4).

Tabela 4 – Avaliação estética em relação as diferentes faixas etárias

Níveis de satisfação com a estética das praças	Questionários aplicados dentro e fora do ambiente das praças					
	Adolescentes	Total por grupo	Adultos	Total por grupo	Idosos	Total por grupo
muito bonita	1 (4,5%)	13 (59,1%)	21 (16,4%)	67 (52,3%)	6 (20,0%)	18 (60%)
bonita	12 (54,5%)		46 (35,9%)		12 (40,0%)	
nem bonita nem feia	9 (40,9%)	9 (40,9%)	43 (33,6%)	43 (33,6%)	7 (23,3%)	7 (23,3%)
feia	0	0	11 (8,6%)	18 (14%)	4 (13,3%)	5 (16,6%)
muito feia	0		7 (5,5%)		1 (3,3%)	
total de respondentes	22 (100%)	22 (100%)	128 (100%)	128 (100%)	30 (100%)	30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário.

Analisando-se individualmente cada grupo etário, conclui-se que embora os adolescentes estejam mais satisfeitos quanto à estética da praça José Bonifácio, nenhuma das três praças atende às necessidades estéticas deste grupo (Tabela 5). Isso porque, embora na praça José Bonifácio 69,23% (9 de 13) estejam satisfeitos, existe uma parcela expressiva de usuários 30,77% (4 de 13) que não tem a mesma opinião. No parque Dom Antônio Zattera a maioria 57,14% (4 de 7) está insatisfeita e apenas 42,85% (3 de 7) são usuários satisfeitos. E por último, na praça Piratinino de Almeida, não vale considerar a opinião deste grupo, uma vez que existe somente um respondente desta faixa etária (Tabela 5).

Quanto ao grupo dos adultos, a praça mais satisfatória é também a José Bonifácio (Tabela 5), entretanto tanto nesta praça como no parque Dom Antônio Zattera, embora a maioria dos

usuários esteja satisfeita, com porcentagens respectivas de 57,1% (20 de 35) e 55,3% (26 de 47) existe uma quantidade expressiva de usuários nestes locais que não tem a mesma opinião, sendo 42,8% (15 de 35) na praça José Bonifácio e 44,7% (21 de 47) no parque Dom Antônio Zattera. Já na praça Piratinino de Almeida a maioria dos respondentes adultos, 54,3% (25 de 46), estão insatisfeitos com a estética, entretanto a porcentagem de usuários satisfeitos 45,6% (21 de 46) é também bastante expressiva (Tabela 5).

Por fim, o grupo dos idosos está mais satisfeito com a praça Piratinino de Almeida, uma vez que 66,6% (8 de 12) estão satisfeitos e somente 33,3% (4 de 12) não tem essa opinião (Tabela 5). Após, está a praça José Bonifácio, apesar de que nesta praça, embora a maioria 58,3% (7 de 12) esteja satisfeita, uma parcela expressiva de usuários, 41,7% (5 de 12) que não tem a mesma opinião. Já no parque Dom Antônio Zattera o porcentual dos usuários satisfeitos, 50% (3 de 6) e não satisfeitos, 50% (3 de 6) é o mesmo (Tabela 5).

Tabela 5 – Avaliação estética das praças por grupo de usuários (questionário aplicado nas praças e fora delas)

Grupo de usuários	Níveis de satisfação com a estética das praças	Parque Dom Antônio Zattera	Total	Praça José Bonifácio	Total	Praça Piratinino de Almeida	Total	Total por grupo
Adolescentes	Muito bonita	0	3 (42,8%)	0	9 (69,23%)	1 (100%)	1 (100%)	21
	Bonita	3 (42,8%)		9 (69,23%)		0		
	Nem bonita, nem feia	4 (57,1%)	4 (57,1%)	4 (30,7%)	4 (30,7%)	0	0	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0		0		0		
	Total de respondentes	7	7	13	13	1	1	
Adultos	Muito bonita	6 (12,7%)	26 (55,3%)	5 (14,2%)	20 (57,1%)	10 (21,7%)	21 (45,6%)	128
	Bonita	20 (42,5%)		15 (42,8%)		11 (23,9%)		
	Nem bonita, nem feia	14 (29,7%)	14 (29,7%)	10 (28,5%)	10 (28,5%)	19 (41,3%)	19 (41,3%)	
	Feia	5 (10,6%)	7 (14,9%)	4 (11,4%)	5 (14,3%)	2 (4,3%)	6 (13%)	
	Muito feia	2 (4,2%)		1 (2,8%)		4 (8,7%)		
	Total de respondentes	47	47	35	35	46	46	
Idosos	Muito bonita	2 (33,3%)	3 (50%)	2 (16,6%)	7 (58,3%)	2 (16,6%)	8 (66,6%)	30
	Bonita	1 (16,6%)		5 (41,6%)		6 (50%)		
	Nem bonita, nem feia	1 (16,6%)	1 (16,6%)	2 (16,6%)	2 (16,6%)	4 (33,3%)	4 (33,3%)	
	Feia	1 (16,6%)	2 (33,3%)	3 (25%)	3 (25%)	0	0	
	Muito feia	1 (16,6%)		0		0		
	Total de respondentes	6	6	12	12	12	12	

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por praça.

É relevante salientar que a pouca representação de respondentes de um determinado grupo de usuários reflete o pouco uso da praça pela respectiva faixa etária. Contudo, os dados revelam que embora os adultos sejam claramente os usuários majoritários, existe um uso bastante equilibrado das três praças por parte de alguns idosos (Tabela 7) e um uso

privilegiado pelos adolescentes no parque Dom Antônio Zattera e, principalmente, da praça José Bonifácio (Tabela 6). Assim, o fato das avaliações terem sido realizadas com pessoas nas praças e fora destas possibilitou uma participação dos diferentes grupos etários.

Tabela 6 – Avaliação estética das praças por grupo de usuários (questionário aplicado nas praças)

Grupo de usuários	Níveis de satisfação com a estética das praças	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total de respondentes
Adolescentes	Muito bonita	0	0	1 (4,76%)	21 (100%)
	Bonita	3 (14,28%)	9 (42,86%)	0	
	Nem bonita, nem feia	4 (19,05%)	4 (19,05%)	0	
	Feia	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	
	Total de respondentes	7	13	1	
Adultos	Muito bonita	2 (3,22%)	3 (4,84%)	6 (9,68%)	62 (100%)
	Bonita	9 (14,52%)	8 (12,90%)	6 (9,68%)	
	Nem bonita, nem feia	10 (16,13%)	3 (4,84%)	10 (16,13%)	
	Feia	1 (1,61%)	1 (1,61%)	0	
	Muito feia	1 (1,61%)	0	2 (3,22%)	
	Total de respondentes	23	15	24	
Idosos	Muito bonita	0	0	0	7 (100%)
	Bonita	0	0	2 (28,57%)	
	Nem bonita, nem feia	0	2 (28,57%)	3 (42,86%)	
	Feia	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	
	Total de respondentes	0	2	5	

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário.

Tabela 7 – Avaliação estética das praças por grupo de usuários (questionário aplicado fora das praças)

Grupo de usuários	Níveis de satisfação com a estética das praças	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total de respondentes
Adultos	Muito bonita	4 (6,06%)	2 (3,03%)	4 (6,06%)	66 (100%)
	Bonita	11 (16,66%)	7 (10,60%)	5 (7,57%)	
	Nem bonita, nem feia	4 (6,06%)	7 (10,60%)	9 (13,63%)	
	Feia	4 (6,06%)	3 (4,54%)	2 (3,03%)	
	Muito feia	1 (1,51%)	1 (1,51%)	2 (3,03%)	
	Total de respondentes	24	20	22	
Idosos	Muito bonita	2 (8,69%)	2 (8,69%)	2 (8,69%)	23 (100%_
	Bonita	1 (4,35%)	5 (27,74%)	4 (17,39%)	
	Nem bonita, nem feia	1 (4,35%)	0	1 (4,35%)	
	Feia	1 (4,35%)	3 (13,04%)	0	
	Muito feia	1 (4,35%)	0	0	
	Total de respondentes	6	10	7	

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário; o grupo dos adolescentes foi desconsiderado no questionário aplicado fora das praças em função da falta de respondentes desta faixa etária no entorno das praças.

Conclui-se, quanto ao nível de satisfação geral dos usuários com a estética das praças avaliadas em Pelotas, que embora a maioria dos usuários esteja satisfeita com esse

aspecto, elas não atendem as necessidades estéticas dos usuários como deveriam, uma vez que uma parcela expressiva desses não se mostra satisfeita. Adicionalmente, embora as respostas quanto ao nível de satisfação dos usuários com as três praças avaliadas sejam semelhantes, admite-se que a praça melhor avaliada esteticamente de maneira geral é a José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera. Quando se analisa o nível de satisfação dos usuários de distintas faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos) quanto à estética das três praças, conclui-se que, mais uma vez, elas não atendem as necessidades estéticas como deveriam, pois, uma parcela expressiva de cada faixa etária não se mostra satisfeita. Adicionalmente, embora as respostas quanto ao nível de satisfação dos usuários com distintas faixas etárias em relação as três praças avaliadas sejam semelhantes, admite-se que a praça melhor avaliada esteticamente tanto para os adolescentes como para os adultos é a José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera. Para o grupo dos idosos a melhor avaliada é a Piratinino de Almeida, seguida da José Bonifácio e por último também o parque Dom Antônio Zattera.

4.2.2 IMPORTÂNCIA DOS DOIS NÍVEIS ESTÉTICOS PARA A SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA DAS PRAÇAS

Através da análise dos dados, considerando toda a amostra de usuários das praças (180 pessoas) observa-se indicações de que os dois níveis estéticos do ambiente das praças considerados na pesquisa (as fachadas que delimitam o espaço e o próprio espaço aberto) são importantes para a avaliação estética geral, na opinião dos usuários, considerando que foi encontrada correlação entre o nível de satisfação estética geral e cada um dos níveis estéticos das praças (Tabela 8). Adicionalmente, verifica-se que o nível estético do espaço aberto das praças é o que tende a afetar mais intensamente o nível de satisfação com a estética geral dos usuários das praças, sendo que a intensidade dessa correlação é classificada como moderada (REIS E LAY, 2005). O nível de satisfação com as fachadas gera correlações menos intensas, sendo classificada como fraca ou baixa (REIS E LAY, 2005) (Tabela 8).

Tabela 8 – Correlação entre o nível de satisfação com a estética das praças e cada um dos níveis estéticos

	Questionário aplicado dentro e fora das praças	
Nível de satisfação com a estética geral das praças	Nível de satisfação com a estética das fachadas	Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos
	(Spearman, c.=.283, sig.=.000)	(Spearman, c.=.471, sig.=.000)

Analisando separadamente as respostas dos usuários das praças (90 pessoas) e de fora das praças (90 pessoas), verifica-se que dentre os dois níveis estéticos analisados, o nível de satisfação com o espaço aberto parece influenciar mais que as fachadas que delimitam as praças, tanto em função do questionário aplicado nas praças como no aplicado fora das praças (Tabela 9). Adicionalmente, em relação às fachadas, observa-se que para as pessoas que estão nas praças a estética das fachadas das edificações tendem a influenciar menos na avaliação estética geral das praças do que para as pessoas que estão fora (Tabela 9).

Tabela 9 – Correlação entre o nível de satisfação com a estética das praças e cada um dos níveis estéticos (questionário aplicado nas praças e fora delas)

	Questionário aplicado nas praças		Questionário aplicado fora das praças	
Nível de satisfação com a estética geral das praças	Nível de satisfação com a estética das fachadas	Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos	Nível de satisfação com a estética das fachadas	Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos
	(Spearman, c.=.207, sig.=.05)	(Spearman, c.=.403, sig.=.000)	(Spearman, c.=.352, sig.=.001)	(Spearman, c.=.528, sig.=.000)

Essa diferença entre os dois questionários, pode ser explicada pelo fato das pessoas que estavam fora das praças, possuírem fotografias das fachadas a fim de facilitar a avaliação estética, enquanto que as pessoas nas praças, não possuíam este instrumento. Muitas vezes estas últimas não conseguiam visualizar todas as faces das quadras que delimitam as praças por causa de obstáculos tais como vegetação e outros elementos obstruindo a visibilidade (Figuras 41, 42 e 43).

Figura 41 - Obstrução visual das fachadas no parque Dom Antônio Zattera

Figura 42 - Obstrução visual das fachadas na praça José Bonifácio

Figura 43 – Obstrução visual das fachadas na praça Piratinino de Almeida

Quando enfocadas separadamente as três praças e comparando-se as respostas dos dois questionários, quanto à importância dos níveis estéticos para a satisfação com a estética geral, pode-se comentar que no parque Dom Antônio Zattera, para os usuários que estão no ambiente não é encontrada correlação entre o nível de satisfação com a estética geral e cada um dos dois níveis estéticos avaliados (Tabela 10). Entretanto, quando analisadas as respostas referentes aos usuários de fora do parque, é encontrada correlação em todos os níveis estéticos (Tabela 11), sendo que a correlação mais intensa, classificada como forte ou alta, é em relação ao espaço aberto do parque (REIS E LAY, 2005). Estes resultados sugerem que o aumento do nível de satisfação dos usuários com os níveis estéticos, principalmente com o espaço aberto do parque, tende a aumentar o nível de satisfação geral com a estética do parque.

Quanto a praça José Bonifácio, também observa-se que em relação aos usuários que estão na praça, não é encontrada correlação entre o nível de satisfação com a estética geral e os dois níveis estéticos avaliados (Tabela 10). Já para os usuários de fora da praça, é encontrada correlação tanto para o nível estético das fachadas como para o do espaço aberto (Tabela 11), sendo a correlação mais intensa, classificada como forte ou alta, em relação ao espaço aberto da praça e a correlação classificada como moderada, em relação às fachadas (REIS E LAY, 2005). Estes resultados indicam que o aumento do nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas, e principalmente do espaço aberto,, tende a aumentar o nível de satisfação com a estética da praça.

Na praça Piratinino de Almeida, para os usuários que estão no ambiente é encontrada correlação entre o nível de satisfação com a estética geral e cada um dos dois níveis estéticos avaliados (Tabela 10), sendo que a correlação mais intensa, classificada como forte ou alta, é em relação ao espaço aberto da praça e em relação ao nível das fachadas é classificadas como moderadas (REIS E LAY, 2005).

Tabela 10 – Correlação entre o nível de satisfação com a estética e cada um dos três níveis estéticos (questionário aplicado nas praças)

Correlações	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida
Entre o nível de satisfação com a estética das fachadas que delimitam as praças e o nível de satisfação com a estética geral das praças	(Spearman, c.=.225, sig.=.173)	(Spearman, c.=.108, sig.=.571)	(Spearman, c.=.446, sig.=.014)
Entre o nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças e o nível de satisfação com a estética geral das praças	(Spearman, c.=.321, sig.=.084)	(Spearman, c.=.297, sig.=.111)	(Spearman, c.=.572, sig.=.001)

Quando analisada as respostas dos usuários de fora da praça, há correlação somente em relação ao nível do espaço aberto (Tabela 11), sendo sua intensidade classificada como moderada (REIS E LAY, 2005). Assim, estes resultados sugerem que o aumento do nível de satisfação dos usuários com os níveis estéticos, principalmente com o espaço aberto da praça, tende a aumentar o nível de satisfação estética geral dos usuários com as praças.

Tabela 11 – Correlação entre o nível de satisfação com a estética geral e cada um dos três níveis estéticos (questionário aplicado fora das praças)

Correlações	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida
Entre o nível de satisfação com a estética das fachadas que delimitam as praças e o nível de satisfação com a estética geral das praças	(Spearman, c.=.404, sig.=.027)	(Spearman, c.=.373, sig.=.043)	(Spearman, c.=.297, sig.=.111)
Entre o nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças e o nível de satisfação com a estética geral das praças	(Spearman, c.=.613, sig.=.000)	(Spearman, c.=.610, sig.=.000)	(Spearman, c.=.352, sig.=.056)

Conclui-se, quanto à importância dos dois níveis estéticos avaliados para a satisfação com a estética das praças, que tanto as fachadas que delimitam o espaço, quanto o próprio espaço aberto são importantes para a avaliação estética geral, na opinião dos usuários. Sendo que o nível do espaço aberto das praças parece ser o que afeta mais intensamente na avaliação da estética geral, tanto em relação aos usuários que estão na praça como fora delas e, depois em termos de importância, está o nível estético das fachadas que delimitam as praças. Assim, os resultados sugerem que o aumento do nível de satisfação dos usuários com os níveis estéticos, principalmente com o espaço aberto das praças, tende a aumentar o nível de satisfação geral com a estética das mesmas.

4.2.3 NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA DAS FACHADAS DAS EDIFICAÇÕES QUE DELIMITAM AS PRAÇAS

Considerando os dados provenientes dos dois questionários, com relação à satisfação com a estética das fachadas das edificações, pode-se afirmar que embora 62,2% (112 de 180) do total da amostra de usuários das praças avaliadas em Pelotas estejam satisfeitos com a estética das fachadas, existe um porcentual expressivo de 37,8% (68 de 180) que não tem

esta opinião (Tabela 12). Esses dados, portanto, revelam que o nível estético das fachadas das edificações que delimitam as praças não atende as necessidades estéticas dos usuários como deveria. Uma vez que o ideal seria que praticamente a totalidade dos usuários estivessem satisfeitos com a estética das fachadas das edificações.

Ainda analisando a opinião do total de respondentes, é encontrada diferença estatisticamente significativa (K-W, chi²=9.487, sig.=.009) entre a opinião dos usuários de cada uma das três praças, com as respectivas praças quanto ao nível de satisfação com a estética das fachadas. Sendo que os valores ordinais médios produzidos pelo teste Kruskal-Wallis (Tabela 12) indicam que os usuários da praça José Bonifácio são os mais satisfeitos com a estética das fachadas, seguidos por aqueles da praça Piratinino de Almeida e, por último, pelos do parque Dom Antônio Zattera, cujas fachadas são menos satisfatórias.

Tabela 12 – Avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças

Níveis de satisfação com a estética das fachadas	Questionários aplicados dentro e fora do ambiente das praças			
	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total de respondentes
muito bonita	9 (15%)	8 (13,3%)	9 (15%)	112 (62,2%)
bonita	17 (28,3%)	38 (63,3%)	31 (51,7%)	
nem bonita nem feia	28 (46,7%)	13 (21,7%)	18 (30%)	59 (32,7%)
feia	5 (8,3%)	1 (1,7%)	2 (3,3%)	9 (5%)
muito feia	2 (3,3%)	0	0	
total de respondentes	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	180 (100%)
média*	75,39	101,49	94,62	-

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por praça; *Média dos valores ordinais: produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis, quanto maior esse valor, maior o nível de satisfação estética dos usuários com as fachadas da praça.

Quanto ao questionário aplicado no ambiente, embora seja encontrada diferença estatisticamente significativa (K-W, chi²=6.031, sig.=.049) entre os usuários de cada uma das três praças quanto a avaliação da estética das respectivas praças, a opinião dos usuários quanto a estética das fachadas da praça José Bonifácio e Piratinino de Almeida são muito próximas, segundo os valores ordinais médios produzidos pelo teste Kruskal-Wallis (Tabela 13) ficando por último, em termos de agradabilidade das fachadas do parque Dom Antônio Zattera. No questionário aplicado fora das praças, embora não seja encontrada diferença estatisticamente significativa entre os usuários de cada uma das três praças com as respectivas praças quanto a avaliação da estética das fachadas, percebe-se mais claramente neste questionário, através dos valores ordinais médios produzidos pelo teste Kruskal-Wallis (Tabela 13) que os usuários mais satisfeitos com a estética das fachadas são os praça José Bonifácio, seguidos por aqueles da praça Piratinino de Almeida e, por último, pelos do parque Dom Antônio Zattera.

Comparando-se os dois questionários verifica-se que os usuários que estão fora das praças mostram-se um pouco mais satisfeitos que os usuários das praças com a estética das fachadas (Tabela 13). Uma possível explicação para este fato é que o respondente, quando está na praça, não tem uma visão de todas as fachadas das edificações que delimitam a praça e, portanto, avalia mais negativamente do que aquele que possui o recurso das fotografias para observar mais detalhadamente e avaliar a estética dessas fachadas.

Tabela 13 – Avaliação estética das fachadas das edificações (questionário aplicado nas praças e fora delas)

Avaliação estética das fachadas das edificações	Questionário aplicado nas praças				Questionário aplicado fora das praças			
	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total
muito feia	0	0	0	5 (5,5%)	1 (3,3%)	0	0	4 (4,4%)
feia	3 (10%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)		2 (6,6%)	0	1 (3,3%)	
nem bonita nem feia	15 (50%)	7 (23,3%)	9 (30%)	31 (34,4%)	13 (43,3%)	6 (20%)	9 (30%)	28 (31,1%)
bonita	9 (30%)	19 (63,3%)	15 (50%)	54 (60%)	8 (26,6%)	19 (63,3%)	16 (53,3%)	58 (64,4%)
muito bonita	3 (10%)	3 (10%)	5 (16,6%)		6 (20%)	5 (16,6%)	4 (13,3%)	
Total de respondentes	30 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	90 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	90 (100%)
média*	36,70	50,23	49,57	-	39,25	51,73	45,52	-

Nota: o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça. O total de respondentes de cada praça é de 30 pessoas, logo a porcentagem total equivale a 100%; *Média dos valores ordinais: produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis, quanto maior esse valor, maior o nível de satisfação estética dos usuários com a praça.

Analisando a opinião do total de usuários das três praças, com diferentes faixas etárias quanto à estética das fachadas das edificações que delimitam as mesmas, observa-se, através dos porcentuais, que os resultados não indicam grande divergência na avaliação estética das fachadas realizada por usuários com distintas faixas etárias (Tabela 14). Sendo que, embora a maioria dos usuários de todos os grupos (adolescentes, adultos e idosos) esteja satisfeitos, existe uma parcela expressiva em cada grupo que não tem a mesma opinião. Esses dados indicam, portanto, que a estética das fachadas das edificações que delimitam as praças em Pelotas, em geral, não está agradando aos usuários, independente da faixa etária em que se encontram. Uma vez que para todas as faixas etárias os porcentuais dos usuários que não estão satisfeitos foram altos, comparados aos satisfeitos (Tabela 14).

Tabela 14 – Avaliação do nível de satisfação com a estética das fachadas em relação ás diferentes faixas etárias

Níveis de satisfação com a estética das fachadas	Questionários aplicados dentro e fora do ambiente das praças					
	Adolescentes	Total por grupo	Adultos	Total por grupo	Idosos	Total por grupo
muito bonita	2 (9,1%)	13 (59,1%)	17 (13,3%)	76 (59,4%)	7 (23,3%)	23 (76,7%)
bonita	11 (50%)		59 (46,1%)		16 (53,3%)	
nem bonita nem feia	7 (31,8%)	7 (31,8%)	45 (35,1%)	45 (35,1%)	7 (23,3%)	7 (23,3%)
feia	2 (9,1%)	2 (9,1%)	6 (4,7%)	7 (5,4%)	0	0
muito feia	0		1 (1%)		0	
total de respondentes	22 (100%)	22 (100%)	128 (100%)	128 (100%)	30 (100%)	30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário.

Analisando-se individualmente cada grupo etário, conclui-se que embora os adolescentes estejam mais satisfeitos quanto à estética das fachadas da praça José Bonifácio, nenhuma das três praças atende às necessidades estéticas deste grupo (Tabela 15). Pois, embora na praça José Bonifácio 61,5% (8 de 13) dos usuários estejam satisfeitos com a estética das fachadas, existe uma parcela expressiva de 38,4% (5 de 13) que não têm a mesma opinião. No parque Dom Antônio Zattera a maioria 57,2% (4 de 7) estão insatisfeitos e apenas 42,9% (3 de 7) estão satisfeitos. E por último na praça Piratinino de Almeida, não vale considerar a opinião deste grupo uma vez que existe somente um respondente desta faixa etária (Tabela 15).

Quanto ao grupo dos adultos, as fachadas das edificações que delimitam as praças que mais agrada esteticamente aos usuários são também as da José Bonifácio (Tabela 15), porém tanto nesta praça como na Piratinino de Almeida, embora a maioria dos usuários, estejam satisfeitos, com porcentagens respectivas de 77,14% (27 de 35) e 63% (29 de 46) existe uma quantidade expressiva de usuários nestes locais que não tem a mesma opinião, sendo 22,8% (8 de 35) na praça José Bonifácio e 36,9% (17 de 46) na Praça Piratinino de Almeida. Já no parque Dom Antônio Zattera, embora a maioria dos respondentes adultos 57,41% (27 de 47) estejam insatisfeitos com a estética das fachadas, a porcentagem de usuários satisfeitos 42,5% (20 de 47) é também bastante expressiva (Tabela 15).

Por fim, o grupo dos idosos está mais satisfeito com a estética das fachadas das edificações que delimitam a praça José Bonifácio, uma vez que 91,6% (11 de 12) estão satisfeitos e somente 8,3% (1 de 12) não tem essa opinião (Tabela 15). Após está a estética das fachadas da praça Piratinino de Almeida, entretanto nesta praça, embora a maioria 75% (9 de 12) esteja satisfeita existe uma parcela expressiva de usuários 25% (3 de 12) que não tem a mesma opinião. Já no parque Dom Antônio Zattera a opinião entre os usuários satisfeitos 50% (3 de 6) e não satisfeito 50% (3 de 6) é a mesma (Tabela 15).

Tabela 15 – Avaliação estética das fachadas em relação ás diferentes faixas etárias (questionário nas praças e fora delas)

Grupo de usuários	Níveis de satisfação com a estética das fachadas	Parque Dom Antônio Zattera	Total	Praça José Bonifácio	Total	Praça Piratinino de Almeida	Total	Total por grupo
Adolescentes	Muito bonita	1 (14,3%)	3 (42,9%)	1 (7,7%)	8 (61,5%)	0	1 (50%)	22
	Bonita	2 (28,6%)		7 (53,8%)		1 (50%)		
	Nem bonita, nem feia	2 (28,6%)	2 (28,6%)	5 (38,4%)	5 (38,4%)	1 (50%)	1 (50%)	
	Feia	2 (28,6%)	2 (28,6%)	0	0	0	0	
	Muito feia	0		0		0		
	Total de respondentes	7 (100%)	7 (100%)	13 (100%)	13 (100%)	2 (100%)	2 (100%)	
Adultos	Muito bonita	6 (12,7%)	20 (42,5%)	4 (11,4%)	27 (77,14%)	7 (15,2%)	29 (63%)	128
	Bonita	14 (29,8%)		23 (65,7%)		22 (47,8%)		
	Nem bonita, nem feia	23 (48,9%)	23 (48,9%)	7 (20%)	7 (20%)	15 (32,6%)	15 (32,6%)	
	Feia	3 (6,38%)	4 (8,51%)	1 (2,86%)	1 (2,86%)	2 (4,3%)	2 (4,3%)	
	Muito feia	1 (2,13%)		0		0		
	Total de respondentes	47 (100%)	47 (100%)	35 (100%)	35 (100%)	46 (100%)	46 (100%)	
Idosos	Muito bonita	2 (33,3%)	3 (50%)	3 (25%)	11 (91,6%)	2 (16,6%)	9 (75%)	30
	Bonita	1 (16,6%)		8 (66,7%)		7 (58,3%)		
	Nem bonita, nem feia	3 (50%)	3 (50%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	3 (25%)	3 (25%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0		0		0		
	Total de respondentes	6 (100%)	6 (100%)	12 (100%)	12 (100%)	12 (100%)	12 (100%)	

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário.

Conclui-se, quanto ao nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas das edificações que delimitam as praças que embora a maioria dos usuários esteja satisfeita com esse aspecto, as necessidades estéticas dos usuários não são atendidas como deveriam, uma vez que uma parcela expressiva desses não se mostra satisfeita. Entretanto, é possível identificar claramente que a praça que possui as fachadas mais satisfatórias esteticamente, na opinião dos usuários é a José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera. Quando se analisa o nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas em função das distintas faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos), conclui-se que mais uma vez elas não atendem as necessidades estéticas como deveriam, pois, uma parcela expressiva de cada faixa etária não se mostra satisfeita. Adicionalmente, conclui-se que independente da faixa etária dos usuários as fachadas melhor avaliadas esteticamente são as da praça José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera. Portanto, esses resultados indicam que quanto à avaliação estética das fachadas que delimitam as praças a faixa etária dos usuários é um aspecto que parece não interferir na diferença de opinião entre as pessoas.

4.2.3.1 PRINCIPAIS ASPECTOS ASSOCIADOS AO NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA DAS FACHADAS DAS EDIFICAÇÕES QUE DELIMITAM DAS PRAÇAS

Nos questionários aplicados fora das praças, adicionalmente as variáveis já mencionadas pela revisão da literatura, que estão associadas ao nível de satisfação com as edificações do entorno das praças, foram acrescentadas outras, em função das respostas citadas nas perguntas abertas. A seguir, (Tabelas 16) é apresentado o conjunto dessas variáveis citadas pelos respondentes, sendo que foram excluídas aquelas variáveis mencionadas por menos de 10% da amostra de respondentes de cada praça (30 usuários), por serem consideradas irrelevantes.

Tabela 16 – Variáveis associadas ao nível de satisfação com as fachadas das edificações do entorno das praças

Aspectos associados ao nível de satisfação estética com as fachadas	Ligados à satisfação	Ligados à insatisfação	Total
Composição arquitetônica da fachada	52 (57,7%)	12 (13,3%)	64 (71,1%)
Valor histórico e/ou cultural de algumas edificações existentes no entorno das praças	29 (32,2%)	0	29 (32,2%)
Nível de manutenção das fachadas	12 (13,3%)	21 (23,3%)	33 (36,6%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas a satisfação ou insatisfação com a estética das fachadas, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes que mencionou tal aspecto.

As variáveis similares mencionadas pelos respondentes e associadas ao nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (Tabela 16) foram agrupadas e avaliadas no estudo. São elas: composição arquitetônica das fachadas, que inclui a falta de padrão ou compatibilidade formal entre as fachadas das edificações, o valor histórico das edificações, a manutenção ou falta de manutenção das fachadas.

4.2.3.1.1 COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA

Considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) observa-se uma tendência de que a composição arquitetônica das fachadas é uma característica importante (70% - 126 de 180) para a avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (Tabela 17). Adicionalmente, do total de usuários satisfeitos com a estética das fachadas uma quantidade expressiva de usuários 77,6% (87 de 112) menciona que a composição arquitetônica justifica a satisfação com a estética das mesmas, enquanto somente 22,3% (25 de 112) não têm essa opinião (Tabela 17).

Tabela 17 – Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
		Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Composição arquitetônica	justifica	20 (11,1%)	67 (37,2%)	35 (19,4%)	3 (1,7%)	1 (0,6%)	126 (70%)
	não justifica	6 (3,3%)	19 (10,5%)	24 (13,3%)	5 (2,8%)	0	54 (30%)
	Total	112 (62,2%)		59 (32,8%)	9 (5%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (180 respondentes).

Analisando-se a opinião total de usuários de cada uma das três praças sobre a composição arquitetônica das fachadas das edificações, observa-se que em todas as praças essa característica justifica o nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas (Tabela 18). Considerando apenas os usuários satisfeitos com a estética das fachadas das edificações, no parque Dom Antônio Zattera a composição arquitetônica das fachadas é citada por 84,61% (22 de 26) desses usuários satisfeitos como uma razão para essa satisfação, seguida pela praça Piratinino de Almeida, 77,5% (31 de 40) e por último pela José Bonifácio 73,9% (34 de 46) (Tabela 18).

Tabela 18 – Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Composição arquitetônica	justifica	8 (13,3%)	14 (23,3%)	13 (21,7%)	2 (3,3%)	1 (1,7%)	38 (63,3%)
		não justifica	1 (1,7%)	3 (5%)	15 (25%)	3 (5%)	0	22 (36,7%)
		Total	26 (43,3%)		28 (46,7%)	6 (10%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	Composição arquitetônica	justifica	6 (10%)	28 (46,7%)	9 (15%)	0	0	43 (71,7%)
		não justifica	2 (3,3%)	10 (16,7%)	4 (6,7%)	1 (1,7%)	0	17 (28,3%)
		Total	46 (76,7%)		13 (21,7%)	1 (1,7%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Composição arquitetônica	justifica	6 (10%)	25 (41,7%)	13 (21,7%)	1 (1,7%)	0	45 (75%)
		não justifica	3 (5%)	6 (10%)	5 (8,3%)	1 (1,7%)	0	15 (25%)
		Total	40 (66,7%)		18 (30%)	2 (3,3%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (60 respondentes).

Quando se analisa unicamente o questionário aplicado nas praças a composição arquitetônica das fachadas é identificada como um aspecto importante na avaliação do nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas na praça José Bonifácio 70% (21 de 30) e na praça Piratinino de Almeida, sendo que nesta última, embora a maioria dos usuários 53,3% (16 de 30) acreditem que esse aspecto justifica o nível de satisfação, uma quantidade expressiva de usuários, 46,7% (14 de 30) não tem essa opinião. Entretanto, no parque Dom Antônio Zattera somente 30% (9 de 30) dos usuários afirmam que a composição arquitetônica das fachadas é importante na avaliação do nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas enquanto 70% (21 de 30) pensam o contrário (Tabela 19). Somente em relação aos usuários satisfeitos com a estética das fachadas, identifica-se que a praça cuja composição arquitetônica justifica a satisfação dos usuários é primeiramente a José Bonifácio (72,7% - 16 de 22), seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (66,6% - 8 de 12) e por último a praça Piratinino de Almeida (55% - 11 de 20) (Tabela 19).

Tabela 19 – Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Composição arquitetônica	justifica	2 (6,7%)	6 (20%)	1 (3,3%)	0	0	9 (30,0%)
		não justifica	1 (3,3%)	3 (10%)	14 (46,7%)	3 (10%)	0	21 (70%)
		Total	12 (40%)		15 (50%)	3 (10%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Composição arquitetônica	justifica	2 (6,7%)	14 (46,7%)	5 (16,7%)	0	0	21 (70,0%)
		não justifica	1 (3,3%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	0	9 (30%)
		Total	22 (73,3%)		7 (23,3%)	1 (3,3%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Composição arquitetônica	justifica	2 (6,7%)	9 (30,0%)	5 (16,7%)	0	0	16 (53,3%)
		não justifica	3 (10,0%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	0	14 (46,7%)
		Total	20 (66,6%)		9 (30%)	1 (3,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (30 respondentes).

Em relação ao questionário aplicado fora das praças, a composição arquitetônica das fachadas é identificada como um aspecto positivo na avaliação do nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas em todas as praças, principalmente no parque Dom Antônio Zattera e na praça Piratinino de Almeida, com porcentagens iguais de 96,7% (29 de 30) e na praça José Bonifácio com 73,3% (22 de 30) (Tabela 19). Quanto aos usuários satisfeitos com a estética das fachadas, percebe-se que todos, tanto do parque Dom Antônio Zattera (100% - 14 de 14) como da praça Piratinino de Almeida (100% - 20 de 20)

atribuem essa satisfação a composição arquitetônica das fachadas (Tabela 20). Entretanto, na praça José Bonifácio embora uma quantidade expressiva de usuários 75% (18 de 24) justifiquem que a composição arquitetônica das fachadas é uma razão para a satisfação com as fachadas, existem 25% (6 de 24) que pensam o contrário (Tabela 20).

Tabela 20 - Influencia da composição arquitetônica na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado fora das praças)

Locais avaliados	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Composição arquitetônica	justifica	6 (20,0%)	8 (26,7%)	12 (40,0%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	29 (96,7%)
		não justifica	0	0	1 (3,3%)	0	0	1 (3,3%)
		Total	14 (46,7%)		13 (43,3%)	3 (10%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Composição arquitetônica	justifica	4 (13,3%)	14 (46,7%)	4 (13,3%)	0	0	22 (73,3%)
		não justifica	1 (3,3%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	0	0	8 (26,7%)
		Total	24 (80%)		6 (20%)	0		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Composição arquitetônica	justifica	4 (13,3%)	16 (53,3%)	8 (26,7%)	1 (3,3%)	0	29 (96,7%)
		não justifica	0	0	1 (3,3%)	0	0	1 (3,3%)
		Total	20 (66,7%)		9 (30%)	1 (3,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (30 respondentes).

Comparando-se os dois questionários verifica-se que os usuários que estão fora das praças (Tabela 20) tendem a considerar a composição arquitetônica das fachadas mais importante para a avaliação estética das fachadas que os usuários que estão nas praças (Tabela 19). Uma possível explicação para este fato é que o respondente quando está na praça, não tem uma visão de todas as fachadas das edificações que delimitam a praça e, portanto, sua composição arquitetônica tende a não ter tanta importância nessa avaliação comparada com a avaliação dos usuários que possuem o recurso das fotografias para observar mais detalhadamente e avaliar a estética dessas fachadas.

Considerando as respostas abertas em relação aos aspectos positivos e negativos que justificam a satisfação com a estética das fachadas, alguns usuários citam a fachada do quarteirão e da edificação que agrada ou desagrada em relação a composição arquitetônica. Logo, analisando as características dessas fachadas agradáveis e desagradáveis, na opinião dos usuários, é possível identificar semelhanças e diferenças nas composições das mesmas, em termos da presença de ritmo, hierarquia, contraste, simplicidade, complexidade e simetria.

Considerando o conjunto das fachadas das edificações que delimitam o parque Dom Antônio Zattera, formando a quadra, a mais agradável, é a fachada denominada Q6 (Figura 44), mencionada por 62,5% (5 de 8) dos usuários, seguida pela fachada Q1 (Figura 45), citada por 37,5% (3 de 8) dos respondentes. A primeira apresenta ritmo e proporção à direita em função da seqüência de casas similares e ao mesmo tempo a esquerda existe estímulo visual, contraste através da altura, cores e texturas. Já a segunda fachada tem forte presença de ritmo devido às pilastras e aberturas das janelas, além de uma simetria bem marcante, definindo o acesso ao prédio. Por outro lado, a fachada da quadra mais desagradável, é primeiramente a denominada Q5 (Figura 46), segundo 37,5% (3 de 8) dos usuários, seguida pela Q2 (Figura 47) e Q3 (Figura 48) com porcentuais iguais de 25% (2 de 8) e por último a face Q4 (Figura 49), citada por 12,5% (1 de 8) dos respondentes. Na fachada da quadra Q5 existe falta de estímulo visual, principalmente devido a grande extensão de muro pintado com propagandas, tornando a fachada monótona. Além disso, nas fachadas Q2 e Q3 não existe presença de ritmo ou simetria, nem proporção entre a altura dos prédios e os retângulos (das portas e janelas).

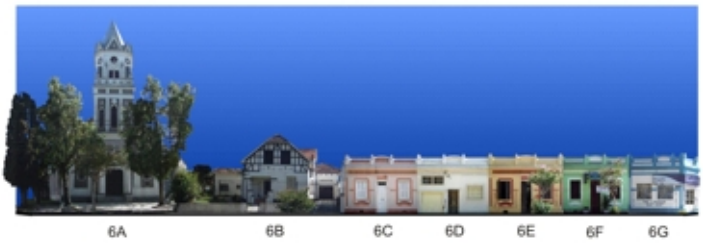


Figura 44 – Fachada da quadra Q6 (Parque Dom Antônio Zattera)

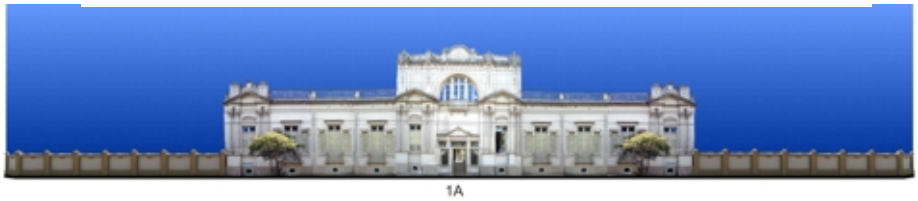


Figura 45 – Fachada da quadra Q1 (Parque Dom Antônio Zattera)

Figura 46 – Fachada da quadra Q5 (Parque Dom Antônio Zattera)

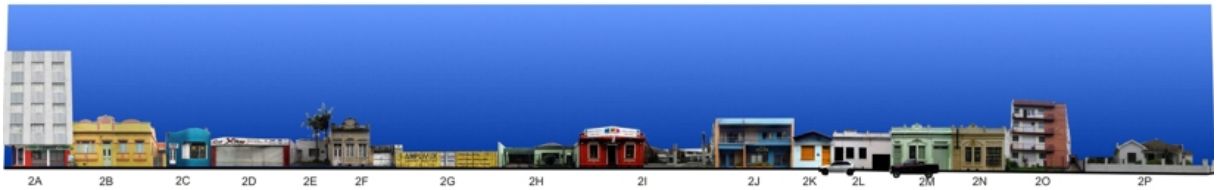


Figura 47 – Fachada da quadra Q2 (Parque Dom Antônio Zattera)

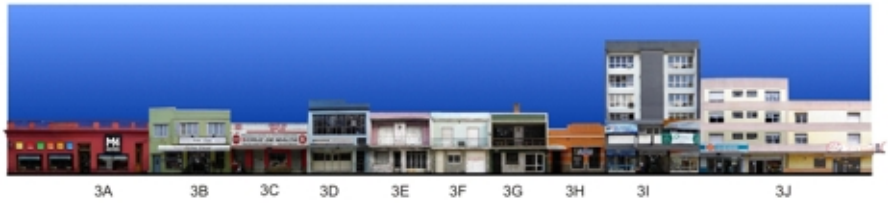


Figura 48 – Fachada da quadra Q3 (Parque Dom Antônio Zattera)

Figura 49 – Fachada da quadra Q4 (Parque Dom Antônio Zattera)

Ainda no parque Dom Antônio Zattera, quanto às fachadas das edificações, uma das mais agradáveis para os usuários é a do Asilo de Mendigos (39,34% - 24 de 61) (Figura 50), e da igreja São João (27,8% - 17 de 61) (Figura 51). A primeira apresenta uma composição com ritmo, formado pelas pilastras, janelas e balaústres na platibanda, simetria, forte hierarquia na definição da sua entrada e rica ornamentação das portas e janelas, aumentando a complexidade da forma percebida. Quanto a igreja São João, sua composição apresenta simetria, forte hierarquia na definição da entrada e contraste entre as cores e texturas dos materiais.

Dentre as fachadas que desagradam aos usuários está a fachada do Esporte Clube Pelotas (56,7% - 17 de 30) (Figura 52) que embora apresente ritmo em sua composição na parte superior das arquibancadas, isso não se repete na parte inferior (pois é um muro pintado com desenhos), não existindo também hierarquia na definição da entrada. O conjunto de edificações na Av. Bento Gonçalves (13,3% - 4 de 30) (Figura 53) também desagrada aos usuários do parque Dom Antônio Zattera. Este prédio, embora seja composto por edificações com uma mesma escala a falta de proporção entre os retângulos (portas e janelas) de um prédio tende a incidir sobre os demais.

Figura 50 – Fachada do Asilo de Mendigos (parque Dom Antônio Zattera)

Figura 51 – Fachada da Igreja São João (parque Dom Antônio Zattera)

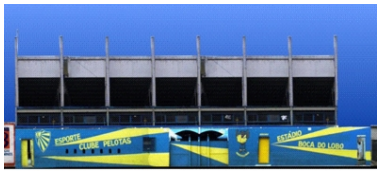


Figura 52 - Fachada do Esporte Clube Pelotas (parque Dom Antônio Zattera)

Figura 53 – Fachada do conjunto de edificações da Av. Bento Gonçalves (parque Dom Antônio Zattera)

Quanto ás fachadas das edificações que delimitam a praça José Bonifácio, a mais agradável é a denominada Q5 (Figura 54), citada por 50% (3 de 6) dos respondentes, seguida pela Q6 (Figura 55), mencionada por 33,3% (2 de 6) e por último está a fachada da quadra denominada Q4 (Figura 56) com 16,6% (1 de 6) das respostas. Nessas fachadas percebe-se a existência de simetria, de ritmo e homogeneidade em termos de altura entre os prédios. Quanto às fachadas das quadras identificadas como desagradáveis está a denominada Q3 (Figura 57) e Q2 (Figura 58) citadas igualmente por 50% (2 de 4) dos respondentes. As fachadas, tanto da quadra Q3 como da Q2 apresentam ausência de simetria e ritmo, além disso, alguns prédios destoam dos demais pela diferença de altura, cor e falta de proporção entre as aberturas (portas e janelas), por exemplo, os prédios identificados como 3C (Figura 57) e prédio 2C (Figura 58).

Figura 54 – Fachada da quadra Q5 (Praça José Bonifácio)

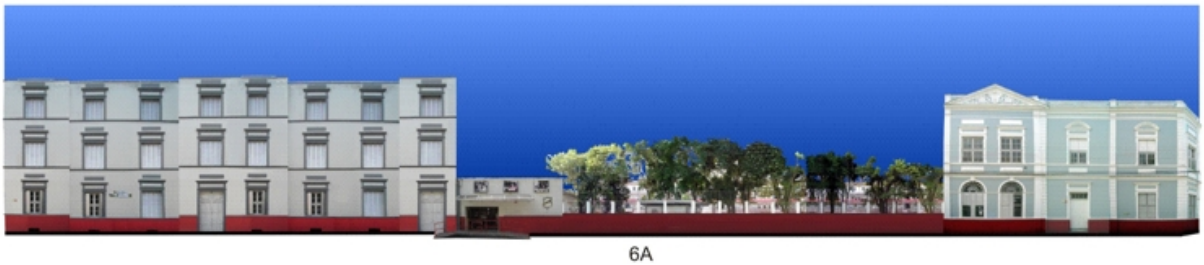


Figura 55 – Fachada da quadra Q6 (Praça José Bonifácio)

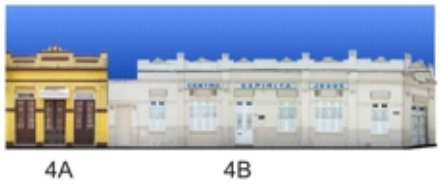


Figura 56 – Fachada da quadra Q4 (Praça José Bonifácio)

Figura 57 – Fachada da quadra Q3 (Praça José Bonifácio)

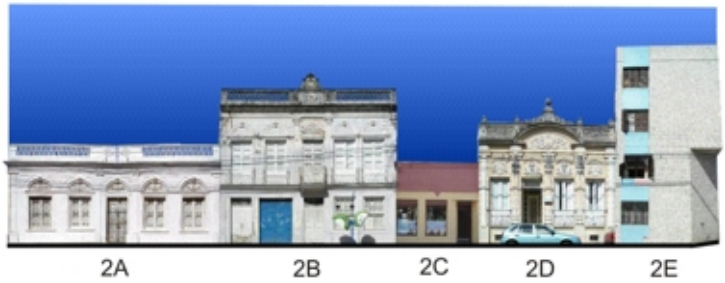


Figura 58 – Fachada da quadra Q2 (Praça José Bonifácio)

Ainda na praça José Bonifácio uma das fachadas das edificações mais citadas como agradável em função da composição arquitetônica é o Colégio Gonzaga (27,27% - 12 de 44) (Figura 59) que apresenta princípios como o ritmo, em função das portas e janelas, principalmente no prédio da esquerda com três níveis sobrepostos. A presença de detalhes ornamentais nas portas e janelas também contribui na composição aumentando a complexidade da forma percebida. Outro prédio caracterizado como agradável pelos usuários da praça é o do bispado (27,27% - 12 de 44) (Figura 60). Existe a presença de uma composição assimétrica com ritmo em função das janelas na parte central, mais alta e também pelas pilastras da platibanda. Neste caso, também os ornamentos e detalhes existentes na platibanda, portas e janelas contribuem na composição aumentando a complexidade da forma percebida.

Quanto às fachadas identificadas como desagradáveis, está a da edificação denominada 2C (31,25% - 5 de 16) (Figuras 58 e 61) e 3C (18,75% - 3 de 16) (Figuras 57 e 62). Estas fachadas apresentam composições sem ritmo, detalhes decorativos e simetria. Além de estarem fora de proporção em relação aos outros prédios da quadra, como mencionado anteriormente (Figuras 57 e 58).

Figura 59 – Fachada do Colégio Gonzaga (praça José Bonifácio)

Figura 60 – Fachada do Prédio do Bispado (praça José Bonifácio)

Figura 61 – Fachada da edificação 2C (praça José Bonifácio)

Figura 62 – Fachada da Imobiliária 3C (praça José Bonifácio)

Quanto ao conjunto de fachadas que delimitam a praça Piratinino de Almeida, a única citada como agradável por 100% (3 de 3) dos usuários é a fachada da quadra denominada Q4 (Figura 63) do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Essa edificação apresenta na sua composição arquitetônica ritmo nas portas, janelas, platibandas e pilastras, além de uma forte hierarquia na definição da entrada principal da capela com simetria nessa parte central do prédio, até o limite das duas torres. As laterais da edificação são de diferentes alturas, mas ambas possuem grande ornamentação nas portas janelas e platibandas, aumentando a complexidade da forma percebida. Nesta praça, poucos respondentes (apenas 1) citou alguma das fachadas das quadras que delimitam a praça como desagradável, portanto sua resposta foi desconsiderada nesta pesquisa, por ser a opinião de apenas um usuário.

4A

Figura 63 – Fachada da quadra Q4 (Praça Piratinino de Almeida)

Ainda na praça Piratinino de Almeida, a fachada da edificação citada como mais agradável é novamente a da Santa Casa de Misericórdia (33,3% - 13 de 39) (Figura 63), após, o prédio

da praça esquina Rua Santos Dumont (23% - 9 de 39) (Figura 64), também identificado como agradável pelos usuários, embora tenha pouca ornamentação, sua composição apresenta grande contraste entre as cores e os materiais utilizados. Possui também simetria e presença de ritmo em função dos andares sobrepostos. Quanto aos prédios desagradáveis em relação à composição arquitetônica das fachadas das edificações na praça Piratinino de Almeida, pode-se citar o da FUNSAP (16,13% - 5 de 31) (Figura 65) e a loja de peças da Agrale (9,67% - 3 de 31) (Figura 66). Ambas as composições caracterizam-se por apresentar na sua composição ausência de ritmo, contraste entre cores, texturas e materiais, simetria e hierarquia.

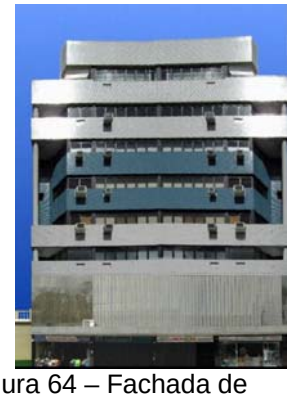


Figura 64 – Fachada de edifício esquina Santos Dumont (praça Piratinino de Almeida)

Figura 65 – Fachada do prédio da Associação dos funcionários do SANEP (praça Piratinino de Almeida)

Figura 66 – Fachada de prédio comercial (praça Piratinino de Almeida)

Portanto, sobre a relação entre a composição arquitetônica e o nível de satisfação com a estética das fachadas, conclui-se que existe uma tendência de que fachadas com composições arquitetônicas que apresentem simetria, ritmo e hierarquia na entrada, utilização de contrastes, através de materiais, cores e texturas proporcionem níveis mais elevados de satisfação estética. De forma contrária, as fachadas com composições, sem a presença de elementos organizados conforme uma hierarquia, sem existência de ritmo, estímulo e sem relação formal entre os elementos arquitetônicos, tendem a apresentar níveis de satisfação mais baixos. Logo, os resultados corroboram com a idéia de que é necessária a presença de ordem e estímulo visual na composição dos elementos das fachadas, através de princípios ordenadores como, por exemplo, ritmo, hierarquia, contraste, simetria e outros para a satisfação dos usuários com as fachadas (WEBER, 1995; NASAR; 1988; STAMPS, 2000; REIS, 2002).

4.2.3.1.2 VALOR HISTÓRICO DAS EDIFICAÇÕES

Observa-se, considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) que embora a maioria, 52,2% (94 de 180) dos usuários considere que o valor histórico das edificações é uma característica importante para a avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças, uma quantidade expressiva de usuários, 47,7% (86 de 180) pensam o contrário (Tabela 21). Adicionalmente,, considerando unicamente os usuários satisfeitos com a estética das fachadas das três praças, nota-se que enquanto 58,9% (66 de 112) mencionam que o valor histórico justifica a satisfação com a estética das mesmas, 41,1% (46 de 112) não têm essa opinião (Tabela 21).

Tabela 21 – Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
		Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Valor histórico	justifica	18 (10%)	48 (26,7%)	27 (15%)	1 (0,6%)	0	94 (52,2%)
	não justifica	8 (4,4%)	38 (21,1%)	32 (17,7%)	7 (3,9%)	1 (0,6%)	86 (47,7%)
	Total	112 (62,2%)		59 (32,8%)	9 (5%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (180 respondentes).

Analisando-se a opinião do total de usuários de cada uma das três praças sobre o valor histórico das edificações, observa-se que somente na praça José Bonifácio a maioria dos usuários (66,7% - 40 de 60) cita o valor histórico como uma razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas. Entretanto, nas demais praças, embora a maioria dos usuários no parque Dom Antônio Zattera (56,7% - 34 de 60) e na Piratinino de Almeida (53,3% - 32 de 60) tenham mencionado que o valor histórico parece não ser importante para a avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças, uma quantidade expressiva de usuários manifesta opinião contrária, respectivamente (43,3% - 26 de 60) e (46,7% - 28 de 60) (Tabela 22). Considerando unicamente os usuários satisfeitos com a estética das fachadas, percebe-se que também somente na praça José Bonifácio a maioria dos usuários (53,4% - 32 de 60) acredita que o valor histórico é um aspecto importante para a satisfação com a estética das fachadas. Nas outras duas praças ele é um aspecto menos relevante, embora citado por grande quantidade de usuários satisfeitos, 33,4% (20 de 60) na praça Piratinino de Almeida e 23,4% (14 de 60) no parque Dom Antônio Zattera (Tabela 22).

Tabela 22 – Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Valor histórico	justifica	7 (11,7%)	7 (11,7%)	11 (18,3%)	1 (1,7%)	0	26 (43,3%)
		não justifica	2 (3,3%)	10 (16,7%)	17 (28,3%)	4 (6,7%)	1 (1,7%)	34 (56,7%)
		Total	26 (43,3%)		28 (46,7%)	6 (10%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	Valor histórico	justifica	7 (11,7%)	25 (41,7%)	8 (13,3%)	0	0	40 (66,7%)
		não justifica	1 (1,7%)	13 (21,7%)	5 (8,3%)	1 (1,7%)	0	20 (33,3%)
		Total	46 (76,7%)		13 (21,7%)	1 (1,7%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Valor histórico	justifica	4 (6,7%)	16 (26,7%)	8 (13,3%)	0	0	28 (46,7%)
		não justifica	5 (8,3%)	15 (25%)	10 (16,7%)	2 (3,3%)	0	32 (53,3%)
		Total	40 (66,7%)		18 (30%)	2 (3,3%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (60 respondentes).

Em relação ao questionário aplicado nas praças, a José Bonifácio é das três praças a que possui maior quantidade de usuários 86,7% (26 de 30) que mencionam que o valor histórico é importante para a avaliação estética das fachadas das edificações, seguida pela praça Piratinino de Almeida com porcentagem de 56,7% (17 de 30). Por último no parque Dom Antônio Zattera embora a maioria 63,3% (19 de 30) pense que o valor histórico não interfere no nível de satisfação, existe uma quantidade expressiva de usuários, 36,7% (11 de 30) que pensa o contrário. Ao analisar unicamente a opinião dos usuários satisfeitos com a estética das fachadas quanto a influência do valor histórico nessa satisfação, verifica-se que na praça José Bonifácio, a maioria (69,56% - 32 de 46), acredita que o valor histórico tem maior influência sobre a opinião dos usuários satisfeitos com a estética, seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (53,8% - 14 de 26) e após pela praça Piratinino de Almeida (50% - 20 de 40) (Tabela 23).

Quanto à análise dos dados do questionário aplicado fora das praças, pode-se afirmar que ao contrário do questionário aplicado nas praças, em nenhuma das praças o valor histórico parece ser importante para a avaliação estética das fachadas das edificações (Tabela 24). Entretanto considerando unicamente os usuários satisfeitos com a estética das praças, verifica-se que no parque Dom Antônio Zattera a maioria desses usuários 64,28% (9 de 14) admite que essa característica é uma das razões que justifica a satisfação com a estética, na praça José Bonifácio essa porcentagem de usuários diminui para 50% (12 de 24) e na Piratinino de Almeida 40% (8 de 20) (Tabela 24).

Tabela 23 - Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Valor histórico	justifica	3 (10,0%)	2 (6,7%)	6 (20,0%)	0	0	11 (36,7%)
		não justifica	0	7 (23,3%)	9 (30%)	3 (10%)	0	19 (63,3%)
		Total	12 (40%)		15 (50%)	3 (10%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Valor histórico	justifica	3 (10,0%)	17 (56,7%)	6 (20,0%)	0	0	26 (86,7%)
		não justifica	0	2 (6,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0	4 (13,3%)
		Total	22 (73,3%)		7 (23,3%)	1 (3,3%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Valor histórico	justifica	4 (13,3%)	8 (26,7%)	5 (16,7%)	0	0	17 (56,7%)
		não justifica	1 (3,3%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	0	13 (43,3%)
		Total	20 (66,7%)		9 (30%)	1 (3,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (30 respondentes).

Tabela 24 - Influencia do valor histórico na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado fora das praças)

Locais avaliados	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Valor histórico	justifica	4 (13,3%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)	0	15 (15,0%)
		não justifica	2 (6,7%)	3 (10,0%)	8 (26,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	15 (50,0%)
		Total	14 (46,7%)		13 (43,3%)	3 (10%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Valor histórico	justifica	4 (13,3%)	8 (26,7%)	2 (6,7%)	0	0	14 (46,7%)
		não justifica	1 (3,3%)	11 (36,7%)	4 (13,3%)	0	0	16 (53,3%)
		Total	24 (80%)		6 (20%)	0		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Valor histórico	justifica	0	8 (26,7%)	3 (10,0%)	0	0	11 (36,7%)
		não justifica	4 (13,3%)	8 (26,7%)	6 (20,0%)	1 (3,3%)	0	19 (63,3%)
		Total	20 (66,7%)		9 (30%)	1 (3,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (30 respondentes).

Comparando-se os dois questionários verifica-se que os usuários que estão nas praças (Tabela 23) tendem a considerar o valor histórico das edificações uma característica mais importante para a avaliação estética das fachadas que delimitam as praças que os usuários que estão fora das praças (Tabela 24). Adicionalmente, de maneira geral as praças onde o valor histórico tem maior influência na satisfação dos usuários (Tabela 23 e 24) são onde existe maior quantidade de prédios históricos, como no parque Dom Antônio Zattera (Tabela

25) ou em praças onde o impacto dos prédios históricos sobre as visuais a partir dessas praças é maior, como no caso da José Bonifácio onde os prédios ficam mais visíveis devido a suas dimensões (pequenas) e da inexistência de obstáculos (p.ex. vegetação) bloqueando as visuais para tais prédios (Figura 67).

Tabela 25 – Quantidade de edificações de valor histórico nas fachadas que delimitam as praças

Locais Avaliados	Número de edificações*
Parque Dom Antônio Zattera	15 unidades (conforme figura 66)
Praça José Bonifácio	12 unidades (conforme figura 67)
Praça Piratinino de Almeida	6 unidades (conforme figura 70)

Nota: * número correspondente àquelas edificações, voltadas para as praças, que fazem parte do patrimônio cultural de Pelotas conforme Lei Municipal 4.568/00

Figura 67 – Visibilidade dos prédios históricos (Praça José Bonifácio)

Considerando as respostas abertas são identificados quais prédios históricos justificam o nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas. Logo, através da freqüência de respostas é possível verificar a importância de cada uma das edificações para a avaliação estética das fachadas que delimitam cada uma das praças.

No parque Dom Antônio Zattera dentre as edificações que delimitam o parque, foram identificadas pelos usuários três (Figura 68), que em função do valor histórico influenciam na avaliação estética das fachadas. Primeiramente está o Asilo de Mendigos, identificado como 1A (Figuras 45 e 50) com porcentagem de 61,54% (16 de 26) das respostas, após está a Igreja São João, identificada como 6A (Figuras 44 e 51), que embora mencionada por 34,61% (9 de 26) dos usuários, segundo o inventário de Pelotas (lei municipal 4.568/00),

não possui tal característica e por último está a edificação identificada como 2B (Figura 47), com porcentagem de 3,85% (1 de 26).

Nota: Mapa parcial da área central de Pelotas indicando em verde o parque Dom Antônio Zattera, em cinza escuro os prédios de valor histórico (inventariados, conforme lei municipal 4.568/00). Em amarelo, prédios de valor histórico que fazem parte do estudo; em vermelho prédio de valor histórico que além de fazer parte do estudo foi destacado pelos usuários em função dessa característica: 1= Asilo de Mendigos, 2=Igreja São João (edificação que não faz parte do inventário, conforme lei municipal 4.568/00) e 3=Edificação identificada como 2B (Figura 56).

Figura 68 – Prédios de valor histórico que delimitam o Parque Dom Antônio Zattera

Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

Na praça José Bonifácio (Figura 69) destaca-se em função do valor histórico, principalmente o prédio do Bispado identificado como 5A (Figuras 54 e 60), segundo a opinião de 26,7% (12 de 45) dos respondentes. Com porcentagem de 20% (9 de 45) está a Catedral São Francisco de Paula (Figura 70) que embora não seja um dos prédios que delimitam a praça (ela está na praça) aparece como uma das edificações importantes que influenciam na avaliação estética das fachadas. Posteriormente, em termos de importância, com 17,8% (8 de 45) das respostas está a edificação identificada como 2A (Figura 71), seguida pelo prédio do Colégio Gonzaga, identificado como 6A (Figuras 55 e 59) com 15,6% (7 de 45), o Instituto São Benedito com 11,1% (5 de 45) e por último foi mencionado o Centro Espírita Jesus, segundo a opinião de 8,9% (4 de 45) dos usuários.

Nota: Mapa parcial da área central de Pelotas indicando em verde a praça José Bonifácio, em cinza escuro os prédios de valor histórico (inventariados, conforme lei municipal 4.568/00). Em amarelo, prédios de valor histórico que fazem parte do estudo; em vermelho os prédios de valor histórico que além de fazerem parte do estudo foram destacados pelos usuários em função dessa característica: 1=Catedral São Francisco de Paula; 2=Colégio Gonzaga; 3=Prédio do Bispado; 4=Instituto São Benedito; 5=Centro Espírita Jesus; 6=edificação 2A (Figura 69).

Figura 69 – Prédios de valor histórico que delimitam a praça José Bonifácio

Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

Figura 70 – Fachada da Catedral São Francisco de Paula

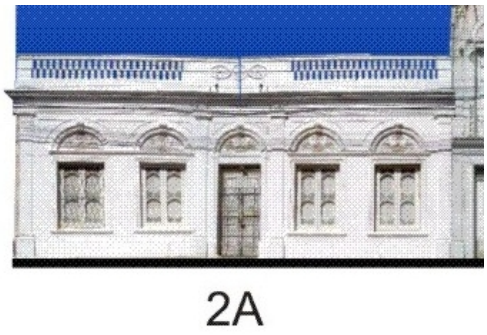
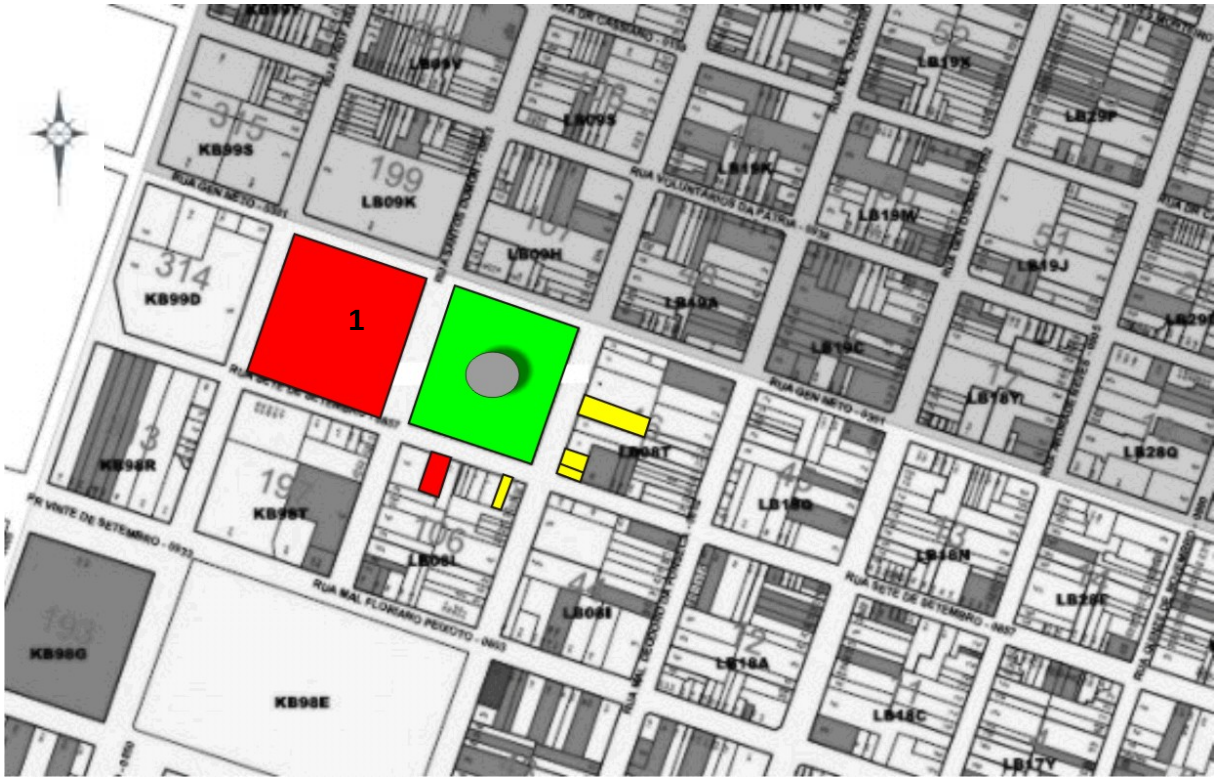


Figura 71 – Fachada de edificação denominada 2A (Praça José Bonifácio)

Dentre as fachadas das edificações que delimitam a praça Piratinino de Almeida, foram identificados pelos usuários em função do valor histórico primeiramente, com porcentagem de 92,3% (12 de 13) o prédio do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, denominada 4A (Figura 61) como o que mais influencia na avaliação estética dessas fachadas, seguido pela edificação denominada 1H (Figura 73), de acordo com a opinião de 7,7% (1 de 13) dos respondentes.



Nota: Mapa parcial da área central de Pelotas indicando em verde a praça Piratinino de Almeida, em cinza escuro os prédios de valor histórico (inventariados, conforme lei municipal 4.568/00). Em amarelo, prédios de valor histórico que fazem parte do estudo; em vermelho prédio de valor histórico que além de fazer parte do estudo foi destacado pelos usuários em função dessa característica: 1= Hospital da Santa casa de Misericórdia.

Figura 72 – Prédios de valor histórico que delimitam a praça Piratinino de Almeida

Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

Figura 73 – Fachada da edificação 1H (Praça Piratinino de Almeida)

Conclui-se sobre a relação entre o valor histórico e o nível de satisfação estética com as fachadas, que existe uma tendência de que fachadas as quais os usuários identificam como de valor histórico proporcionem níveis elevados de satisfação estética. Adicionalmente parece que unicamente a quantidade de prédios históricos nas fachadas que delimitam as praças não tem grande influência na avaliação estética das mesmas, e sim outros aspectos, como por exemplo, a visibilidade que os usuários têm dessas edificações a partir das praças.

4.2.3.1.3 MANUTENÇÃO DAS FACHADAS

Observa-se, considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) que embora a maioria, (76,1% - 137 de 180) dos usuários pense que a manutenção das edificações não é uma característica importante na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças, uma quantidade expressiva de usuários, (23,8% - 43 de 180) pensam o contrário (Tabela 26). Adicionalmente, considerando unicamente os usuários satisfeitos com a estética das fachadas das três praças, nota-se que enquanto 75,9% (85 de 112) mencionam que a manutenção das fachadas não justifica a satisfação com a estética das mesmas, 24,1% (27 de 112) não têm essa opinião (Tabela 26). Logo, esses resultados indicam que a manutenção das fachadas é um aspecto relevante, embora, provavelmente existem outros que influenciam mais intensamente (p.ex. a composição arquitetônica e/ou o valor histórico) na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças.

Tabela 26 – Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
		Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Manutenção das fachadas	justifica	7 (3,9%)	20 (11,1%)	12 (6,7%)	4 (2,2%)	0	43 (23,8%)
	não justifica	19 (10,5%)	66 (36,7%)	47 (26,1%)	4 (2,2%)	1 (0,6%)	137 (76,1%)
	Total	112 (62,2%)		59 (32,8%)	9 (5%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (180 respondentes).

Analisando-se a opinião do total de usuários de cada uma das três praças, observa-se que em nenhuma das praças a manutenção das fachadas das edificações é citada pela maioria como uma razão relacionada ao nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas (Tabela 27). Entretanto, comparando-se as três praças, quanto a influência da manutenção das fachadas e o nível de satisfação com as mesmas, percebe-se que a praça José Bonifácio é a que apresenta maior quantidade de usuários (28,3% - 17 de 60) que pensa que a manutenção justifica o nível de satisfação, seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (26,7% - 16 de 60) e por último a praça Piratinino de Almeida (16,7% - 10 de 60) (Tabela 27).

Unicamente quanto à opinião dos usuários satisfeitos com a estética das fachadas, observa-se que também, a maioria dos respondentes de todas as praças pensa que o nível de manutenção das fachadas é um aspecto que não justifica essa satisfação. Entretanto, das três praças, a praça José Bonifácio, é a que apresenta quantidade mais expressiva de

usuários (28,3% - 13 de 46) que mencionam que a manutenção das fachadas justifica a satisfação com a estética das mesmas, seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (27% - 7 de 26) e por último, a praça Piratinino de Almeida (17,5% - 7 de 40) (Tabela 27).

Tabela 27 – Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Manutenção das fachadas	justifica	2 (3,3%)	5 (8,3%)	7 (11,7%)	2 (3,3%)	0	16 (26,7%)
		não justifica	7 (11,7%)	12 (20%)	21 (35%)	3 (5%)	1 (1,7%)	44 (73,3%)
		Total	26 (43,3%)		28 (46,7%)	6 (10%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	Manutenção das fachadas	justifica	2 (3,3%)	11 (18,3%)	3 (5%)	1 (1,7%)	0	17 (28,3%)
		não justifica	6 (10%)	27 (45%)	10 (16,7%)	0	0	43 (71,7%)
		Total	46 (76,7%)		13 (21,7%)	1 (1,7%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Manutenção das fachadas	justifica	3 (5%)	4 (6,7%)	2 (3,3%)	1 (1,7%)	0	10 (16,7%)
		não justifica	6 (10%)	27 (45%)	16 (26,7%)	1 (1,7%)	0	50 (83,3%)
		Total	40 (66,7%)		18 (30%)	2 (3,3%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (60 respondentes).

Quanto as praças avaliadas, percebe-se que na praça José Bonifácio a manutenção das fachadas é mais relevante para a avaliação estética das fachadas que nas demais. Possivelmente isso aconteça porque nesta praça existem muitos prédios antigos os quais necessitam de manutenção periódica. Além disso, esses prédios antigos na praça José Bonifácio são muito visíveis para quem está na praça, logo, a influência do nível de manutenção desses prédios influencia mais no nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas nessa praça do que nas outras com prédios mais novos, ou onde os prédios antigos não tenham tanta visibilidade (p.ex. praça Piratinino de Almeida e parque Dom Antônio Zattera).

Quando se analisa separadamente os dois questionários, verifica-se que tanto no questionário aplicado nas praças como no fora delas a maioria dos respondentes, das três praças (Tabela 28 e 29) considera que a manutenção das fachadas é um aspecto que não justifica o nível de satisfação com a estética das fachadas. Ao analisar unicamente a opinião dos usuários satisfeitos, também os dois questionários indicam que a manutenção das fachadas é um aspecto que não influencia na satisfação (Tabela 28 e 29). Entretanto, esses dados revelam que embora a manutenção seja um aspecto que na opinião da maioria dos usuários não influencia a satisfação com a estética das fachadas, ela não deve ser desconsiderada, uma vez que uma quantidade expressiva de usuários satisfeitos de cada uma das praças, nos dois

questionários, revela que essa característica justifica a satisfação estética. Sendo que no questionário aplicado nas praças, 41% (9 de 22) do total de usuários satisfeitos com a estética das fachadas da praça José Bonifácio acredita que a manutenção justifica a satisfação com a estética, no parque Dom Antônio Zattera, 23% (3 de 12), e na praça Piratinino de Almeida 20% (4 de 20) (Tabela 28). No questionário aplicado fora das praças, no parque Dom Antônio Zattera 28,6% (4 de 14) do total de usuários satisfeitos com a estética das fachadas acreditam que a manutenção justifica a satisfação com a estética, na praça José Bonifácio, 16,7% (4 de 24), e na praça Piratinino de Almeida 15% (3 de 20) (Tabela 29).

Tabela 28 – Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado nas praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Manutenção das fachadas	justifica	0	3 (10%)	4 (13,3%)	2 (6,7%)	0	9 (30,0%)
		não justifica	3 (10%)	6 (20%)	11 (36,7%)	1 (3,3%)	0	21 (70%)
		Total	12 (40%)		15 (50%)	3 (10%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Manutenção das fachadas	justifica	1 (3,3%)	8 (26,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0	11 (36,7%)
		não justifica	2 (6,7%)	11 (36,7%)	6 (20%)	0	0	19 (63,3%)
		Total	22 (73,3%)		7 (23,3%)	1 (3,3%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Manutenção das fachadas	justifica	2 (6,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0	6 (20%)
		não justifica	3 (10,0%)	13 (43,3%)	8 (26,7%)	0	0	24 (80%)
		Total	20 (66,6%)		9 (30%)	1 (3,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (30 respondentes).

Tabela 29 – Influencia da manutenção na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (questionário aplicado fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética das fachadas		Nível de satisfação com a estética das fachadas					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Manutenção das fachadas	justifica	2 (6,7%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	0	0	7 (23,3%)
		não justifica	4 (13,3%)	6 (20,0%)	10 (33,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	23 (76,7%)
		Total	14 (46,7%)		13 (43,3%)	3 (10%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Manutenção das fachadas	justifica	1 (3,3%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	0	0	6 (20,0%)
		não justifica	4 (13,3%)	16 (53,3%)	4 (13,3%)	0	0	24 (80,0%)
		Total	24 (80%)		6 (20%)	0		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Manutenção das fachadas	justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	0	0	4 (13,3%)
		não justifica	3 (10,0%)	14 (46,7%)	8 (26,7%)	1 (3,3%)	0	26 (86,7%)
		Total	20 (66,7%)		9 (30%)	1 (3,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (30 respondentes).

Nas perguntas abertas do questionário aplicado fora das praças, considerando todas as praças, a maioria dos respondentes 85,7% (42 de 49) refere-se à manutenção das fachadas em termos gerais, entretanto 14,3% (7 de 49) dos respondentes associam a manutenção das fachadas a pintura das edificações. No parque Dom Antônio Zattera do total de usuários que considera a manutenção como um aspecto negativo, ou seja, que não colabora para a satisfação com a estética das fachadas, 30,8% (4 de 13) menciona a fachada da edificação identificada como 2F (Figura 74). Na praça José Bonifácio 25% (5 de 20) considera que a fachada da edificações identificada como 2D (Figura 75) não satisfaz esteticamente em função da falta de manutenção. Por último, na praça José Bonifácio a fachadas mais mencionada (33,3% - 5 de 15), em função da falta de manutenção, é a 2G (Figura 76).

Figura 74– Edificação do parque Dom Antônio Zattera

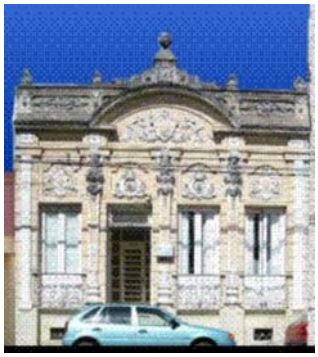


Figura 75 – Edificação da praça José Bonifácio

Figura 76 – Edificação da praça Piratinino de Almeida

Conclui-se, sobre a relação entre a manutenção das fachadas e o nível de satisfação estética com as fachadas das edificações que na opinião da maioria dos usuários a manutenção das fachadas é um aspecto que não influencia no nível de satisfação estética dos mesmos com as fachadas. Entretanto, existe uma tendência de que fachadas bem mantidas, e principalmente pintadas, proporcionam níveis elevados de satisfação estética do que aquelas sem manutenção. Logo, os resultados indicam que a manutenção das fachadas é um aspecto relevante, embora, possam existir outros que influenciam mais intensamente na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças.

4.2.4 NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA DOS ESPAÇOS ABERTOS DAS PRAÇAS

Considerando os dados provenientes dos dois questionários com relação à satisfação com a estética dos espaços abertos das praças, pode-se afirmar que embora 62,8% (113 de 180) do total da amostra de usuários das praças avaliadas em Pelotas estejam satisfeitos com a estética dos espaços abertos, existe um percentual expressivo de 37,2% (67 de 180) que

não tem esta opinião (Tabela 12). Esses dados, portanto, revelam a qualidade estética dos espaços abertos das praças não atende as necessidades dos usuários como deveria. Uma vez que o ideal seria que praticamente a totalidade dos usuários estivessem satisfeitos com a estética dos espaços abertos.

Ainda analisando a opinião do total de respondentes, não é encontrada diferença estatisticamente significativa entre a opinião dos usuários de cada uma das três praças com as respectivas praças quanto ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos. No entanto, os valores ordinais médios produzidos pelo teste Kruskal-Wallis (Tabela 30) indicam uma tendência de que os usuários da praça Piratinino de Almeida são os mais satisfeitos com a estética dos espaços abertos, seguidos por aqueles do parque Dom Antônio Zattera e, por último, pelos da praça José Bonifácio, cujo espaço aberto é menos satisfatório esteticamente.

Tabela 30 – Avaliação estética dos espaços abertos das praças

Níveis de satisfação com a estética do espaço aberto	Questionários aplicados dentro e fora do ambiente das praças			
	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total de respondentes
muito bonito	10 (16,7%)	9 (15%)	12 (20%)	113 (62,8%)
bonito	28 (46,7%)	27 (45%)	27 (45%)	
nem bonito nem feio	15 (25%)	17 (28,3%)	12 (20%)	44 (24,4%)
feio	5 (8,3%)	5 (8,3%)	5 (8,3%)	23 (12,8%)
muito feio	2 (3,3%)	2 (3,3%)	4 (6,7%)	
total de respondentes	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	180 (100%)
média*	90,99	87,95	92,56	-

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por praça; *Média dos valores ordinais: produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis, quanto maior esse valor, maior o nível de satisfação estética dos usuários com os espaços abertos da praça.

Analisando-se individualmente cada tipo de questionário, não é encontrada, tanto no questionário aplicado nas praças, como no aplicado fora delas, diferença estatisticamente significativa entre a opinião dos usuários de cada uma das três praças quanto à avaliação do nível de satisfação com os espaços abertos das respectivas praças. Comparando-se os dois questionários percebe-se através dos valores ordinais médios produzidos pelo teste Kruskal-Wallis (Tabela 31) que as opiniões diferem quanto à avaliação do espaço aberto. No questionário aplicado nas praças as opiniões dos respondentes são muito similares quanto ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das três praças. Já no questionário aplicado fora das praças as respostas são um pouco mais definidas, indicando uma tendência de que o espaço aberto da praça Piratinino de Almeida é o mais satisfatório, seguidos pelo do parque Dom Antônio Zattera e, por último, pelo da praça José Bonifácio, cujo espaço aberto é menos satisfatório esteticamente.

Tabela 31 – Avaliação estética dos espaços abertos das praças

Avaliação estética dos espaços abertos das praças	Questionário aplicado nas praças				Questionário aplicado fora das praças			
	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total
muito feio	1 (3,33%)	0 (0,00%)	3 (10,0%)	7 (7,8%)	1 (3,33%)	2 (6,7%)	1 (3,33%)	16 (17,8%)
feio	1 (3,33%)	0 (0,00%)	2 (6,7%)		4 (13,3%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	
nem bonito nem feio	9 (30,0%)	11 (36,7%)	6 (20,0%)	26 (28,9%)	6 (20,0%)	6 (20,00%)	6 (20,00%)	18 (20%)
bonito	14 (46,7%)	13 (43,3%)	15 (50,00%)	57 (63,3%)	14 (46,7%)	14 (46,7%)	12 (40,0%)	56 (62,2%)
muito bonito	5 (16,7%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)		5 (16,7%)	3 (10,0%)	8 (26,7%)	
Total de respondentes	30 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	90 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	30 (100%)	90 (100%)
média*	45,70	47,73	43,07	-	45,77	40,70	50,03	-

Nota: o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça. O total de respondentes de cada praça é de 30 pessoas, logo a porcentagem total equivale a 100%; *Média dos valores ordinais: produzidas pelo teste estatístico Kruskal-Wallis, quanto maior esse valor, maior o nível de satisfação estética dos usuários com o espaço aberto da praça.

Analisando a opinião do total de usuários das três praças, com diferentes faixas etárias quanto à estética dos espaços abertos das praças, observa-se através dos porcentuais que os resultados não indicam grande divergência na avaliação estética desses espaços, realizada por usuários com distintas faixas etárias (Tabela 32). Sendo que, embora a maioria dos usuários de todos os grupos 63,6% (14 de 22) dos adolescentes, 64,8% (83 de 128) dos adultos e 53,3% (16 de 30) dos idosos esteja satisfeitos, existe uma parcela expressiva em cada grupo 36,4% (8 de 22) dos adolescentes, 35,1% (45 de 128) dos adultos e 46,7% (14 de 30) que não tem a mesma opinião. Esses dados indicam, portanto, que a estética dos espaços abertos das praças em Pelotas, em geral, não está agradando aos usuários, independente da faixa etária em que se encontram. Uma vez que para todas as faixas etárias os porcentuais dos usuários que não estão satisfeitos foram altos, comparados aos satisfeitos (Tabela 32).

Tabela 32 – Avaliação do nível de satisfação estética com os espaços abertos das praças em relação as diferentes faixas etárias

Níveis de satisfação	Questionários aplicados dentro e fora do ambiente das praças					
	Adolescentes	Total por grupo	Adultos	Total por grupo	Idosos	Total por grupo
muito bonito	6 (27,3%)	14 (63,6%)	21 (16,4%)	83 (64,8%)	4 (13,3%)	16 (53,3%)
bonito	8 (36,4%)		62 (48,4%)		12 (40%)	
nem bonito nem feio	8 (36,4%)	8 (36,4%)	27 (21,1%)	27 (21,1%)	9 (30%)	9 (30%)
feio	0	0	12 (9,4%)	18 (14,1%)	3 (10%)	5 (16,7%)
muito feio	0		6 (4,7%)		2 (6,7%)	
total de respondentes	22 (100%)	22 (100%)	128 (100%)	128 (100%)	30 (100%)	30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário.

Analisando-se individualmente cada grupo etário, conclui-se que embora os adolescentes estejam mais satisfeitos quanto à estética do espaço aberto da praça José Bonifácio nenhuma das três praças atende às necessidades estéticas deste grupo (Tabela 33). Pois, embora na praça José Bonifácio 61,5% (8 de 13) dos usuários estejam satisfeitos com a estética das fachadas, existe uma parcela expressiva de 38,5% (5 de 13) que não têm a mesma opinião. No parque Dom Antônio Zattera embora a maioria 57,1% (4 de 7) estejam satisfeitos existem muitos usuários 42,9% (3 de 7) que não tem esta opinião. E por último, na praça Piratinino de Almeida, não vale considerar a opinião deste grupo uma vez que existe somente dois respondentes desta faixa etária (Tabela 33).

Quanto ao grupo dos adultos, o espaço aberto que mais agrada esteticamente aos usuários é o parque Dom Antônio Zattera (Tabela 33), porém tanto neste como na praça Piratinino de Almeida e na José Bonifácio, embora a maioria dos usuários estejam satisfeitos, com porcentagens respectivas de 68,1% (32 de 47), 63% (29 de 46) e 62,8% (22 de 35) existe uma quantidade expressiva de usuários nestes locais que não tem a mesma opinião, sendo 31,9% (15 de 47) no parque Dom Antônio Zattera, 36,9% (17 de 46) na praça Piratinino de Almeida e 37,1% (13 de 35) na praça José Bonifácio. Logo, nenhuma das três praças parece atender às necessidades estéticas deste grupo (adultos) como deveria, uma vez que o ideal seria que praticamente a totalidade dos usuários das praças estivessem satisfeitos com a estética dos espaços abertos.

Por fim, o grupo dos idosos está mais satisfeito com a estética do espaço aberto da praça Piratinino de Almeida, uma vez que 66,7% (8 de 12) estão satisfeitos e somente 83,3% (4 de 12) não tem essa opinião (Tabela 33). Após está a estética do espaço aberto da praça José Bonifácio, sendo que, nesta praça, embora 50% (6 de 12) estejam satisfeitos, 50% (6 de 12) que não tem a mesma opinião. Já no parque Dom Antônio Zattera somente 33,3% (2 de 6) estão satisfeitos, enquanto a maioria dos usuários 66,7% (4 de 6) não tem esta opinião. Portanto, novamente os dados indicam uma tendência de que o espaço aberto das praças não parece atender às necessidades estéticas do grupo dos idosos, uma vez que uma expressiva quantidade de usuários não está satisfeita com a estética.

Tabela 33 – Avaliação estética dos espaços abertos das praças em relação aos grupos de usuários (questionário nas praças e fora delas)

Grupo de usuários	Avaliação estética do espaço aberto da praça	Parque Dom Antônio Zattera	Total	Praça José Bonifácio	Total	Praça Piratinino de Almeida	Total	Total por grupo
Adolescentes	muito bonito	1 (14,3%)	4 (57,1%)	3 (23,1%)	8 (61,5%)	2 (100%)	2 (100%)	22
	bonito	3 (42,9%)		5 (38,5%)		0		
	nem bonito nem feio	3 (42,9%)	3 (42,9%)	5 (38,5%)	5 (38,5%)	0	0	
	feio	0	0	0	0	0	0	
	muito feio	0		0		0		
	Total de respondentes	7 (100%)	7 (100%)	13 (100%)	13 (100%)	2 (100%)	2 (100%)	
Adultos	muito bonito	8 (17%)	32 (68,1%)	4 (11,4%)	22 (62,8%)	9 (19,6%)	29 (63%)	128
	bonito	24 (51,1%)		18 (51,4%)		20 (43,5%)		
	nem bonito nem feio	10 (21,3%)	10 (21,3%)	9 (25,7%)	9 (25,7%)	8 (17,4%)	8 (17,4%)	
	feio	4 (8,5%)	5 (10,6%)	3 (8,6%)	4 (11,4%)	5 (10,9%)	9 (19,6%)	
	muito feio	1 (2,1%)		1 (2,9%)		4 (8,7%)		
	Total de respondentes	47 (100%)	47 (100%)	35 (100%)	35 (100%)	46 (100%)	46 (100%)	
Idosos	muito bonito	1 (16,6%)	2 (33,3%)	2 (16,7%)	6 (50%)	1 (8,3%)	8 (66,7%)	30
	bonito	1 (16,6%)		4 (33,3%)		7 (58,3%)		
	nem bonito nem feio	2 (33,3%)	2 (33,3%)	3 (25%)	3 (25%)	4 (33,3%)	4 (33,3%)	
	feio	1 (16,6%)	2 (33,3%)	2 (16,7%)	3 (25%)	0	0	
	muito feio	1 (16,6%)		1 (8,3%)		0		
	Total de respondentes	6 (100%)	6 (100%)	12 (100%)	12 (100%)	12 (100%)	12 (100%)	

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas relativas aos níveis de satisfação com a estética, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes por grupo etário.

Conclui-se, quanto ao nível de satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos das praças, que embora a maioria dos usuários estejam satisfeitos com esse aspecto, as necessidades estéticas dos usuários não são atendidas como deveriam uma vez que uma parcela expressiva desses não se mostra satisfeita. A avaliação estética dos espaços abertos realizada pelos usuários é muito semelhante entre as três praças, entretanto, é possível identificar que a praça que possui o espaço aberto mais satisfatório esteticamente, é a Piratinino de Almeida, seguida pelo parque Dom Antônio Zattera e por último pela praça José Bonifácio. Quando se analisa o nível de satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos em função das distintas faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos), conclui-se que elas não atendem as necessidades estéticas como deveriam, pois, uma parcela expressiva de cada faixa etária não se mostra satisfeita. Adicionalmente, conclui-se que independente da faixa etária dos usuários o espaço aberto melhor avaliado esteticamente é o da praça Piratinino de Almeida, seguido parque Dom Antônio Zattera e por último pela praça José Bonifácio. Portanto, esses resultados indicam que quanto a avaliação estética dos espaços abertos das praças a faixa etária dos usuários é um aspecto que parece não interferir na diferença de opinião entre as pessoas.

4.2.4.1 PRINCIPAIS ASPECTOS ASSOCIADOS AO NÍVEL DE SATISFAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS DAS PRAÇAS:

Embora no questionário aplicado fora das praças, em função das perguntas abertas, existisse a possibilidade de serem adicionadas novas variáveis associadas à estética do espaço aberto, além daquelas mencionadas pela revisão da literatura, todas as variáveis citadas pelos respondentes já estavam contempladas no capítulo dois. Logo, não foram acrescentadas novas variáveis e aquelas similares foram agrupadas e avaliadas no estudo. São elas: presença de vegetação, presença de monumentos e manutenção e limpeza do ambiente.

4.2.4.1.1 PRESENÇA DE VEGETAÇÃO

Considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) observa-se que embora 55,6% (100 de 180) dos respondentes considerem a presença de vegetação uma característica que influencia no nível de satisfação com a estética do espaço aberto das praças, uma quantidade expressiva, 44% (80 de 180) não têm a mesma opinião (Tabela 34). Entretanto, quando se analisa unicamente os usuários satisfeitos com a estética dos espaços abertos, 62,8% (71 de 113) consideram que a presença de vegetação no espaço aberto explica a satisfação, enquanto para 37,1% (42 de 113) essa característica não explica (Tabela 34). Logo, parece que a presença de vegetação no espaço aberto tende a explicar a satisfação com a estética desses espaços.

Tabela 34 – Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
		Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Presença de vegetação	justifica	19 (10,6%)	52 (28,9%)	20 (11,1%)	5 (2,8%)	4 (2,2%)	100 (55,6%)
	não justifica	12 (6,7%)	30 (16,7%)	24 (13,3%)	10 (5,55%)	4 (2,2%)	80 (44,4%)
	Total	113 (62,8%)		44 (24,4%)	23 (12,8%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (180 respondentes).

Analisando-se a opinião do total de usuários de cada uma das três praças sobre a presença de vegetação nos espaços abertos, observa-se que em todas as praças essa característica tende a justificar o nível de satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos (Tabela 35). Sendo que, no parque Dom Antônio Zattera, a presença de vegetação parece

influenciar mais na avaliação estética dos espaços abertos, que nas demais praças (60% - 36 de 60). Após, está a praça José Bonifácio (56,7% - 34 de 60) e por último a Piratinino de Almeida (50% - 30 de 60) (Tabela 35). Considerando unicamente a opinião dos usuários satisfeitos com a estética do espaço aberto das praças percebe-se que a presença de vegetação tende a explicar a satisfação com a estética dos espaços abertos. Sendo que 71% (27 de 38) manifestaram essa opinião no parque Dom Antônio Zattera, 61,1% (22 de 36) na praça José Bonifácio e 55% (22 de 40) no praça Piratinino de Almeida (Tabela 35).

Tabela 35 – Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Presença de vegetação	justifica	6 (10%)	21 (35%)	5 (8,3%)	3 (5%)	1 (1,7%)	36 (60%)
		não justifica	4 (6,7%)	7 (11,7%)	10 (16,7%)	2 (3,3%)	1 (1,7%)	24 (36,7%)
		Total	38 (63,3%)		15 (25%)	7 (11,7%)		60 (40%)
Praça José Bonifácio	Presença de vegetação	justifica	6 (10%)	16 (26,7%)	11 (18,3%)	1 (1,7%)	0	34 (56,7%)
		não justifica	3 (5%)	11 (18,3%)	6 (10%)	4 (6,7%)	2 (3,3%)	26 (43,3%)
		Total	36 (60%)		17 (28,3%)	7 (11,7%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Presença de vegetação	justifica	7 (11,7%)	15 (25%)	4 (6,7%)	1 (1,7%)	3 (5%)	30 (50%)
		não justifica	5 (8,3%)	12 (20%)	8 (13,3%)	4 (6,7%)	1 (1,7%)	30 (50%)
		Total	40 (66,7%)		18 (30%)	2 (3,3%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Quando se analisa separadamente os dois questionários, verifica-se que, tanto no questionário aplicado nas praças como no fora delas a maioria dos respondentes, das três praças (Tabelas 36 e 38) considera a presença de vegetação um aspecto que tende a justificar o nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças. Ao analisar unicamente a opinião dos usuários satisfeitos, também os dois questionários indicam que a presença de vegetação é um aspecto que influencia na satisfação. Sendo que no questionário aplicado nas praças uma quantidade expressiva de usuários satisfeitos, 73,7% (14 de 19) no parque Dom Antônio Zattera e 68,4% (13 de 36) tanto na praça José Bonifácio como na praça Piratinino de Almeida, acreditam que a presença de vegetação justifica a satisfação com a estética (Tabela 36). No questionário aplicado fora das praças, 85% (17 de 20) na praça Piratinino de Almeida, 84,2% (16 de 19) no parque Dom Antônio Zattera e 70,6% (12 de 17) na praça José Bonifácio do total de usuários satisfeitos com a estética dos espaços abertos acreditam que a presença de vegetação justifica a satisfação com a estética (Tabela 38).

Tabela 36 – Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com os espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Presença de vegetação	Justifica	3 (10%)	11 (36,7%)	4 (13,3%)	0	0	18 (60%)
		Não justifica	2 (6,7%)	3 (10%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	12 (40%)
		Total	19 (63,3%)		9 (30%)	2 (6,7%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	presença de vegetação	justifica	5 (16,7%)	8 (26,7%)	7 (23,3%)	0	0	20 (66,7%)
		não justifica	1 (3,33%)	5 (6,67%)	4 (13,3%)	0	0	10 (33,3%)
		Total	19 (63,3%)		11 (36,7%)	0		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	presença de vegetação	justifica	4 (13,3%)	9 (30,0%)	2 (6,67%)	0	2 (6,67%)	17 (56,7%)
		não justifica	0	6 (20,0%)	4 (6,67%)	2 (6,67%)	1 (3,33%)	13 (43,3%)
		não justifica	19 (63,3%)		6 (20%)	5 (16,7%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Considerando ainda o questionário aplicado fora das praças, em função das perguntas abertas são identificados os principais aspectos associados à presença de vegetação no espaço aberto das praças são eles, em ordem de importância: a arborização (76,3% - 71 de 93), a presença de canteiros (12,9% - 12 de 93), flores coloridas (9,7% - 9 de 93) e a presença de gramados (1,1% - 1 de 93) (Tabela 37). Sendo que, comparando-se as três praças a arborização é mais citada no parque Dom Antônio Zattera (10,6% - 28 de 93) (Figura 77), os canteiros, na praça Piratinino de Almeida (11,1% - 18 de 93) (Figura 78), a existência de flores é um aspecto que não apresenta grande diferenciação entre as três praças e o gramado citado por somente um respondente é um aspecto desconsiderado pela pouca freqüência de respostas (Tabela 37).

Tabela 37 – Aspectos associados à presença de vegetação (questionário fora das praças)

Aspectos associados à presença de vegetação	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total
Árvores	28 (10,6%)	25 (28,9%)	18 (11,1%)	71(76,3%)
Canteiros	0	0	12 (13,3%)	12 (12,9%)
Flores	2 (2,15%)	4 (4,3%)	3 (3,2%)	9 (9,7%)
Gramado	1 (1,1%)	0	0	1 (1,1%)
Total	31 (33,3%)	29 (31,2%)	33 (35,5%)	93 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (93 respondentes).

Tabela 38 – Influencia da presença de vegetação na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com os espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Presença de vegetação	Justifica	5 (16,7%)	11 (36,7%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	24 (80%)
		Não justifica	0	3 (10,0%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	0	6 (20,0%)
		Total	19 (63,3%)		6 (20%)	5 (16,7%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	presença de vegetação	justifica	1 (3,3%)	11 (36,7%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	20 (66,7%)
		não justifica	2 (6,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	10 (33,3%)
		Total	17 (56,7%)		6 (20%)	7 (23,3%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	presença de vegetação	justifica	8 (26,7%)	9 (30,0%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	23 (76,7%)
		não justifica	0	3 (10,0%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	0	7 (23,3%)
		Total	20 (66,7%)		6 (20%)	4 (13,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Figura 77 – Arborização no parque Dom Antônio Zattera

Figura 78 – Canteiros da praça Piratinino de Almeida

Conclui-se, sobre a relação entre a presença de vegetação e o nível de satisfação com a estética dos espaços abertos das praças, que existe uma tendência de que espaços abertos arborizados, com canteiros, que apresentem diferentes espécies de vegetações, principalmente flores coloridas e alguns locais gramados proporcionam níveis mais elevados de satisfação estética. Assim, ao comparar-se a variável presença de vegetação entre as praças estudadas, sua importância pode ser verificada no parque Dom Antônio Zattera e na praça Piratinino de Almeida, onde a presença de grande quantidade de árvores e canteiros se traduziu em níveis de satisfação altos. Ao contrário, na praça José Bonifácio, que possui menor quantidade de vegetação, a freqüência de usuários satisfeitos que citam esse

aspecto como justificativa para a satisfação, tende a ser menor. Logo, os resultados parecem corroborar com pesquisas já realizadas, nas quais a presença de vegetação no ambiente é identificada, como um aspecto associado à estética e a preferência das pessoas por determinados locais (Whyte, 1980; Whyte, 1988; Nasar, 1998; Marcus e Francis, 1990; Basso, 2001).

4.2.4.1.2 PRESENÇA DE MONUMENTOS

Considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) observa-se que a presença de monumentos é um aspecto que apresenta similaridade entre as opiniões daqueles que acreditam que essa característica tende a explicar (50,6% - 91 de 180) e a não explicar, (49,4% - 89 de 180) o nível de satisfação com a estética dos espaços abertos (Tabela 39). Já quando se analisa unicamente os usuários satisfeitos com a estética dos espaços abertos, a diferença passa a ser um pouco maior, 51,3% (58 de 113) de usuários que acreditam que a presença de monumentos tende a explicar a satisfação e 48,7% (55 de 113) que não tem essa opinião (Tabela 39). Logo, esse aspecto parece não ter muita influência no nível de satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos.

Tabela 39 – Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças

Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
		Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Presença de monumentos	justifica	20 (11,1%)	38 (21,1%)	20 (11,1%)	7 (3,9%)	6 (3,3%)	91 (50,6%)
	não justifica	11 (6,1%)	44 (24,4%)	24 (13,3%)	8 (4,44%)	2 (1,1%)	89 (49,4%)
	Total	113 (62,8%)		44 (24,4%)	23 (12,8%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (180 respondentes).

Analisando-se a opinião do total de usuários de cada uma das três praças sobre a presença de monumentos no espaço aberto, observa-se que somente na praça José Bonifácio a maioria dos usuários (63,3% - 38 de 60) cita a presença de monumentos como uma razão relacionada ao nível de satisfação com a estética do espaço aberto. Entretanto, nas demais praças embora a maioria dos usuários na praça Piratinino de Almeida (60% - 18 de 60) e no parque Dom Antônio Zattera (61,7% - 37 de 60) tenham mencionado que a presença de monumentos não interfere na avaliação estética dos espaços abertos das praças, uma quantidade expressiva de usuários manifesta opinião contrária, respectivamente (40% - 12 de 60) e (38,3% - 23 de 60) (Tabela 40).

Considerando unicamente os usuários satisfeitos com a estética dos espaços abertos, percebe-se que além da praça José Bonifácio (61,1% - 22 de 36), a praça Piratinino de Almeida (56,4% - 22 de 39) também apresenta a maioria desses usuários manifestando a opinião de que a existência de monumentos é um aspecto importante para a satisfação com a estética dos espaços abertos. No parque Dom Antônio Zattera a presença de monumentos é um aspecto menos relevante, embora também citado por uma quantidade expressiva (36,8% - 14 de 38) de usuários satisfeitos com a estética do espaço aberto como sendo um aspecto que explica a essa satisfação (Tabela 40). Presume-se, que um dos motivos que explica a presença de monumentos na praça José Bonifácio ser considerada um aspecto que influencia na satisfação seja a localização do busto de José Bonifácio (único monumento existente na praça). Ele está localizado num ponto estratégico, em frente a Catedral São Francisco de Paula e no eixo da Rua Miguel Barcelos, portanto é visto por muitos usuários, tanto aqueles que estão no interior da praça, quanto aqueles que estão no entorno da mesma (Figura 79). Quanto a praça Piratinino de Almeida supõe-se a presença de monumentos, justifica a satisfação dos usuários principalmente em função da presença da caixa d'água (Figura 80), elemento citado por muitos usuários (80% - 4 de 5), como um monumento, que explica a satisfação com a estética do espaço aberto.

Figura 79 – Monumento à José Bonifácio – Praça José Bonifácio

Nota: monumento localizado em frente a Catedral São Francisco de Paula, e no eixo da Rua Miguel Barcellos, ao fundo.

Figura 80 – Caixa'Água – Praça Piratinino de Almeida

Tabela 40 – Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com os espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Presença de monumentos	Justifica	6 (10%)	8 (13,3%)	5 (8,3%)	2 (3,3%)	2 (3,3%)	23 (38,3%)
		Não justifica	4 (6,7%)	20 (33,3%)	10 (16,7%)	3 (5%)	0	37 (61,7%)
		Total	38 (63,3%)		15 (25%)	7 (11,7%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	Presença de monumentos	Justifica	6 (10%)	16 (26,7%)	11 (18,3%)	3 (5%)	2 (3,3%)	38 (63,3%)
		Não justifica	3 (5%)	11 (18,3%)	6 (10%)	2 (3,3%)	0	22 (36,7%)
		Total	36 (60%)		17 (28,3%)	7 (11,7%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Presença de monumentos	Justifica	8 (13,3%)	14 (23,3%)	4 (6,7%)	2 (3,3%)	2 (3,3%)	12 (40,0%)
		Não justifica	4 (6,7%)	13 (21,7%)	8 (13,3%)	3 (5%)	2 (3,3%)	18 (60%)
		Total	39 (65%)		12 (20%)	9 (15%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Quando se analisa as respostas dos usuários que estão nas praças e fora das praças, percebem-se similaridades entre as opiniões quanto a influencia da presença de monumentos no nível de satisfação com a estética dos espaços abertos. Isso é verificado, tanto no parque Dom Antônio Zattera quando o questionário é aplicado na praça (73,3% - 22 de 30) e fora da praça (80% - 24 de 30), quanto na Piratinino de Almeida quando é aplicado na praça (60% - 18 de 30) e fora da praça (76,7% - 23 de 30), mostrando que para a maioria dos usuários a presença de monumentos no espaço aberto da praça não influência na avaliação estética. Entretanto, na praça José Bonifácio, quando o questionário é aplicado na praça, existe pouca diferença entre aqueles que pensam que a presença de monumentos influencia (53,3% - 16 de 30) e não influencia (46,7% - 14 de 30) na avaliação estética do espaço aberto. Já quando o questionário é aplicado fora da praça essa diferença é mais expressiva mostrando que a maioria (83,3% - 25 de 30) dos usuários nesta praça também pensa que a presença de monumentos não influencia na avaliação estética dos espaços abertos (Tabela 41).

Portanto, esses dados revelam indícios de que a presença de monumentos nas praças tende a influenciar diferentemente os usuários quanto ao nível de satisfação com a estética do espaço aberto, quando os mesmos estão localizados dentro ou fora das praças. Nesse sentido, essas percepções tendem a influenciar mais a satisfação estética quando os monumentos estão dentro das praças, talvez pela proximidade e contato direto que os usuários tem com aqueles, por outro lado, essa influência não é tão expressiva quando os usuários estão fora das praças, talvez eles nem se lembrem da existência dos mesmos, uma vez que poucos monumentos foram citados por estes respondentes (Tabela 41 e 42).

Tabela 41 - Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com os espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Presença de monumentos	Justifica	2 (6,7%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	0	1 (3,3%)	8 (26,7%)
		Não justifica	3 (10%)	11 (36,7%)	7 (23,3%)	1 (3,3%)	0	22 (73,3%)
		Total	19 (63,3%)		9 (30%)	2 (6,7%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Presença de monumentos	Justifica	4 (13,3%)	6 (20,0%)	6 (20,0%)	0	0	16 (53,3%)
		Não justifica	2 (6,7%)	7 (23,3%)	5 (16,7%)	0	0	14 (46,7%)
		Total	19 (63,3%)		11 (36,7%)	0		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Presença de monumentos	Justifica	3 (10,0%)	7 (23,3%)	1 (3,3%)	0	1 (3,3%)	12 (40,0%)
		Não justifica	1 (3,3%)	8 (26,7%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	18 (60%)
		Total	19 (63,3%)		6 (20,0%)	5 (16,7%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Tabela 42 – Influencia da presença de monumentos na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado fora das praças)

Locais avaliados	Razão relacionada ao nível de satisfação com os espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Presença de monumentos	Justifica	1 (3,3%)	4 (13,3%)	0	1 (3,3%)	0	6 (20,0%)
		Não justifica	4 (13,3%)	10 (33,3%)	6 (20%)	3 (10,0%)	1(3,3%)	24 (80,0%)
		Total	19 (63,3%)		6 (20%)	5 (16,7%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Presença de monumentos	Justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	0	5 (16,7%)
		Não justifica	2 (6,7%)	13 (43,3%)	4 (13,3%)	4 (13,3%)	2(6,7%)	25 (83,3%)
		Total	17(56,7%)		6 (20%)	5 (16,7%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Presença de monumentos	Justifica	2 (6,7%)	4 (13,3%)	0	1 (3,3%)	0	7 (23,3%)
		Não justifica	6 (20%)	8 (26,7%)	6 (20%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	23 (76,7%)
		Total	20 (66,7%)		6 (20%)	4 (13,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Conclui-se quanto à relação entre a presença de monumentos e a estética dos espaços abertos das praças que embora a literatura (p.ex. KAPLAN E KAPLAN, 1998; MARCUS E FRANCIS, 1990) considere importante esse aspecto na avaliação estética de praças, os resultados encontrados não confirmam essas evidências. Os resultados indicam que a presença de monumentos parece ser um aspecto indiferente para a maioria dos usuários, inclusive para aqueles que consideram a estética das praças satisfatórias ele não se mostrou

relevante. Logo, parece que outros aspectos são mais importantes para explicar a satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos das praças.

4.2.4.1.3 MANUTENÇÃO

Considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) observa-se que embora na opinião da maioria dos usuários a manutenção dos espaços abertos seja uma característica que não influencia (71,1% - 128 de 180) na avaliação estética dos espaços abertos das praças, uma quantidade expressiva de 28,9% (52 de 180) pensa ao contrário (Tabela 17). Adicionalmente, do total de usuários satisfeitos com a estética dos espaços abertos 74,3% (84 de 113) mencionam que a manutenção não explica a satisfação com a estética dos espaços abertos das praças, enquanto 25,7% (29 de 113) não têm essa opinião (Tabela 43). Logo, esses dados indicam que possivelmente outros aspectos são mais relevantes para explicar a satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos.

Tabela 43 – Influencia da manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças

Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
		Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Manutenção	justifica	9 (5%)	20 (11,1%)	13 (7,2%)	3 (1,7%)	7 (3,9%)	52 (28,9%)
	não justifica	22 (12,2%)	62 (34,4%)	31 (17,2%)	12 (6,7%)	1 (0,7%)	128 (71,1%)
	Total	113 (62,8%)		44 (24,4%)	23 (12,8%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (180 respondentes).

Analisando-se a opinião do total de usuários de cada uma das três praças, observa-se que embora a maioria dos usuários, tanto na praça Piratinino de Almeida (75% - 45 de 60), como no parque Dom Antônio Zattera (70% - 42 de 60) e na praça José Bonifácio (68,3% - 41 de 60) acreditem que a manutenção não influencia na avaliação estética dos espaços abertos, uma quantidade expressiva de usuários pensa o contrário, respectivamente, 25% (15 de 60), 30% (18 de 60) e 31,7% (19 de 60) (Tabela 44). Da mesma forma, quando se considera unicamente os usuários satisfeitos com a estética dos espaços abertos, nota-se que em todas as praças a manutenção tende a não explicar a satisfação com a estética desses espaços, sendo primeiramente na praça Piratinino de Almeida (79,5% - 31 de 39), seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (76,3% - 29 de 38) e por último pela praça José Bonifácio (66,7% - 24 de 36). Entretanto, muitos dos usuários satisfeitos pensam o contrário, 20,5% (8 de 39) na praça Piratinino de Almeida, 23,7% (9 de 38) no parque Dom Antônio Zattera e 33,3% (12 de 36) na praça José Bonifácio (Tabela 44).

Tabela 44 – Influencia da manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Manutenção	justifica	4 (6,7%)	5 (8,3%)	6 (10%)	1 (1,7%)	2 (3,3%)	18 (30%)
		não justifica	6 (10%)	23 (38,3%)	9 (15%)	4 (6,7%)	0	42 (70%)
		Total	38 (63,3%)		15 (25%)	7 (11,7%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	Manutenção	justifica	2 (3,3%)	10 (16,7%)	5 (8,3%)	0	2 (3,3%)	19 (31,7%)
		não justifica	7 (11,7%)	17 (28,3%)	12 (20%)	5 (8,3%)	0	41 (68,3%)
		Total	36 (60%)		17 (28,3%)	7 (11,7%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Manutenção	justifica	3 (5%)	5 (8,3%)	2 (3,3%)	2 (3,3%)	3 (5%)	15 (25%)
		não justifica	9 (15%)	22 (36,7%)	10 (16,7%)	3 (5%)	1 (1,7%)	45 (75%)
		Total	39 (65%)		12 (20%)	9 (15%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Considerando os dados provenientes dos dois questionários (aplicados na praça e fora dela) percebe-se que as opiniões tendem a ser similares. Em ambos os questionários, a manutenção do espaço aberto em geral tende a não influenciar na avaliação estética desses espaços (Tabelas 45 e 46). Comparando-se as três praças, na José Bonifácio a manutenção é mais citada como explicação para a satisfação dos usuários com os espaços abertos. No parque Dom Antônio Zattera a manutenção tende a explicar menos a satisfação com o espaço aberto. Logo, esses resultados mostram que não existe grande divergência entre as opiniões quanto a influência da manutenção na avaliação estética dos espaços abertos entre usuários que estão nas praças e fora delas.

Tabela 45 - Influencia do nível de manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças)

Locais	Razão relacionada ao nível de satisfação com a estética dos espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Dom Antônio Zattera	Nível de manutenção	Justifica	2 (6,7%)	3 (10%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	11 (36,7%)
		Não justifica	3 (10%)	11 (36,7%)	5 (16,7%)	0	0	19 (63,3%)
		Total	19 (63,3%)		9 (30%)	2 (6,7%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Nível de manutenção	Justifica	0	5 (16,7%)	4 (13,3%)	0	0	9 (30%)
		Não justifica	6 (20%)	8 (26,7%)	7 (23,3%)	0	0	21 (70%)
		Total	19 (63,3%)		11 (36,7%)	0		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Nível de manutenção	Justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0	2 (6,7%)	5 (16,7%)
		Não justifica	3 (10%)	14 (46,7%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	25 (83,3%)
		Total	19 (63,3%)		6 (20%)	5 (16,7%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Tabela 46 – Influencia do nível de manutenção na avaliação estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado fora das praças)

Locais avaliados	Razão relacionada ao nível de satisfação com os espaços abertos		Nível de satisfação com a estética dos espaços abertos					Total
			Muito bonitos	Bonitos	Nem bonitos nem feios	Feios	Muito feios	
Parque Dom Antônio Zattera	Nível de manutenção	Justifica	0	3 (10%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	8 (26,7%
		Não justifica	5 (16,7%)	11 (36,7%)	4 (13,3%)	2 (6,7%)	0	22 (73,3%
		Total	19 (63,3%)		6 (20%)	5 (16,7%)		30 (100%)
Praça José Bonifácio	Nível de manutenção	Justifica	2 (6,7%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	16 (53,3%
		Não justifica	1 (3,3%)	8 (26,7%)	2 (6,7%)	3 (10%)	0	14 (46,7%
		Total	17 (56,7%)		6 (20%)	7 (23,3%)		30 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Nível de manutenção	Justifica	0	3 (10%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	0	7 (23,3%
		Não justifica	8 (26,7%)	9 (30%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	23 (76,7%
		Total	20 (66,7%)		6 (20%)	4 (13,3%)		30 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Dentre os aspectos associados à manutenção dos espaços abertos das praças, são citados nas perguntas abertas do questionário aplicado fora das praças, considerando todas as praças, primeiramente a manutenção dos pisos, a manutenção da vegetação, muitos respondentes mencionam ainda a manutenção geral, manutenção dos bancos, limpeza, falta de bancos, manutenção dos brinquedos, mau cheiro, e manutenção dos monumentos (Tabela 47).

Considerando individualmente cada praça, destaca-se a manutenção do piso, primeiramente na praça José Bonifácio (23,1% - 12 de 52), seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (21,8% - 17 de 78) e por último a praça Piratinino de Almeida (19,3% - 12 de 62). O principal aspecto mencionado pelos respondentes quanto à manutenção do piso diz respeito a ladrilhos faltando e quebrados, em função das raízes das árvores. Quanto a manutenção da vegetação, este aspecto é mais mencionado pelos usuários da praça José Bonifácio (23,1% - 12 de 52), seguido pela Piratinino de Almeida (19,3% - 12 de 62) e posteriormente pelo parque Dom Antônio Zattera (19,2% - 15 de 78). Os principais aspectos mencionados pelos usuários quanto a manutenção da vegetação diz respeito à falta de poda, ou poda mal feitas nas árvores, falta de corte da grama e falta de tratamento paisagístico nos canteiros (Tabela 47).

Alguns usuários referem-se à manutenção nas praças de maneira geral, não determinando um tipo específico de manutenção. Essa manutenção geral é mais mencionada na praça José Bonifácio (25% - 13 de 52), seguida pela Piratinino de Almeida (17,7% - 11 de 62) e menos mencionada no parque Dom Antônio Zattera (11,5% - 9 de 78). A manutenção dos

bancos existentes nas praças é outro aspecto associado a manutenção, sendo mais mencionado pelos usuários do parque Dom Antônio Zattera (25% - 20 de 52) e praça Piratinino de Almeida (14,5% - 9 de 62) e menos mencionado na praça José Bonifácio (2% - 1 de 52), que por sua vez é mais mencionada pela falta de bancos (11,5% - 5 de 52), seguida pelo parque Dom Antônio Zattera (3,8% - 3 de 78) e praça Piratinino de Almeida (3,2% - 2 de 62). O parque Dom Antônio Zattera é único local mencionado em função da manutenção dos brinquedos (11,5% - 9 de 78) uma vez que só ele possui esse tipo de equipamento (*playground*). Da mesma forma, a praça Piratinino de Almeida é a única mencionada em função do mau cheiro (12,9% - 8 de 62) existente no ambiente (cheiro de urina) principalmente na proximidade do monumento da caixa'água. Por fim, o último aspecto mencionado pelos usuários associado à manutenção dos espaços abertos é a manutenção dos monumentos. Esse aspecto é mais citado na praça José Bonifácio (9,6% - 5 de 52) possivelmente em função do busto de José Bonifácio ser muito visível e estar em péssimo estado de conservação, após está a praça Piratinino de Almeida (3,2% - 2 de 62) e por último o parque Dom Antônio Zattera (1,3% - 1 de 78) (Tabela 47).

Tabela 47 – Aspectos associados à falta de manutenção (questionário fora das praças)

Aspectos associados à presença de vegetação	Parque Dom Antônio Zattera	Praça José Bonifácio	Praça Piratinino de Almeida	Total
Manutenção do piso	17 (8,8%)	12 (6,2%)	12 (6,2%)	41 (21,3%)
Manutenção da vegetação	15 (7,8%)	12 (6,2%)	12 (6,2%)	39 (20,3%)
Manutenção geral	9 (4,7%)	13 (6,8%)	11 (5,7%)	33 (17,2%)
Manutenção dos bancos	20 (10,4%)	1 (0,5%)	9 (4,7%)	30 (15,6%)
Limpeza	4 (2,1%)	3 (1,6%)	6 (3,1%)	13 (6,8%)
Falta de bancos	3 (1,6%)	6 (3,1%)	2 (1%)	11 (5,7%)
Manutenção dos brinquedos	9 (4,7%)	0	0	9 (4,7%)
Mau cheiro	0	0	8 (4,2%)	8 (4,2%)
Manutenção dos monumentos	1 (0,5%)	5 (2,6%)	2 (1%)	8 (4,2%)
Total	78 (40,6%)	52 (27,1%)	62 (32,3%)	192 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a porcentagem em relação ao total de respondentes de todas as praças (93 respondentes).

Conclui-se quanto à relação entre a manutenção e a estética dos espaços abertos das praças que embora a literatura (p.ex. MARCUS E FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS E LAY, 2002) considere importante esse aspecto na avaliação estética de espaços urbanos, os resultados encontrados mostram-se contrários a isso. Logo, para a realidade investigada, parece que outros aspectos são mais relevantes para explicar a satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos das praças. Isso se justifica supostamente, porque a manutenção não é satisfatória, entretanto, na avaliação estética geral do espaço aberto é satisfatória. Assim, provavelmente se a manutenção fosse satisfatória, poderia vir a aumentar o nível de satisfação dos usuários com a estética do espaço aberto das praças.

Adicionalmente, conclui-se que os principais aspectos associados à manutenção dos espaços abertos das praças, são: a manutenção dos pisos (ladrilhos quebrados e faltando), da vegetação (poda de árvores e corte de grama), dos bancos, brinquedos, monumentos, limpeza e falta de bancos.

4.3 A INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA NO USO DAS PRAÇAS

Neste item, é apresentada a relação entre a estética e o uso das praças, conforme os dados provenientes tanto do questionário aplicado nas próprias praças, como daquele aplicado no entorno, segundo a metodologia explicitada no capítulo 3. Para tanto, primeiramente, é relevante destacar que o uso mencionado ao longo do capítulo diz respeito à freqüência e ao tempo de permanência das pessoas nas praças.

4.3.1 A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA PARA O USO DAS PRAÇAS

Considerando o total da amostra de usuários das praças avaliadas em Pelotas (tanto do questionário aplicado nas praças como fora delas), verifica-se através das freqüências de respostas, que embora a maioria dos usuários (82,2% - 421 de 180) (Tabela 1 – Anexo D) tenha mencionado que utiliza as praças por outros motivos que não pela estética, 17,8% (91 de 180) mencionaram que um dos motivos de utilizar as praças é em função da estética. Logo, esses dados revelar que a estética das praças, embora não seja determinante, ela tem impacto no uso. Adicionalmente, desse total de usuários que dizem utilizar as praças por motivos relacionados à estética, 74,7% (68 de 91) citam que utilizam devido à estética do espaço aberto e 25,3% (23 de 91) devido à estética das fachadas das edificações que delimitam as praças. Portanto, mais uma vez é evidenciada a relevância da estética do espaço aberto das praças (conforme item 4.2.2) na opinião dos usuários comparada à estética das fachadas das edificações que delimitam as praças (Tabelas 1 – Anexo D).

Do total de usuários satisfeitos com a estética das praças (questionário aplicado nas praças como fora delas), nota-se que embora a maioria (83,7% - 82 de 98) não justifique que a estética com as fachadas das edificações que delimitam as praças seja uma razão para o uso das praças, 16,3% (16 de 98) mencionam o contrário (Tabela 48). Em relação ao espaço aberto, da mesma forma, a maioria (55,1% - 54 de 98) menciona que a estética com o espaço aberto não é uma justificativa para o uso das praças, entretanto, uma quantidade expressiva de usuários (44,9% - 44 de 98) comenta o contrário (Tabela 48).

Tabela 48 – Influencia do nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações e do espaço aberto sobre o uso das praças(questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Razão relacionada ao uso das praças		Nível de satisfação com a estética das praças					Total
		Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Estética das fachadas das edificações	justifica	6 (3,3%)	10 (5,6%)	6 (3,3%)	1 (0,6%)	0	23 (12,8%)
	não justifica	22 (12,2%)	60 (33,3%)	53 (29,4%)	14 (7,8%)	8 (4,4%)	157 (87,2%)
	Total	98 (54,4%)		59 (32,8%)	23 (12,8%)		180 (100%)
Estética do espaço aberto	justifica	15 (8,3%)	29 (16,1%)	17 (9,4%)	6 (3,3%)	1 (0,6%)	68 (37,8%)
	não justifica	13 (7,2%)	41 (22,8%)	42 (23,3%)	9 (5%)	7 (3,9%)	112 (62,2%)
	Total	98 (54,4%)		59 (32,8%)	23 (12,8%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes.

Analisando individualmente cada praça, segundo a opinião do total de usuários satisfeitos com a estética das praças (questionário aplicado nas praças como fora delas) verifica-se que na praça José Bonifácio é onde maior quantidade de usuários (33,3% - 12 de 36) justificam que utilizam a praça devido a estética das fachadas das edificações adjacentes à praça, seguida do parque Dom Antônio Zattera (9,4% - 3 de 32) e por último a praça Piratinino de Almeida (3,3% - 1 de 30). Logo, nota-se uma tendência, pelo menos na praça José Bonifácio que a praças mais satisfatória quanto a estética das fachadas (segundo item 4.2.3) tenha mais uso, em função dessa característica (Tabela 49).

Tabela 49 – Influencia do nível de satisfação com a estética das fachadas das edificações sobre o uso das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Razão relacionada ao uso das praças		Nível de satisfação com a estética das praças					Total
			Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Parque Dom Antônio Zattera	Estética das fachadas das edificações	justifica	2 (3,3%)	1 (1,7%)	2 (3,3%)	0	0	5 (8,3%)
		não justifica	6 (10%)	23 (38,3%)	17 (28,3%)	6 (10%)	3 (5%)	55 (91,7%)
		Total	32 (53,3%)		19 (31,7%)	9 (15%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	Estética das fachadas das edificações	justifica	3 (5%)	9 (15%)	3 (5%)	1 (1,7%)	0	16 (26,7%)
		não justifica	4 (6,7%)	20 (33,3%)	13 (21,7%)	6 (10%)	1 (1,7%)	44 (73,3%)
		Total	36 (60%)		16 (26,7%)	8 (13,3%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	Estética das fachadas das edificações	justifica	1 (1,7%)	0	1 (1,7%)	0	0	2 (3,3%)
		não justifica	12 (20%)	17 (28,3%)	23 (38,3%)	2 (3,3%)	4 (6,7%)	58 (96,7%)
		Total	30 (50%)		24 (40%)	6 (10%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que a variável influencia no nível de satisfação, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada praça (60 respondentes).

Quanto à opinião do total de usuários satisfeitos em relação à estética dos espaços abertos das praças (questionário aplicado nas praças como fora delas) verifica-se que no parque Dom Antônio Zattera é onde maior quantidade de usuários (59,4% - 19 de 32) justificam que usam o local devido a estética, seguido pela praça José Bonifácio (38,9% - 14 de 36) e por último pela Piratinino de Almeida (36,7% - 11 de 30). Logo, analisando-se individualmente as praças, nota-se que não existe uma tendência tão clara, de que as praças mais satisfatórias quanto à estética dos espaços abertos (segundo item 4.2.4) sejam as mais usadas, em função dessa característica (Tabela 49).

Conclui-se quanto à importância da estética para o uso das praças que embora os usuários não utilizem as mesmas predominantemente em função da estética ela parece ter um papel importante no uso. Sendo que a estética do espaço aberto parece ter uma influência maior, que a das fachadas que delimitam as praças para o uso desses espaços. Entretanto quando se analisa individualmente cada uma das praças que fazem parte do estudo, essa influência da estética sobre o uso parece não ser tão grande, sendo mais evidente a princípio quanto a estética das fachadas da praça José Bonifácio.

4.3.2 A RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA E A INTENSIDADE DE USO DAS PRAÇAS

Ainda, a fim de relacionar a estética com o uso das praças, verifica-se, de acordo com a avaliação estética geral dos usuários que a praça melhor avaliada (conforme item 4.2.1) é a José Bonifácio, seguida pela Piratinino de Almeida e por último o parque Dom Antônio Zattera. Entretanto, a praça onde existe maior quantidade de pessoas por metro quadrado é conforme os mapas comportamentais (Figuras 1, 2 e 3, Anexo C) é primeiramente o parque Dom Antônio Zattera, seguido pela praça José Bonifácio e por último a Piratinino de Almeida (Tabela 1, Anexo C). No parque Dom Antônio Zattera, por exemplo, observa-se, segundo o mapa comportamental (Figura 1, Anexo C) que grande concentração de pessoas, utiliza o parque em função dos tipos de atividades que são proporcionadas tais como, *playground*, pista de skate, as quais funcionam como atratores das pessoas e não devido a qualidade estética. Supõe-se que no caso das praças estudadas, a maior concentração de pessoas nas praças seja por razões de caráter prático, porém, isso não significa que a qualidade estética não tenha um impacto no maior ou menor concentração de pessoas.

Tabela 50 – Total de usuários nas praças

Locais	Total de usuários nas praças*	Área da praça (m²)	Total de usuários por m²
Dom Antônio Zattera	552	37.768,7	68,4
Praça José Bonifácio	394	3.833,85	9,7
Praça Piratinino de Almeida	996	8.674,2	8,7

Nota: *o número de usuários nas praças corresponde à contagem total realizada conforme os mapas comportamentais (Tabela 1, Anexo C); a área da praça José Bonifácio é apresentada com desconto da área da edificação da catedral.

Conclui-se sobre a relação entre o nível de satisfação com a estética e a intensidade de uso das praças que para a realidade estudada, as mais satisfatórias esteticamente de maneira geral, não são as que possuem maior quantidade de pessoas. A mais utilizada é aquela que proporciona maior diversidade de atividades de lazer aos usuários, provavelmente isso ocorra devido à falta de opções de escolha que obriga o usuário a freqüentar determinada praça, mesmo que não seja a mais satisfatória esteticamente.

4.3.3 A RELAÇÃO ENTRE A ESTÉTICA E A FREQÜÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DAS PRAÇAS

Considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) observa-se que a maioria (53,9% - 97 de 180) dos respondentes utiliza as praças menos de uma vez por mês (Tabela 51). Entretanto, quando se analisa unicamente os usuários satisfeitos com a estética das praças, embora a maioria continue freqüentando menos de uma vez por mês (52% - 51 de 98) uma quantidade expressiva de usuários 29,6% (29 de 98) utiliza mais de quatro vezes por mês. Logo, parece que a avaliação estética das praças tende a ter uma influência na freqüência de utilização das praças (Tabela 51).

Tabela 51 – Relação entre o nível de satisfação e a freqüência de uso das praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Freqüência que a pessoa utiliza a praça	Nível de satisfação com a estética das praças					Total
	Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
menos 1 vez por mês	16 (8,9%)	35 (19,4%)	31 (17,2%)	8 (4,4%)	7 (3,9%)	97 (53,9%)
de 1 a 4 vezes por mês	5 (2,8%)	13 (7,2%)	20 (11,1%)	4 (2,2%)	0	42 (23,3%)
mais de 4 vezes por mês	7 (3,9%)	22 (12,2%)	8 (4,4%)	3 (1,7%)	1 (0,6%)	41 (22,8%)
Total	98 (54,4%)		59 (32,8%)	23 (12,8%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que o nível de satisfação influencia na variável, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes.

Ainda, considerando o total de usuários (questionário aplicado nas praças como fora delas) de cada uma das três praças, verifica-se que em todas as praças, a maioria deles utiliza as praças menos de uma vez por mês, independente da avaliação estética feita da praça (Tabela 52). Entretanto, considerando o total de usuários satisfeitos com a estética de cada uma das praças, verifica-se que embora nas três praças a maior quantidade de pessoas utilize as mesmas com freqüência de menos de uma vez por mês, uma quantidade expressiva de usuários utiliza por mais de quatro vezes por mês. A mais utilizada pelos usuários satisfeitos é a José Bonifácio (33,3% - 12 de 36), seguida pela Piratinino de Almeida (30% - 9 de 30) e por último está o parque Dom Antônio Zattera (25% - 8 de 32) (Tabela 52).

Tabela 52 – Relação entre o nível de satisfação e a freqüência de uso em cada praça (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Freqüência que a pessoa utiliza a praça	Nível de satisfação com a estética das praças					Total
		Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Dom Antônio Zattera	menos 1 vez por mês	5 (8,3%)	14 (23,3%)	11 (18,3%)	2 (3,3%)	3 (5%)	35 (58,3%)
	de 1 a 4 vezes por mês	0	5 (8,3%)	6 (10%)	2 (3,3%)	0	13 (21,7%)
	mais de 4 vezes por mês	3 (5%)	5 (8,3%)	2 (3,3%)	2 (3,3%)	0	12 (20%)
	Total	32 (53,3%)		19 (31,7%)	9 (15%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	menos 1 vez por mês	3 (5%)	14 (23,3%)	5 (8,3%)	4 (6,7%)	1 (1,7%)	27 (45%)
	de 1 a 4 vezes por mês	3 (5%)	4 (6,7%)	7 (11,7%)	2 (3,3%)	0	16 (26,7%)
	mais de 4 vezes por mês	1 (1,7%)	11 (18,3%)	4 (6,7%)	1 (1,7%)	0	17 (28,3%)
	Total	36 (60%)		16 (26,7%)	8 (13,3%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	menos 1 vez por mês	8 (13,3%)	7 (11,7%)	15 (25%)	2 (3,3%)	3 (5%)	35 (58,3%)
	de 1 a 4 vezes por mês	2 (3,3%)	4 (6,7%)	7 (11,7%)	0	0	13 (21,7%)
	mais de 4 vezes por mês	3 (5%)	6 (10%)	2 (3,3%)	0	1 (1,7%)	12 (20,0%)
	Total	30 (50%)		24 (40%)	6 (10%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que o nível de satisfação influencia na variável, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Conclui-se sobre a relação entre o nível de satisfação com a estética e a freqüência de uso das praças, que existe uma relação entre a estética e o uso das praças, uma vez que grande quantidade de pessoas satisfeitas utiliza as praças por mais de quatro vezes por mês. Essa relação é ainda mais evidenciada na medida em que a praça mais freqüentada, a José Bonifácio, é a mais satisfatória esteticamente (conforme item 4.2.1). Esses resultados indicam que praças satisfatórias esteticamente, tendem a fazer o indivíduo retornar ao local, diferentemente daquelas avaliadas como insatisfatórias esteticamente que tendem a ser evitadas pelos usuários. Logo, parece que as características estéticas devem ser

consideradas a fim de proporcionar ambientes que sejam utilizados por maior quantidade de pessoas, maior quantidade de vezes.

4.3.4 A RELAÇÃO ENTRE A ESTÉTICA E O TEMPO DE PERMANÊNCIA NAS PRAÇAS

Considerando o total das amostras das três praças (180 questionários - aplicados nas praças e fora delas) independente do nível de satisfação com a estética das praças, observa-se que a maioria (52,2% - 94 de 180) dos respondentes utiliza as praças por mais de uma hora (Tabela 53). Adicionalmente, quando se analisa unicamente os usuários satisfeitos com a estética das praças, novamente a maior quantidade de usuários, 47,9% (47 de 98) permanece nas praças por mais de uma hora. Logo, parece que existe uma tendência de que os usuários mais satisfeitos permaneçam nas praças por mais tempo do que aqueles insatisfeitos com a estética (Tabela 53).

Tabela 53 – Relação entre o nível de satisfação e o tempo de permanência nas praças (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Tempo de permanência na praça	Nível de satisfação com a estética das praças					Total
	Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
somente alguns minutos	12 (6,7%)	15 (8,3%)	13 (7,2%)	2 (1,1%)	2 (1,1%)	44 (24,4%)
aproximadamente 1h	6 (3,3%)	18 (10%)	14 (7,8%)	2 (1,1%)	2 (1,1%)	42 (23,3%)
por mais de 1h	10 (5,6%)	37 (20,6%)	32 (17,8%)	11 (6,1%)	4 (2,2%)	94 (52,2%)
Total	98 (54,4%)		59 (32,8%)	23 (12,8%)		180 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que o nível de satisfação influencia na variável, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes.

Analisando individualmente as praça, segundo a opinião do total de usuários de cada uma (questionário aplicado nas praças como fora delas), verifica-se que tanto no parque Dom Antônio Zattera (53,3% - 32 de 60) como na praça Piratinino de Almeida (56,7% - 34 de 60) a maioria dos respondentes permanece no ambiente por mais de uma hora. Entretanto, na praça José Bonifácio, embora não seja a maioria, uma expressiva quantidade de 46,7% (28 de 60) pessoas permanece na ambiente por mais de uma hora (Tabela 54). Quando se considera apenas os usuários satisfeitos com a estética de cada uma das praças, observa-se que na praça Piratinino de Almeida é onde a maior quantidade de usuários satisfeitos (56,7% - 17 de 30) permanece por mais de uma hora, seguido do parque Dom Antônio Zattera (46,8% - 15 de 32) e por último a praça José Bonifácio (41,7% - 15 de 36).

Tabela 54 – Relação entre o nível de satisfação e o tempo de permanência em cada praça (questionário aplicado nas praças e fora das praças)

Locais	Tempo de permanência na praça	Nível de satisfação com a estética das praças					Total
		Muito bonitas	Bonitas	Nem bonitas nem feias	Feias	Muito feias	
Dom Antônio Zattera	somente alguns minutos	5 (8,3%)	4 (6,7%)	2 (3,3%)	1 (1,7%)	1 (1,7%)	13 (21,7%)
	aproximadamente 1h	1 (1,7%)	7 (11,7%)	4 (6,7%)	2 (3,3%)	1 (1,7%)	15 (25%)
	por mais de 1h	2 (3,3%)	13 (21,7%)	13 (21,7%)	3 (5%)	1 (1,7%)	32 (53,3%)
	Total	32 (53,3%)		19 (31,7%)	9 (15%)		60 (100%)
Praça José Bonifácio	somente alguns minutos	3 (5%)	11 (18,3%)	7 (11,7%)	1 (1,7%)	0	22 (36,7%)
	aproximadamente 1h	1 (1,7%)	6 (10%)	2 (3,3%)	0	1 (1,7%)	10 (16,7%)
	por mais de 1h	3 (5%)	12 (20%)	7 (11,7%)	6 (10%)	0	28 (46,7%)
	Total	36 (60%)		16 (26,7%)	8 (13,3%)		60 (100%)
Praça Piratinino de Almeida	somente alguns minutos	4 (6,7%)	0	4 (6,7%)	0	1 (1,7%)	9 (15%)
	aproximadamente 1h	4 (6,7%)	5 (8,3%)	8 (13,3%)	0	0	17 (28,3%)
	por mais de 1h	5 (8,3%)	12 (20%)	12 (20%)	2 (3,3%)	3 (5%)	34 (56,7%)
	Total	30 (50%)		24 (40%)	6 (10%)		60 (100%)

Nota: o número fora dos parênteses indica a freqüência de respostas com que o nível de satisfação influencia na variável, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada praça.

Conclui-se sobre a relação entre a estética e o tempo de permanência nas praças que não existem indícios claros de que as praças mais satisfatórias esteticamente sejam onde as pessoas permanecem por mais tempo. Entretanto, isso não significa que a estética não tenha impacto na permanência das pessoas nas praças, uma vez que uma porcentagem expressiva de usuários satisfeitos permanece na praça por mais de uma hora. Logo, esses resultados parecem indicar que embora a estética influencie na permanência dos usuários nas praças, outros aspectos provavelmente são mais determinantes no tempo de permanência dos usuários nas praças que a estética.

4.4 CONCLUSÃO

Apresentados e analisados os dados provenientes do questionário aplicado na praça bem como fora da praça aos usuários da cidade de Pelotas, é possível compreender de maneira mais clara algumas das relações existentes entre as variáveis físico-espaciais e o nível de satisfação com as praças.

4.4.1 NÍVEIS DE SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS COM A ESTÉTICA DAS PRAÇAS

Quanto ao nível de satisfação dos usuários com as praças, verifica-se que existe um porcentual expressivo que não está satisfeito com a estética das praças. Esses dados, revelam que as praças não atendem ás necessidades estéticas dos usuários como deveriam. Uma vez que o ideal seria que a quase totalidade dos usuários estivessem satisfeitos com a estética das praças. Não é verificada diferença estatisticamente significativa entre as opiniões dos usuários das três praças quanto ao nível de satisfação com a estética. Entretanto, é possível identificar que a praça mais satisfatória esteticamente é a José Bonifácio, seguida pela Piratinino de Almeida e, por último, pelo parque Dom Antônio Zattera.

Analisando a opinião dos usuários das três praças, com diferentes faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos) quanto à estética das mesmas, os resultados indicam que não existe grande divergência na avaliação estética das praças, realizada por usuários com distintas faixas etárias. Adicionalmente, observa-se que embora a maioria dos usuários de todas as faixas etárias estejam satisfeitos com a estética, existe um porcentual expressivo de cada faixa etária que não tem esta opinião. Entretanto, é possível identificar que a praça melhor avaliada esteticamente, tanto pelos adolescentes como pelos adultos é a José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera. Para o grupo dos idosos a melhor avaliada é a Piratinino de Almeida, seguida da José Bonifácio e por último também o parque Dom Antônio Zattera.

4.4.2 IMPORTÂNCIA DOS DOIS NÍVEIS ESTÉTICOS PARA A SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA DAS PRAÇAS

Quanto à importância dos níveis estéticos para a satisfação com a estética das praças verificou-se que tanto o nível das fachadas que delimitam o espaço, quanto o do próprio espaço aberto são importantes para a avaliação estética geral, na opinião dos usuários. Entretanto, o nível do espaço aberto das praças parece afetar mais intensamente a avaliação da estética geral, do que o nível estético das fachadas que delimitam as praças. Logo, os resultados sugerem que o aumento do nível de satisfação dos usuários, principalmente com o espaço aberto das praças, tende a aumentar o nível de satisfação geral com a estética das mesmas.

4.4.3 NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA DAS FACHADAS DAS EDIFICAÇÕES QUE DELIMITAM AS PRAÇAS

Quanto ao nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas das edificações que delimitam as praças, conclui-se que embora a maioria dos usuários esteja satisfeita com esse aspecto, as necessidades estéticas dos usuários não são atendidas como deveriam. Isto porque uma parcela expressiva desses não se mostra satisfeita. Entretanto, é possível identificar claramente que a praça que possui as fachadas mais satisfatórias esteticamente, na opinião dos usuários é a José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera. Quando se analisa o nível de satisfação dos usuários com a estética das fachadas com relação às distintas faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos), conclui-se que mais uma vez elas não atendem as necessidades estéticas como deveriam, pois, uma parcela expressiva de cada faixa etária não se mostra satisfeita. Tira-se ainda por conseqüência, que independente da faixa etária dos usuários, as fachadas melhor avaliadas esteticamente são as da praça José Bonifácio, seguida da Piratinino de Almeida e por último pelo parque Dom Antônio Zattera.

4.4.3.1 PRINCIPAIS ASPECTOS ASSOCIADOS AO NÍVEL DE SATISFAÇÃO DAS FACHADAS DAS EDIFICAÇÕES QUE DELIMITAM AS PRAÇAS:

Para a realidade das praças investigadas a composição arquitetônica das fachadas das edificações que delimitam as praças, é o aspecto de maior influência na avaliação estética dessas. Outras variáveis como o valor histórico das edificações e a manutenção destas mostraram-se menos importantes.

Quanto à composição arquitetônica das fachadas, existe uma tendência de que fachadas com composições arquitetônicas que apresentem características na sua composição como: simetria, ritmo e hierarquia na entrada, utilização de contrastes, através de materiais, cores e texturas, proporcionam níveis mais elevados de satisfação estética. A praça mais satisfatória quanto à composição arquitetônica das fachadas que delimitam o ambiente é, segundo a maioria dos respondentes, primeiramente a José Bonifácio, seguida pela Piratinino de Almeida e por último o parque Dom Antônio Zattera.

Quanto ao valor histórico, verifica-se que as faces das quadras (fachadas das quadras) que delimitam as praças que possuem edificações identificadas pelos usuários como de valor histórico, proporcionam níveis mais elevados de satisfação estética do que aquelas que não possuem. Entretanto, parece que unicamente a quantidade de prédios históricos não é suficiente para garantir a satisfação estética. Outros aspectos como, por exemplo, a

visibilidade que o usuário tem das edificações a partir da praça, interferem mais na avaliação estética das fachadas do que a quantidade de prédios. É possível identificar que a praça mais satisfatória quanto ao valor histórico das fachadas que delimitam o ambiente é, segundo a maioria dos respondentes, primeiramente a José Bonifácio, seguida pela Piratinino de Almeida e por último o parque Dom Antônio Zattera.

A manutenção das fachadas é um aspecto bem menos relevante na avaliação estética das fachadas das edificações que delimitam as praças que os demais avaliados (composição arquitetônica e valor histórico). Entretanto, embora não seja um aspecto citado pela maioria dos usuários como uma explicação para a satisfação com a estética das fachadas, ele não deve ser desprezado, uma vez que é importante para alguns usuários.

4.4.3.2 PRINCIPAIS ASPECTOS ASSOCIADOS AO NÍVEL DE SATISFAÇÃO DOS ESPAÇOS ABERTOS DAS PRAÇAS:

Para a realidade das praças investigadas, a presença de vegetação nos espaços abertos das praças, é o aspecto que parece mais influenciar na avaliação estética. Outras variáveis como a presença de monumentos, a manutenção e limpeza mostraram-se menos importantes na opinião dos usuários das praças.

Quanto à presença de vegetação, conclui-se que existe uma tendência de que espaços abertos arborizados, com canteiros que apresentem diferentes espécies de vegetações, principalmente flores coloridas e alguns locais gramados, proporcionam níveis mais elevados de satisfação estética do que aqueles que não possuem essas características. É possível identificar que a praça onde a presença de vegetação mais tende a explicar a satisfação dos usuários com a estética do espaço aberto é primeiramente o parque Dom Antônio Zattera, seguido pela praça Piratinino de Almeida e por último a praça José Bonifácio.

A presença de monumentos mostrou-se um aspecto que na opinião dos usuários não influencia muito na avaliação estética das praças. Entretanto, dentre as praças investigadas ele tende a ser mais relevante na praça José Bonifácio, talvez devido à localização do monumento (do busto de José Bonifácio) e na Piratinino de Almeida (em função da Caixa D'Água – considerada pelos usuários como monumento), provavelmente por causa das grandes proporções do monumento e de seu valor histórico para a comunidade.

A manutenção é um aspecto que não parece explicar a satisfação dos usuários com a estética do espaço aberto das praças, na opinião da maioria dos usuários. Entretanto, a

praça José Bonifácio é onde a manutenção mais explica a satisfação com a estética do espaço aberto, seguida pelo parque Dom Antônio Zattera e por último a praça Piratinino de Almeida. Dentre os vários aspectos associados à manutenção dos espaços abertos das praças foram citados principalmente: a manutenção dos bancos, do piso, da vegetação e dos brinquedos no parque Dom Antônio Zattera; a manutenção geral, do piso, da vegetação e a falta de bancos na praça José Bonifácio e a manutenção do piso, da vegetação, manutenção geral, dos bancos e mau cheiro na praça Piratinino de Almeida.

4.4.4 A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA PARA O USO DAS PRAÇAS

A respeito da importância da estética para o uso das praças, conclui-se que embora a estética não seja determinante no uso das praças, ela parece ter impacto no uso. Sendo que a estética do espaço aberto parece ter uma influência maior, que a estética das fachadas que delimitam as praças para o uso desses espaços. Entretanto quando se analisa individualmente cada uma das praças que fazer parte do estudo essa influência da estética sobre o uso parece não ser tão grande, sendo mais evidente a princípio quanto a estética das fachadas da praça José Bonifácio.

4.4.5 A RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A ESTÉTICA E A INTENSIDADE DE USO DAS PRAÇAS

Quanto à relação entre o nível de satisfação com a estética e a intensidade de uso das praças conclui-se que para a realidade estudada, as praças mais satisfatórias esteticamente de maneira geral, não são as que possuem maior quantidade de pessoas. A mais utilizada é aquela que proporciona maior diversidade de atividades de lazer aos usuários, provavelmente isso acontece devido à falta de opções de escolha que obriga o usuário a freqüentar determinada praça, mesmo que não seja a mais satisfatória esteticamente.

4.4.6 A RELAÇÃO ENTRE A ESTÉTICA E A FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DAS PRAÇAS

Existe uma relação entre o nível de satisfação com a estética e a freqüência de uso das praças, sendo que grande quantidade de pessoas satisfeitas utiliza as praças por mais de quatro vezes por mês. Esses resultados indicam que praças satisfatórias esteticamente, tendem a fazer o indivíduo retornar ao local, diferentemente daquelas avaliadas como insatisfatórias esteticamente que tendem a ser evitadas pelos usuários. Logo, parece que as

características estéticas devem ser consideradas a fim de proporcionar ambientes que sejam utilizados por maior quantidade de pessoas, maior quantidade de vezes.

4.4.7 A RELAÇÃO ENTRE A ESTÉTICA E O TEMPO DE PERMANÊNCIA NAS PRAÇAS

Quanto a relação entre a estética e o tempo de permanência nas praças, não existem indícios claros de que as praças mais satisfatórias esteticamente sejam onde as pessoas permanecem por mais tempo. Entretanto, isso não significa que a estética não tenha impacto na permanência das pessoas nas praças, uma vez que uma porcentagem expressiva de usuários satisfeitos permanece na praça por mais de uma hora. Esses resultados parecem indicar que embora a estética influencie na permanência dos usuários nas praças, outros aspectos provavelmente são mais determinantes no tempo de permanência dos usuários nas praças que a estética.

Tendo sido apresentados, nesse capítulo, os principais resultados encontrados, no próximo capítulo são apresentadas as conclusões finais do trabalho, as principais dificuldades encontradas e as sugestões para futuros estudos.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentadas as conclusões e as considerações finais. Inicialmente são recuperados alguns pontos principais dessa investigação, referentes à definição do problema de pesquisa, aos objetivos e aos métodos utilizados. A seguir são apresentados os principais resultados encontrados e as limitações enfrentadas durante o trabalho. Posteriormente destaca-se a importância desse estudo e são feitas sugestões para futuras investigações.

5.2 O PROBLEMA DE PESQUISA, OS OBJETIVOS E MÉTODOS

O problema deste estudo concentra-se na precariedade de abordagens científicas acerca dos efeitos das variáveis associadas a determinados aspectos físico-espaciais com os níveis de satisfação estética em praças, bem como a influência desses níveis de satisfação estética no uso desses espaços.

Embora a influência de variáveis, sociais, culturais e físico-espaciais na satisfação com a estética do ambiente já ter sido explorada por diversos estudos (JOARDAR & NEIL, 1978; NASAR, 1988; STAMPS, 2000; MEIRA, REIS, LAY, 2002; PORTELLA, 2003), a influência dessas variáveis na percepção estética e no comportamento dos usuários parece ser ainda um campo no qual existem lacunas. Nesse sentido, dentre os estudos realizados, nenhum apresenta resultados conclusivos ou suficientemente esclarecidos sobre quais variáveis são atualmente mais significativas para a maior satisfação estética com as praças, nem tampouco existem estudos que abordem diretamente a influência da estética no uso desses espaços (WHYTE, 1980; MARCUS & FRANCIS, 1990; STAMPS, 2000). Também é relevante destacar que a maioria dos estudos são realizados no exterior e não se aplicam à realidade brasileira.

Em virtude da problemática exposta, esta análise, fundamentada nos estudos da área relativa ao Ambiente e Comportamento, apresenta como objetivos gerais: (1) Aprofundar o conhecimento acerca da percepção e do comportamento dos usuários de praças, utilizando o conhecimento da área ambiente-comportamento, testando como as diferentes variáveis físico-espaciais influenciam os níveis de satisfação com a estética das praças e qual a

relação desses níveis de satisfação estética com o uso das praças e (2) Fornecer subsídios teóricos para a realização de novos estudos e para a produção de praças mais satisfatórias para os usuários, contribuindo para um ambiente urbano com mais qualidade de vida.

A partir desses, são considerados como objetivos específicos: (1) Verificar a relação entre as variáveis associadas aos diferentes aspectos físico-espaciais das praças (fachadas e espaço aberto) e os níveis de satisfação estética dos usuários; (2) Investigar a relação entre os níveis de satisfação com o conjunto de variáveis associadas às características dos diferentes elementos físico-espaciais presentes nas praças (fachadas e espaço aberto) e a satisfação estética geral com as praças; (3) Estudar a existência de similaridades e/ ou distinções entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (adolescentes, adultos e idosos), em relação à avaliação dos níveis de satisfação e uso do espaço urbano e (4) Verificar a relação entre o nível de satisfação estética e a freqüência de uso e tempo de permanência nas praças.

Assim, buscando atender aos objetivos propostos, o estudo de caso é delimitado a cidade de Pelotas/ RS, mais especificamente a área central desta cidade por possuir questões comuns à maioria das praças existentes nas cidades brasileiras. Para tanto, três praças constituem os objetos de estudo em função das características associadas ás variáveis físico-espaciais das mesmas: parque Dom Antônio Zattera, praça José Bonifácio e praça Piratinino de Almeida.

Tendo em vista a revisão da literatura e os objetivos desta pesquisa, foram selecionados para responderem aos questionários usuários das três praças, sendo que cada um responde sobre a praça que freqüenta. Entretanto, em função do aprofundamento das questões e do tempo de aplicação do mesmo, optou-se pela utilização de dois questionários. Um aplicado no ambiente, com questões rápidas pertinentes à estética e aos motivos de utilização da praça. Outro com questões semelhantes, porém mais aprofundadas também sobre a estética e os motivos de utilização da praça. Ainda levou-se em consideração a faixa etária dos respondentes que são agrupadas em adolescentes adultos e idosos.

Os métodos de coleta de dados aplicados neste estudo fazem parte dos utilizados na área de pesquisa ambiente-comportamento, e foram considerados em duas etapas: (1) o levantamento de arquivo, e (2) o levantamento de campo. O levantamento de arquivo foi o ponto de partida para a avaliação, pois inclui a busca por materiais e informações necessários às atividades desenvolvidas na próxima etapa. No levantamento de campo, os métodos adotados foram: (1) observação e registro das características físicas, (2) realização dos mapas comportamentais e (3) aplicação dos questionários.

5.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

A análise dos resultados permite elaborar conclusões a respeito da influência das variáveis associadas aos elementos físico-espaciais na satisfação dos usuários com a estética das praças e adicionalmente concluir quanto à relação entre a estética e uso das praças.

No que diz respeito às diferenças nas percepções entre as diferentes faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos) quanto ao nível de satisfação com a estética das praças, demonstrou-se que essa característica não parece influenciar na avaliação estética geral das praças e nem mesmo na avaliação quanto à estética das fachadas que delimitam as praças e na estética dos espaços aberto.

Quanto as variáveis que dizem respeito à estética das fachadas das edificações que delimitam as praças, os resultados mostram que quanto à composição arquitetônica das fachadas, existe uma tendência de que fachadas com composições arquitetônicas que apresentem características na sua composição como: simetria, ritmo e hierarquia na entrada, utilização de contrastes, através de materiais, cores e texturas proporcionam níveis mais elevados de satisfação estética. Esses dados são coerentes com a literatura existente (LANG, 1987; NASAR, 1988; WEBER, 1995, STAMPS, 2000; REIS, 2002) e reafirmam a idéia de que a qualidade estética de um ambiente está ligada ao grau de ordenamento dos seus elementos constituintes e tendem a resultar em maiores níveis de satisfação dos usuários com a estética.

No que diz respeito ao valor histórico as faces das quadras (fachadas das quadras) que delimitam as praças as quais possuam edificações identificadas pelos usuários como de valor histórico, proporcionam níveis elevados de satisfação estética do que aquelas que não possuem. Esses resultados evidenciam a importância da estética simbólica na avaliação estética, conforme dia a literatura pertinente (LANG, 1987; NASAR, 1988; WEBER, 1995, NASAR, 1998). Entretanto é identificado que unicamente a quantidade de prédios históricos não parece ser suficiente para proporcionar níveis mais elevados de satisfação estética, outros aspectos como, por exemplo, a visibilidade que os usuários têm das edificações a partir da praça, interferem mais na avaliação estética das fachadas que a quantidade de prédios.

Quanto à manutenção das fachadas que delimitam as praças, os resultados são coerentes com a literatura existente (MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS E LAY, 2003; REIS, LAY, PORTELLA E BENNETT, 2004), mostrando que a manutenção das fachadas é um aspecto que influencia na satisfação estética. Entretanto, além de reafirmar os resultados já encontrados, acrescenta que embora seja um aspecto que influencia na avaliação estética das fachadas que delimitam praças, ele não parece ser dos mais relevantes para a

satisfação, existem outros que parecem ser mais importantes para este tipo de espaço urbano (p.ex.: a composição arquitetônica e o valor histórico das fachadas).

Quanto as variáveis que dizem respeito ao espaço aberto das praças, os resultados evidenciam que quanto a presença de vegetação, existe uma tendência de que espaços abertos arborizados, com canteiros, que apresentem diferentes espécies de vegetações, principalmente flores coloridas e alguns locais gramados proporcionam níveis mais elevados de satisfação estética do que aqueles que não possuem essas características. Esses dados são coerentes com a literatura existente (WHYTE, 1980; WHYTE, 1988; ULRICH E SIMONS, apud GOLLEDGE E STIMSON, 1997; NASAR, 1998; MARCUS E FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS E LAY, 2002; REIS, LAY E AMBROSINI, 2003) confirmando que a presença de vegetação é imprescindível para proporcionar ambientes urbanos satisfatórios, principalmente no que se refere á praças.

Entretanto, diferentemente do que indica a literatura (KAPLAN E KAPLAN, 1998; MARCUS E FRANCIS, 1990) a presença de monumentos não se configurou como uma variável importante para a determinação da satisfação dos usuários com a estética dos espaços abertos. Esses resultados mostram que outros aspectos parecem ser mais relevantes que a presença de monumentos para a satisfação com a estética dos espaços abertos.

A manutenção dos elementos existentes nos espaços abertos das praças mostrou-se como um aspecto importante, porém parece ser um dos mais importantes para a satisfação dos usuários com a estética do espaço aberto das praças, na opinião da maioria dos usuários. Esses resultados divergem da literatura sobre o assunto que menciona a manutenção como determinante na qualidade estética (MARCUS E FRANCIS, 1990; MEIRA, REIS E LAY, 2002). Dentre os vários aspectos associados a manutenção dos espaços abertos das praças foram citados principalmente: a manutenção dos bancos do piso, da vegetação e dos brinquedos (*playground*); a manutenção geral, do piso, da vegetação e a falta de bancos, a manutenção do piso, da vegetação, manutenção geral, dos bancos e o mau cheiro.

Quanto à relação entre o nível de satisfação com a estética e a intensidade de uso das praças, conclui-se que as praças mais satisfatórias esteticamente de maneira geral, não são as que possuem maior quantidade de pessoas. Diferentemente do que afirma a literatura (WHYTE, 1980, MARCUS & FRANCIS, 1998; CAMPOS, 1999) que indicando que aquelas praças avaliadas como esteticamente mais satisfatórias são também mais utilizadas pela população. Para a realidade estudada, a praça mais utilizada é aquela que proporciona maior diversidade de atividades de lazer aos usuários, provavelmente isso acontece devido

à falta de opções de escolha que obriga o usuário a freqüentar determinada praça, mesmo que não seja a mais satisfatória esteticamente.

Existe uma clara relação entre o nível de satisfação com a estética e a freqüência de uso das praças, sendo que grande quantidade de pessoas satisfeitas utiliza as praças por mais de quatro vezes por mês. Esses resultados indicam que praças satisfatórias esteticamente, tendem a fazer o indivíduo retornar ao local, confirmando resultados encontrados em outros estudos já realizados (GEHL, 1987; FRANCIS, 1987). Entretanto quanto ao tempo de permanência nas praças não é encontrado indícios claros de que as praças mais satisfatórias esteticamente sejam onde as pessoas permanecem por mais tempo, divergindo do que comenta a literatura (GEHL, 1987; FRANCIS, 1987). Dessa forma, os dados coletados indicam que as praças mais satisfatórias esteticamente levam o indivíduo a retornar ao local, entretanto a estética da praça não é um dos principais motivos que fazem o indivíduo permanecer no local por mais tempo.

5.4 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Quanto à investigação da influência das variáveis estéticas associadas aos elementos físico-espaciais, foi abordado nesse estudo um número determinado de variáveis consideradas pertinentes com base na revisão da literatura. Devido às escolhas metodológicas e a disposição de tempo e recursos, o número de variáveis utilizadas é reduzido e não pretende explicar muitas das relações entre o ambiente construído e os níveis de satisfação dos usuários com a estética das praças. Logo, um entendimento mais amplo do tema está condicionado a investigação de outras variáveis.

Adicionalmente a avaliação estética quanto às diferenças e semelhanças entre as faixas etárias (adolescentes, adultos e idosos) restringiu-se a uma avaliação geral quanto a estética das fachadas que delimitam as praças e a estética do espaço urbano. Não foram testadas essas diferenças e semelhanças em cada uma das variáveis estéticas. Logo, para um entendimento mais amplo do tema devem ser investigadas essas relações.

A utilização de montagens fotográficas realizada com fotografias coloridas reforça a idéia de que a simulação de ambientes reais se mostra uma técnica adequada ás investigações quanto à estética do espaço urbano, conforme já comprovado por outros estudos (NASAR, 1988, STAMPS, 2000, PORTELLA, 2003).

As limitações apresentadas no trabalho são inerentes de um estudo baseado numa experiência controlada, que visa reproduzir da melhor forma possível uma parcela da realidade. Possíveis distorções entre os resultados da experiência e da realidade são

esperadas, devido, principalmente à aplicação de dois questionários, um na praça e outro fora da praça.

5.5 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Espera-se que os resultados dessa investigação sejam úteis para as discussões sobre a qualificação dos espaços das praças e sobre o entendimento das atitudes e comportamentos dos seus usuários. A definição das variáveis associadas aos aspectos físico-espaciais que estão mais relacionadas com maiores níveis de satisfação estética podem servir como subsídio teórico para a reformulação praças existentes e para a formulação de novas. De forma geral, as informações provenientes desse trabalho devem servir para possibilitar o aumento da qualidade da experiência estética e do uso desses espaços urbanos pela população em geral.

Esse trabalho trata da influência de algumas variáveis associadas à estética dos elementos físico-espaciais que constituem as praças, consideradas pertinentes pela literatura existente, sobre o nível de satisfação dos usuários com a estética. Além disso, trata da influência da estética sobre o uso das praças, o que parece relevante para determinar de forma mais real a relação entre espaço urbano e as necessidades dos usuários. A identificação da influência dessas variáveis para a avaliação estética deve servir como estímulo para novos estudos sobre a relação entre as características do ambiente das praças, atitudes e comportamentos do consumidor. Espera-se também que o estudo chame a atenção do poder público para as necessidades estéticas dos usuários no espaço público das praças, para que estas possam futuramente ser atendidas.

Dentre os possíveis desdobramentos desse estudo, está a investigação em maior profundidade da relação entre as variáveis físico-espaciais relacionadas à estética, incluindo aquelas variáveis relacionadas às vistas para fora das praças (as quais não foram abordadas neste trabalho) e a criação de uma atmosfera que ofereça uma maior quantidade e qualidade de experiências estéticas no ambiente das praças. Outra possível continuação dessa investigação é aprofundar o conhecimento da relação entre os níveis de satisfação com a estética e o uso das praças.

REFERÊNCIAS

ANGELIS, B. L. D. **A praça no contexto das cidades:** o caso de Maringá-PR. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

AZEVEDO, Laura Novo. **Patrimônio arquitetônico X qualidade visual do cenário urbano: um caso para a avaliação ambiental em Pelotas/RS.** Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

BASSO, Jussara Maria. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

CAMPOS, M. B. **All that meets the eye.** In: Space Syntax Second International Symposium, Brasília, 1999.

CARR, S., FRANCIS, M., RIVLIN, G., STONE, M. **Public Space**, New York: Cambridge University Press, 1992.

DUVAL, Maria da Graça Amaro da Silveira. **Legibilidade de layout e apropriação de espaços abertos coletivos: estudo de caso do conjunto habitacional terras altas.** Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, William Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais: a rua como referência – o caso de Uberlândia, MG.** São Paulo: USP, 2002. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

FRANCIS, M. **Urban open spaces**, in ZUBE and MOORE. Advances in Environment, Behaviour and Design, vol.1, pp. 71-102, 1991.

GOLLEDGE, R. G.; STIMSON, R. J. **Spacial behaviour: a geographic perspective**. New York, TheGuilford Press, 1997.

KAPLAN, S., KAPLAN, R. Cognition and Environment – Functioning in an uncertain world. Michigan: Ulrich, 1981.

LANG, J. **Creating architectural theory: the role of the behavioural sciences in environmental design**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade***.* São Paulo / Lisboa: Ed. Martins Fontes, 1997.

LYNCH, Kevin. **City sense and city design: writings and projects of Kevin Lynch/** edited by Tridib Banerjee and Michael Southworth. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, England. 1990.

MARCUS, C., FRANCIS, C. **People places: design guidelines for urban open spaces.** New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.

MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MEIRA, A.; REIS, A.; LAY, M. C. **Espaço da Praça: Uso, segurança e percepção visual.** In: IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Foz do Iguaçu, Paraná, 2002.

MOORE, G. E MARANS, R. Advance in Environment Behavior and Dsign. Vol IV, Toward the integration of theory, methods, research and utilization. New York: Plenum Press. Capítulo 5 (Jack Nasar), 1997.

MUNFORD, L. **A cidade na história – suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NASAR, J. L. **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988.

ÖZGÜNER, H.; KENDLE A. D. **Public attitudes towards naturalistic versus designed landscapes in the city of Sheffield**. Landscape and Urban Planning. Vol 74, 2004. p.139-157.

PORTELLA, Adriana. **A qualidade visual dos centros de comércio e a legibilidade dos anúncios comerciais**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em

Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PROSHANSKY, H.; ITTELSON, W.; RIVLIN, L. **Psicologia Ambiental: el hombre y su entorno físico.** México. Editorial Trillas. 1978.

REIS, A.; LAY, M. C. **Satisfação e comportamento do usuário como critérios de avaliação pós-ocupação da unidade e do conjunto habitacional.** In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, São Paulo, 1993. p.903-912.

REIS, A.; LAY, M. C. **As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído.** In: III Encontro Nacional e I Encontro Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído, Gramado, 1995.

REIS, A.; ZERBINI, A. **Composição visual e compatibilidade formal em praças centrais de Porto Alegre.** In: IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Foz do Iguaçu, Paraná, 2002. p. 1059-1068.

REIS, A. **Repertório,análise e síntese: uma introdução ao projeto arquitetônico.** Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2002.

REIS, A.; LAY, M. C. **Habitação de interesse social: uma análise estética**. Revista Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 7-19, 2003.

REIS, A.; AMBROSINI, V.; LAY, M. C. **Campos visuais: uma análise estética através do sig e da percepção dos residentes de conjuntos habitacionais.** In: X ENA - Encontro Nacional da ANPUR, 2003, Belo Horizonte. X ENA - Encruzilhadas do Planejamento: repensando teorias e práticas, 2003. v. 1.

REIS, A.; LAY, M. C.; PORTELLA, A.; BENNETT, J. **Avaliação estética por moradores de conjuntos habitacionais: ênfase na composição arquitetônica.** In: X Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, São Paulo, 2004.

REIS, A.; LAY, M. C.; DREUX, V.; AMBROSINI, V.; BECKER, D. **Avaliação da estação do trensurb no centro de Porto Alegre.** In: X Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, São Paulo, 2004.

REIS, A.; LAY, M. C. **Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento**. Revista Ambiente Construído. Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 21-36, 2005.

REIS, A.; LAY, M. C. **Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva** . AMBIENTE CONSTRUÍDO, Porto Alegre, V6 N3, p. 21-34, 2006.

ROBBA, F; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo:Edusp: Imprensa oficial do Estado. 2002.

SALDANHA, N. **O Jardim e a Praça: privado e público na vida social e histórica**. São Paulo: EDUSP, 1993.

SANOFF, H. **Visual research methods in design**. New York. Van Nostrand Reinhold, 1991.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins do Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SITTE, C. **A construção da cidade segundo seus princípios artísticos.** São Paulo: Editora Ática, 1992.

STAMPS A., **A. Psychology and the Aesthetics of the Built Environment**. Kluwer Academic Publishers. USA. 2000.

SUMMIT, J.; SOMMER, R. **Further studies of preferred tree shapes**. Environment and Behavior, v.31, n.4, 1999. p.550-576.

THIEL, P., **People, paths and purposes: notions for a participatory envirotecture.** Washigton: University of Washigton Press, 1997.

WEBER, R. **On the Aesthetics of architecture, a psychological aprproach to the structure and the order of perceived architectural spaces**. Aldershot, England: Avebury, 1995.

WHYTE, W. **The social life of small urban spaces**. Washington: The conservation Fondation, 1980.

WHYTE, W. City: **Rediscovering the center**. New York. Anchor Books. 1988.

WONG, K.; DOMROES, M. **The visual quality of urban parks scenes of Kowloon Park, Hong Kong: likeability, affective, appraisal and cross-cultural perspectives.** Environment and Planning B, v.32, 2005. p.617-632.

XAVIER, Janaína Silva. **Chafarizes caixa d'água de Pelotas: elementos de modernidade do 1° abastecimento de água (1871).** Pelotas: UFPel, 2006. Monografia (Especialização em artes – patrimônio cultural e preservação de artefatos). Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

ANEXO A

Questionário Aplicado nas Praças

Questionário N°_____
Data: ___/___/___ - Dia da semana: ( )seg ( )ter ( )qua ( )qui ( )sex ( )sab ( )dom Turno: ( ) manhã ( ) tarde Local de aplicação: ( )Parque Dom Antônio Zattera ( )Praça José Bonifácio ( )Praça Piratinino de Almeida Faixa etária do usuário: ( ) adolescente 13 – 17 ( ) adulto 18 – 59 (idoso acima de 60 Sexo: ( )Masculino ( )Feminino

1. Com que freqüência você utiliza esta praça?
( ) menos de 1 vez por mês
( ) de 1 a 4 vezes por mês
( ) mais de 4 vezes por mês

2. Quando você utiliza a praça, quanto tempo costuma permanecer nela?
( ) utilizo somente por alguns minutos
( ) utilizo por aproximadamente 1h
( ) utilizo por mais de 1h

3. Em geral, esta praça é:
( ) muito bonita
( ) bonita
( ) nem bonita, nem feia
( ) feia
( ) muito feia

4. As edificações (prédios) do entorno da praça são:
( ) muito bonitas
( ) bonitas
( ) nem bonitas, nem feias
( ) feias
( ) muito feias

5. Indique as principais características dos prédios que justificam sua resposta anterior. Marque com (+) o que colabora para justificar sua resposta anterior, e deixe em branco o que não colabora ou não interfere na sua resposta anterior.
( ) o estilo arquitetônico dos prédios
( ) o nível de manutenção dos prédios
( ) valor histórico e/ou cultural de alguns prédios existentes na praça
( ) outro:_____

6. O espaço aberto, ocupado pela praça é:
( ) muito bonito
( ) bonito
( ) nem bonito, nem feio
( ) feio
( ) muito feio

7. Indique as principais características do espaço aberto que justificam sua resposta anterior. Marque com (+) o que colabora para justificar sua resposta anterior, e deixe em branco o que não colabora ou não interfere na sua resposta anterior.
( ) a presença de vegetação
( ) a presença de monumentos
( ) o movimento de pessoas
( ) a manutenção do ambiente
( ) a limpeza do ambiente
( ) o tipo de revestimento do piso (grama, ladrilho, cimento, areia...)
( ) a amplitude, extensão do ambiente (lugar espaçoso)
( ) outro:_____

8. As vistas que você tem, a partir da praça são:
( ) muito bonitas
( ) bonitas
( ) nem bonitas, nem feias
( ) feias
( ) muito feias

9. Indique as principais características das vistas que justificam sua resposta anterior. Marque com (+) o que colabora para justificar sua resposta anterior, e deixe em branco o que não colabora ou não interfere na sua resposta anterior.
( ) vistas sem bloqueio visual, que permitam uma visão ampla do ambiente
( ) nível de manutenção dos elementos existentes nas vistas
( ) limpeza do que é visualizado na vista
( ) a presença de vegetação
( ) a presença de elementos e/ou prédios com características físicas agradáveis
( ) o movimento de pessoas
( ) a presença de monumentos
( ) a presença de prédios ou outros elementos que possuam valor histórico e/ou cultural
( ) outro:_____

10. Indique os principais aspectos que justificam a sua estada na praça
( ) a aparência agradável, beleza das edificações do entorno
( ) a aparência agradável, beleza do espaço aberto
( ) a aparência agradável, beleza das vistas a partir da praça
( ) o sentimento de segurança
( ) a possibilidade de lazer realizando algum tipo de atividade parado (lazer passivo)
( ) possibilidade de lazer realizando algum tipo de atividade física, exercício (lazer ativo)
( ) o conforto dos bancos existentes na praça
( ) o conforto em função da temperatura agradável da praça
( ) o conforto em função da tranqüilidade e do pouco barulho existente na praça
( ) o movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas
( ) o tipo de uso das edificações adjacentes a praça (p.ex.: hospital, colégio e outras...)
( ) a proximidade da residência
( ) a proximidade do trabalho
( ) é central a diversas atividades

ANEXO B

Questionário Aplicado Fora das Praças

Questionário N°_____
Data: ___/___/___ - Dia da semana: ( )seg ( )ter ( )qua ( )qui ( )sex ( )sab ( )dom Turno: ( ) manhã ( ) tarde Local de aplicação: ( )Parque Dom Antônio Zattera ( )Praça José Bonifácio ( )Praça Piratinino de Almeida Faixa etária do usuário: ( ) adolescente 13 – 17 ( ) adulto 18 – 59 (idoso acima de 60 Sexo: ( )Masculino ( )Feminino

1. Com que freqüência você utiliza o Parque Dom Antônio Zattera

( ) menos de 1 vez por mês
( ) de 1 a 4 vezes por mês
( ) mais de 4 vezes por mês

2. Quando você utiliza o parque, quanto tempo costuma permanecer nele?

( ) utilizo somente por alguns minutos
( ) utilizo por aproximadamente 1h
( ) utilizo por mais de 1h

3. Indique os principais aspectos que justificam o uso do parque

( ) a aparência agradável, beleza das edificações do entorno
( ) a aparência agradável, beleza do espaço aberto
( ) a aparência agradável, beleza das vistas a partir do parque
( ) o sentimento de segurança
( ) a possibilidade de lazer realizando algum tipo de atividade parado (lazer passivo)
( ) possibilidade de lazer realizando algum tipo de atividade física, exercício (lazer ativo)
( ) o conforto dos bancos existentes no parque
( ) o conforto em função da temperatura agradável do parque
( ) o conforto em função da tranqüilidade e do pouco barulho existente no parque
( ) o movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas
( ) o tipo de uso das edificações adjacentes ao parque (p.ex.: hospital, colégio e outras...)
( ) a proximidade da residência
( ) a proximidade do trabalho
( ) é central a diversas atividades

4. Quando você utiliza o parque, quais as principais atividades que costuma realizar?

5. Você considera, no geral, o Parque Dom Antônio Zattera

( ) muito bonito
( ) bonito
( ) nem bonito nem feio
( ) feio
( ) muito feio

CONSIDERANDO AS FACHADAS APRESENTADAS NA FOLHA 1, ANEXA AO QUESTIONÁRIO, RESPONDA AS PERGUNTAS DE 6 A 8

6. Em geral, as fachadas que delimitam o parque são:

( ) muito bonitas
( ) bonitas
( ) nem bonitas nem feias
( ) feias
( ) muito feias

7. Indique os aspectos positivos que justificam sua resposta à pergunta 6.

8. Indique os aspectos negativos que justificam sua resposta à pergunta 6.

CONSIDERANDO AS VISTAS 1 e 2 E A PLANTA DO ESPAÇO ABERTO DO PARQUE, APRESENTADA NA FOLHA 2, ANEXA AO QUESTIONÁRIO, RESPONDA AS PERGUNTAS DE 9 A 15

9. Em geral, o espaço aberto do parque é:

( ) muito bonito
( ) bonito
( ) nem bonito nem feio
( ) feio
( ) muito feio

10. Indique os aspectos positivos que justificam sua resposta à pergunta 9.

11. Indique os aspectos negativos que justificam sua resposta à pergunta 10.

12. A vista 1 do espaço aberto do parque é:

( ) muito bonita
( ) bonita
( ) nem bonita nem feia
( ) feia
( ) muito feia

13. Indique os aspectos positivos que justificam sua resposta à pergunta 10.

14. Indique os aspectos negativos que justificam sua resposta à pergunta 10.

15. A vista 2 do espaço aberto do parque é:

( ) muito bonita
( ) bonita
( ) nem bonita nem feia
( ) feia
( ) muito feia

16. Indique os aspectos positivos que justificam sua resposta à pergunta 13.

17. Indique os aspectos negativos que justificam sua resposta à pergunta 13.

CONSIDERANDO A VISTA 3 A PARTIR DO PARQUE, APRESENTADA NA FOLHA 2, ANEXA AO QUESTIONÁRIO, RESPONDA AS PERGUNTAS DE 16 A 18

18. Você considera a vista 3, a partir do parque:

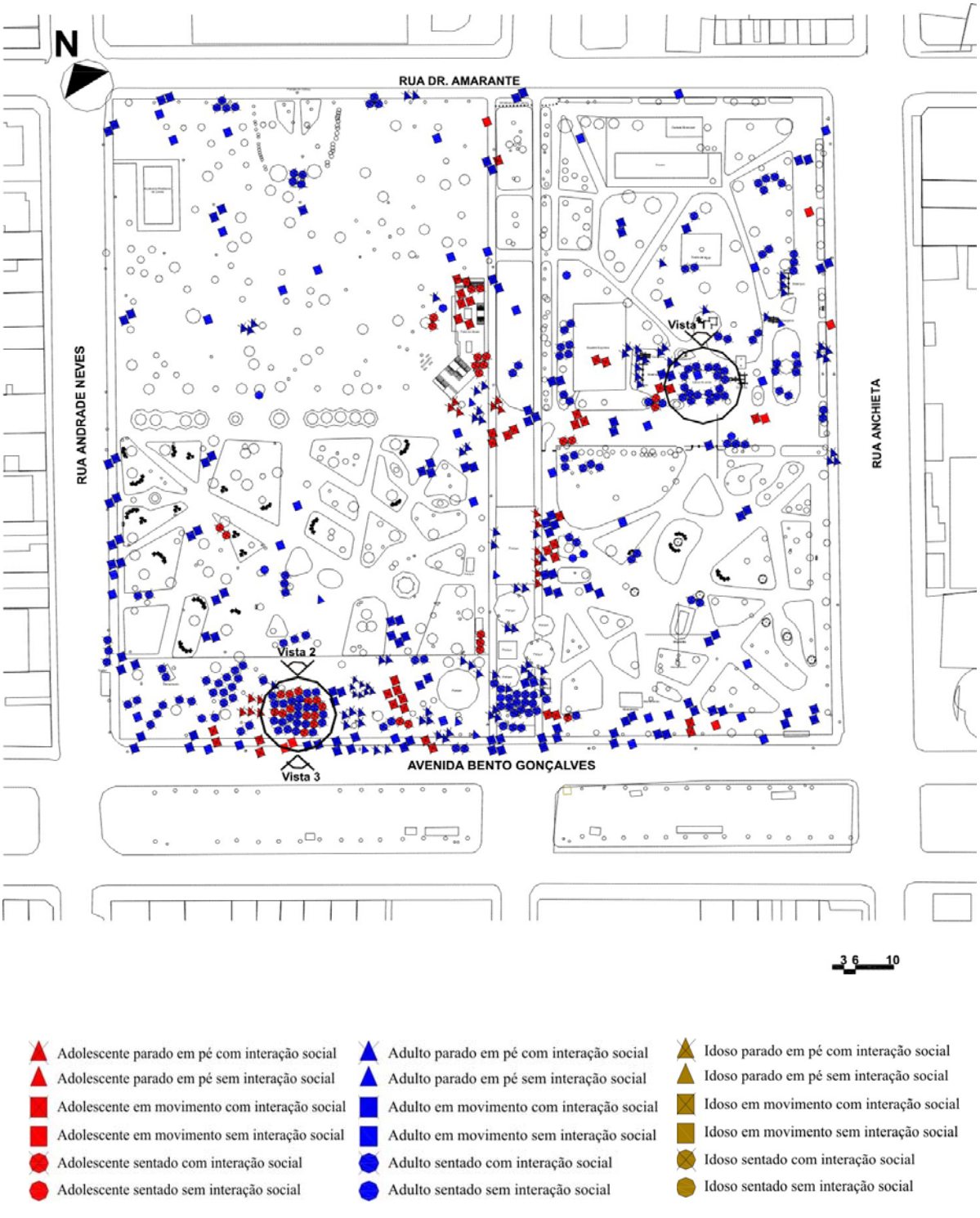
( ) muito bonita
( ) bonita
( ) nem bonita nem feia
( ) feia
( ) muito feia

19. Indique os aspectos positivos que justificam sua resposta à pergunta 16.

20. Indique os aspectos negativos que justificam sua resposta à pergunta 16.

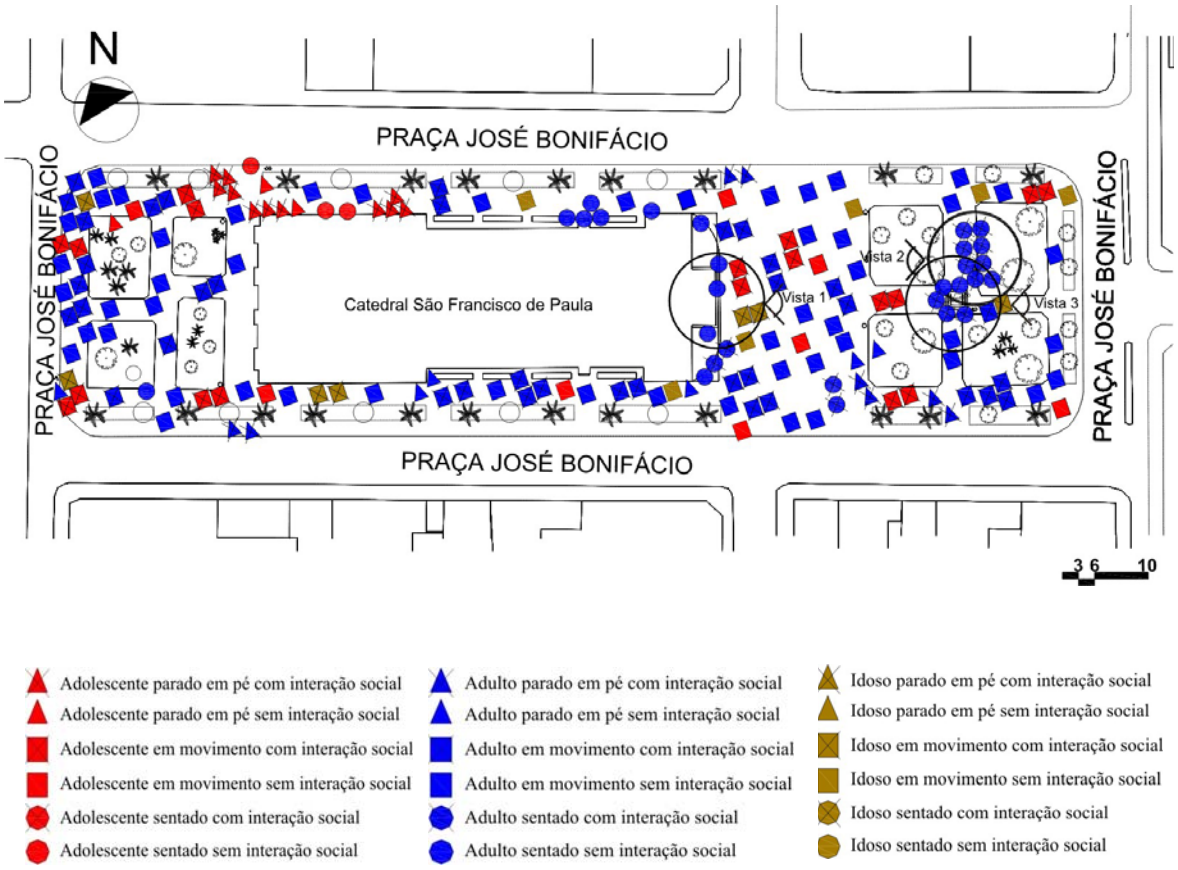
ANEXO C

Informações Relacionadas aos Mapas Comportamentais



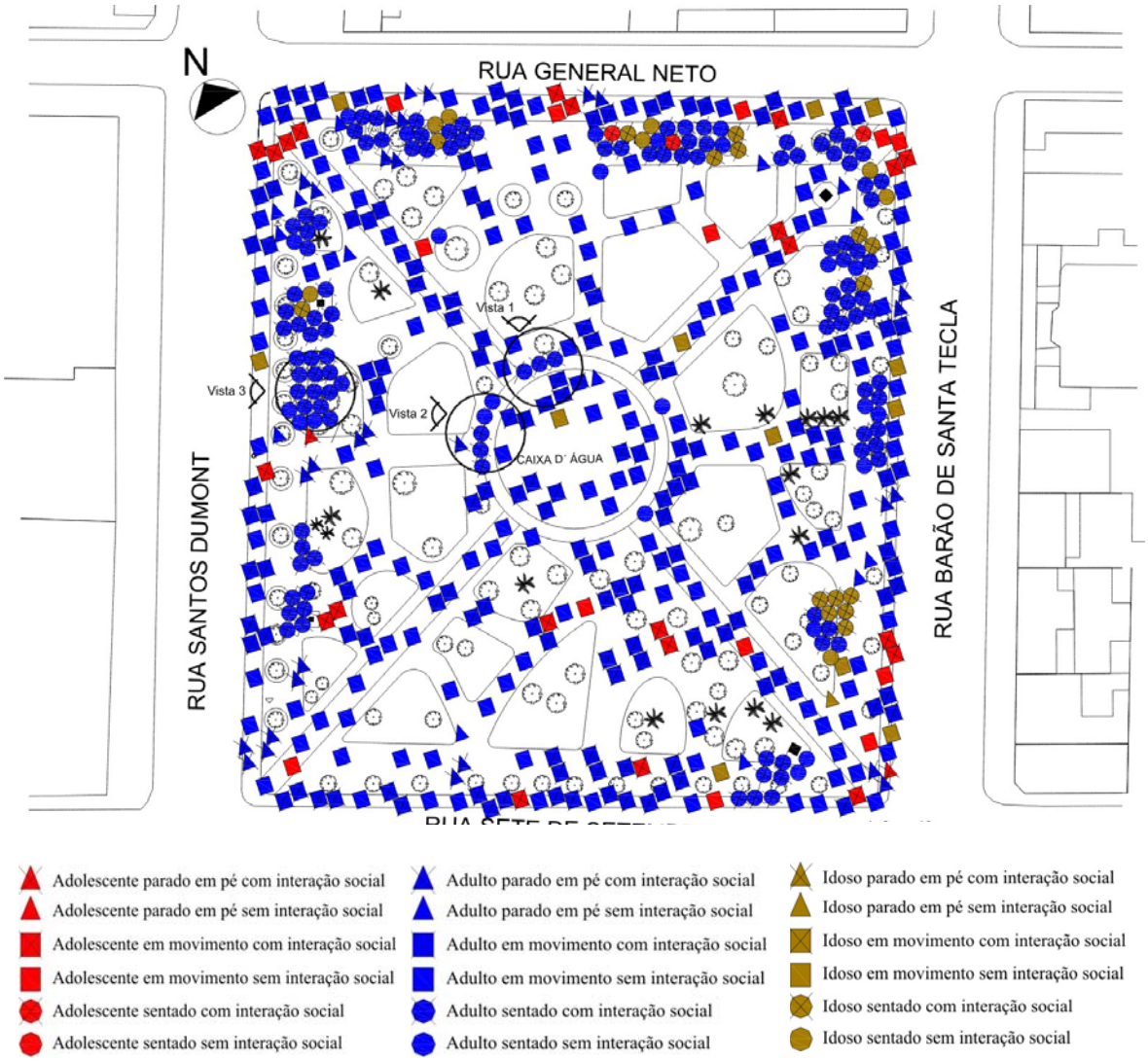
Nota: Mapa com somatório das pessoas registradas em 14 observações (realizadas em uma semana); os círculos no mapa evidencia os locais de maior concentração de pessoas sentadas – critério para definição da vista avaliada pelos respondentes do questionário.

Figura 1 – Mapa Comportamental do parque Dom Antônio Zattera



Nota: Mapa com somatório das pessoas registradas em 14 observações (realizadas em uma semana); os círculos no mapa evidencia os locais de maior concentração de pessoas sentadas – critério para definição da vista avaliada pelos respondentes do questionário.

Figura 2 – Mapa Comportamental da praça José Bonifácio



Nota: Mapa com somatório das pessoas registradas em 14 observações (realizadas em uma semana); os círculos no mapa evidencia os locais de maior concentração de pessoas sentadas – critério para definição da vista avaliada pelos respondentes do questionário.

Figura 3 – Mapa Comportamental da praça Piratinino de Almeida

Tabela 1: Quantidade de usuários das praças

Categorias de usuários e usos das praças (mapeados no mapa comportamental)	Nível de satisfação com a estética			
	Dom Antônio Zattera	José Bonifácio	Piratinino de Almeida	Total por grupo
Adolescentes parados em pé com interação social	20	13	2	35
Adolescentes parados em pé sem interação social	0	3	0	3
Adolescentes em movimento com interação social	43	33	25	101
Adolescentes em movimento sem interação social	4	13	12	29
Adolescentes sentados com interação social	43	0	3	46
Adolescentes sentados sem interação social	0	3	0	3
Adultos parados em pé com interação social	86	8	60	154
Adultos parados em pé sem interação social	7	6	25	38
Adultos em movimento com interação social	122	85	241	448
Adultos em movimento sem interação social	36	173	341	550
Adultos sentados com interação social	181	23	208	412
Adultos sentados sem interação social	10	20	38	68
Idosos parados em pé com interação social	0	0	0	0
Idosos parados em pé sem interação social	0	0	1	1
Idosos em movimento com interação social	0	7	0	7
Idosos em movimento sem interação social	0	7	12	19
Idosos sentados com interação social	0	0	15	15
Idosos sentados sem interação social	0	0	13	13
Total de pessoas na praça	552	394	996	

Nota: Categorias de usuários e tipos de usos definidos em função de observações preliminares aos mapas comportamentais. Quantidade de pessoas exercendo cada atividade obtida nos mapas comportamentais.

ANEXO D

Informações Relacionadas ao Uso das Praças

Tabela 1 - Principais razões relacionadas o uso e à freqüência de utilização das praças (realizado no ambiente)

Principais razões relacionadas ao uso das praças		Freqüências de Respostas
Aparência agradável das edificações do entorno	Justifica	23 (12,8%)
	Não justifica	1 (3,3%)
Aparência agradável do espaço aberto	Justifica	68 (37,8%)
	Não justifica	112 (62,2%)
Sentimento de segurança	Justifica	6 (3,3%)
	Não justifica	174 (96,7%)
Possibilidade de lazer passivo	Justifica	55 (69,4%)
	Não justifica	125 (30,6%)
Possibilidade de lazer ativo	Justifica	12 (6,7%)
	Não justifica	168 (93,3%)
Conforto dos bancos existentes na praça	Justifica	7 (3,9%)
	Não justifica	173 (96,1%)
Conforto em função da temperatura agradável	Justifica	45 (25,0%)
	Não justifica	135 (75,0%)
Conforto em função da tranqüilidade, pouco barulho	Justifica	23 (12,8%)
	Não justifica	157 (87,2%)
Movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas	Justifica	45 (25,0%)
	Não justifica	135 (75,0%)
Tipo de uso das edificações adjacentes à praça	Justifica	38 (21,1%)
	Não justifica	142 (78,9%)
Proximidade da residência	Justifica	56 (31,1%)
	Não justifica	123 (68,9%)
Proximidade do trabalho	Justifica	74 (41,1%)
	Não justifica	106 (58,9%)
É central a diversas atividades	Justifica	60 (33,3%)
	Não justifica	120 (66,7%)

Nota: o número fora do parêntese indica a freqüência de respostas sobre os níveis de satisfação com a estética da praça, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada grupo.

Tabela 2 - Principais razões relacionadas o uso e à freqüência de utilização das praças (realizado no ambiente)

Principais razões relacionadas ao uso das praças		Parque Dom Antônio Zattera			Praça José Bonifácio			Praça Piratinino de Almeida		
		menos 1 vez por mês	de 1 a 4 vezes por mês	mais de 4 vezes por mês	menos 1 vez por mês	de 1 a 4 vezes por mês	mais de 4 vezes por mês	menos 1 vez por mês	de 1 a 4 vezes por mês	mais de 4 vezes por mês
Aparência agradável das edificações do entorno	Justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	10 (33,3%)	8 (26,7%)	8 (26,7%)	5 (16,7%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	12 (40,0%)	9 (30,0%)	9 (30,0%)
Aparência agradável do espaço aberto	Justifica	6 (20,0%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
	Não justifica	5 (16,7%)	4 (13,3%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	4 (13,3%)	8 (26,7%)	10 (33,3%)	6 (20,0%)	8 (26,7%)
Sentimento de segurança	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	0 (0%)
	Não justifica	11 (36,7%)	8 (26,7%)	10 (33,3%)	10 (33,3%)	9 (30,0%)	11 (36,7%)	11 (36,7%)	7 (23,3%)	9 (30,0%)
Possibilidade de lazer passivo	Justifica	4 (13,3%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)
	Não justifica	7 (23,3%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	6 (20,0%)	6 (20,0%)	8 (26,7%)	8 (26,7%)	7 (23,3%)
Possibilidade de lazer ativo	Justifica	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	7 (23,3%)	8 (26,7%)	9 (30,0%)	10 (33,3%)	9 (30,0%)	10 (33,3%)	11 (36,7%)	9 (30,0%)	9 (30,0%)
Conforto dos bancos existentes na praça	Justifica	1 (3,3%)	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	0 (0%)	1 (3,3%)
	Não justifica	10 (33,3%)	9 (30,0%)	9 (30,0%)	10 (33,3%)	8 (26,7%)	9 (30,0%)	11 (36,7%)	9 (30,0%)	8 (26,7%)
Conforto em função da temperatura agradável	Justifica	3 (10,0%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	6 (20,0%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)
	Não justifica	8 (26,7%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	8 (26,7%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)	6 (20,0%)
Conforto em função da tranqüilidade, pouco barulho	Justifica	0(0%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)
	Não justifica	11 (36,7%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	8 (26,7%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	11 (36,7%)	8 (26,7%)	8 (26,7%)
Movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas	Justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	6 (20,0%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)
	Não justifica	10 (33,3%)	7 (23,3%)	8 (26,7%)	9 (30,0%)	8 (26,7%)	8 (26,7%)	6 (20,0%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)
Tipo de uso das edificações adjacentes à praça	Justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)
	Não justifica	10 (33,3%)	8 (26,7%)	9 (30,0%)	6 (20,0%)	8 (26,7%)	10 (33,3%)	7 (23,3%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)
Proximidade da residência	Justifica	2 (6,7%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	0 (0%)
	Não justifica	9 (30,0%)	7 (23,3%)	7 (23,3%)	8 (26,7%)	8 (26,7%)	9 (30,0%)	11 (36,7%)	7 (23,3%)	9 (30,0%)
Proximidade do trabalho	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)
	Não justifica	11 (36,7%)	8 (26,7%)	6 (20,0%)	9 (30,0%)	9 (30,0%)	8 (26,7%)	11 (36,7%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)
É central a diversas atividades	Justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	0 (0%)
	Não justifica	10 (33,3%)	7 (23,3%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	6 (20,0%)	10 (33,3%)	6 (20,0%)	9 (30,0%)

Nota: o número fora do parêntese indica a freqüência de respostas sobre os níveis de satisfação com a estética da praça, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada grupo.

Tabela 3 - Principais razões relacionadas ao uso e à freqüência de utilização das praças (realizado fora do ambiente)

Principais razões relacionadas ao uso das praças		Parque Dom Antônio Zattera			Praça José Bonifácio			Praça Piratinino de Almeida		
		menos 1 vez por mês	de 1 a 4 vezes por mês	mais de 4 vezes por mês	menos 1 vez por mês	de 1 a 4 vezes por mês	mais de 4 vezes por mês	menos 1 vez por mês	de 1 a 4 vezes por mês	mais de 4 vezes por mês
Aparência agradável das edificações do entorno	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	3 (10,0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (6,7%)
	Não justifica	2 (6,7%)	4 (13,3%)	23 (76,7%)	5 (16,7%)	7 (23,3%)	14 (46,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	21 (70,0%)
Aparência agradável do espaço aberto	Justifica	1 (3,3%)	3 (10,0%)	12 (40,0%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	6 (20,0%)
	Não justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	12 (40,0%)	5 (16,7%)	4 (13,3%)	12 (40,0%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	17 (56,7%)
Sentimento de segurança	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	3 (10,0%)	24 (80,0%)	6 (20,0%)	6 (20,0%)	17 (56,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	23 (76,7%)
Possibilidade de lazer passivo	Justifica	1 (3,3%)	3 (10,0%)	7 (23,3%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (13,3%)
	Não justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	17 (56,7%)	5 (16,7%)	5 (16,7%)	15 (50,0%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	19 (63,3%)
Possibilidade de lazer ativo	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	4 (13,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	4 (13,3%)	20 (66,7%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	17 (56,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	23 (76,7%)
Conforto dos bancos existentes na praça	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	4 (13,3%)	24 (80,0%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	17 (56,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	23 (76,7%)
Conforto em função da temperatura agradável	Justifica	0 (0%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (6,7%)
	Não justifica	2 (6,7%)	2 (6,7%)	19 (63,3%)	5 (16,7%)	7 (23,3%)	17 (56,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	21 (70,0%)
Conforto em função da tranqüilidade, pouco barulho	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	3 (10,0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	4 (13,3%)	21 (70,0%)	6 (20,0%)	7 (23,3%)	17 (56,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	23 (76,7%)
Movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas	Justifica	0 (0%)	3 (10,0%)	7 (23,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	6 (20,0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	6 (20,0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	1 (3,3%)	17 (56,7%)	5 (16,7%)	7 (23,3%)	11 (36,7%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	17 (56,7%)
Tipo de uso das edificações adjacentes à praça	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	4 (13,3%)
	Não justifica	2 (6,7%)	3 (10,0%)	23 (76,7%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	14 (46,7%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	19 (63,3%)
Proximidade da residência	Justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	9 (30,0%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	8 (26,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	11 (36,7%)
	Não justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	15 (50,0%)	2 (6,7%)	4 (13,3%)	8 (26,7%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	12 (40,0%)
Proximidade do trabalho	Justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	18 (60,0%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	8 (26,7%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	20 (66,7%)
	Não justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)	2 (6,7%)	9 (30,0%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)
É central a diversas atividades	Justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	4 (13,3%)	4 (13,3%)	5 (16,7%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	11 (36,7%)
	Não justifica	1 (3,3%)	2 (6,7%)	21 (70,0%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	12 (40,0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	12 (40,0%)

Nota: o número fora do parêntese indica a freqüência de respostas sobre os níveis de satisfação com a estética da praça, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada grupo.

Tabela 4 - Principais razões relacionadas ao uso e ao tempo de permanência das pessoas nas praças (realizado no ambiente)

Principais razões relacionadas ao uso das praças		Parque Dom Antônio Zattera			Praça José Bonifácio			Praça Piratinino de Almeida		
		por alguns minutos	por aprox. 1h	por mais de 1h	por alguns minutos	por aprox. 1h	por mais de 1h	por alguns minutos	por aprox. 1h	por mais de 1h
Aparência agradável das edificações do entorno	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	11 (36,7%)	13 (43,3%)	12 (40,0%)	4 (13,3%)	2 (6,7%)	8 (26,7%)	14 (46,7%)	8 (26,7%)
Aparência agradável do espaço aberto	Justifica	1 (3,3%)	6 (20,0%)	9 (30,0%)	9 (30,0%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)
	Não justifica	1 (3,3%)	5 (16,7%)	8 (26,7%)	10 (33,3%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	7 (23,3%)	11 (36,7%)	6 (20,0%)
Sentimento de segurança	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	11 (36,7%)	16 (53,3%)	19 (63,3%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	12 (40,0%)	8 (26,7%)
Possibilidade de lazer passivo	Justifica	0 (0%)	7 (23,3%)	8 (26,7%)	10 (33,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)
	Não justifica	2 (6,7%)	4 (13,3%)	9 (30,0%)	9 (30,0%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	7 (23,3%	9 (30,0%)	7 (23,3%
Possibilidade de lazer ativo	Justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	1 (3,3%)	10 (33,3%)	13 (43,3%)	18 (60,0%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	14 (46,7%)	8 (26,7%)
Conforto dos bancos existentes na praça	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)
	Não justifica	2 (6,7%)	10 (33,3%)	16 (53,3%)	17 (56,7%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)	8 (26,7%)	13 (43,3%)	7 (23,3%)
Conforto em função da temperatura agradável	Justifica	0 (0%)	3 (10,0%)	6 (20,0%)	9 (30,0%)	3 (10,0%)	0 (0%)	3 (10,0%)	8 (26,7%)	3 (10,0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	8 (26,7%)	11 (36,7%)	10 (33,3%)	4 (13,3%)	4 (13,3%)	5 (16,7%)	6 (20,0%)	5 (16,7%)
Conforto em função da tranqüilidade, pouco barulho	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	7 (23,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)
	Não justifica	2 (6,7%)	10 (33,3%)	12 (40,0%)	12 (40,0%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	8 (26,7%)	13 (43,3%)	6 (20,0%)
Movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	0 (0%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	6 (20,0%)	4 (13,3%)
	Não justifica	2 (6,7%)	11 (36,7%)	12 (40,0%)	16 (53,3%)	7 (23,3%)	2 (6,7%)	7 (23,3%)	8 (26,7%)	4 (13,3%)
Tipo de uso das edificações adjacentes à praça	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	3 (10,0%)	6 (20,0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (6,7%)	6 (20,0%)	5 (16,7%)
	Não justifica	2 (6,7%)	11 (36,7%)	14 (46,7%)	13 (43,3%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	6 (20,0%)	8 (26,7%)	3 (10,0%)
Proximidade da residência	Justifica	0 (0%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	3 (10,0%)	2 (6,7%)	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)
	Não justifica	2 (6,7%)	9 (30,0%)	12 (40,0%)	16 (53,3%)	5 (16,7%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	13 (43,3%)	7 (23,3%)
Proximidade do trabalho	Justifica	0 (0%)	1 (3,3%)	4 (13,3%)	2 (6,7%)	0 (0%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)
	Não justifica	2 (6,7%)	10 (33,3%)	13 (43,3%)	17 (56,7%)	7 (23,3%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	13 (43,3%)	6 (20,0%)
É central a diversas atividades	Justifica	0 (0%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	8 (26,7%)	5 (16,7%)	0 (0%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
	Não justifica	2 (6,7%)	9 (30,0%)	12 (40,0%)	11 (36,7%)	2 (6,7%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	11 (36,7%)	7 (23,3%)

Tabela 5 - Principais razões relacionadas ao uso e ao tempo de permanência das pessoas nas praças (realizado fora do ambiente)

Principais razões relacionadas ao uso das praças		Parque Dom Antônio Zattera			Praça José Bonifácio			Praça Piratinino de Almeida		
		por alguns minutos	por aprox. 1h	por mais de 1h	por alguns minutos	por aprox. 1h	por mais de 1h	por alguns minutos	por aprox. 1h	por mais de 1h
Aparência agradável das edificações do entorno	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)
	Não justifica	15 (50,0%)	4 (13,3%)	10 (33,3%)	21 (70,0%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	26 (86,7%)	2 (6,7%)	0 (0%)
Aparência agradável do espaço aberto	Justifica	5 (16,7%)	2 (6,7%)	9 (30,0%)	6 (20,0%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	4 (13,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
	Não justifica	10 (33,3%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	18 (60,0%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	22 (73,3%)	0 (0%)	0 (0%)
Sentimento de segurança	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	15 (50,0%)	4 (13,3%)	10 (33,3%)	23 (76,7%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	26 (86,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
Possibilidade de lazer passivo	Justifica	3 (10,0%)	2 (6,7%)	6 (20,0%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)
	Não justifica	12 (40,0%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	22 (73,3%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	25 (83,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)
Possibilidade de lazer ativo	Justifica	2 (6,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	13 (43,3%)	3 (10,0%)	10 (33,3%)	24 (80,0%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	26 (86,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
Conforto dos bancos existentes na praça	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	15 (50,0%)	4 (13,3%)	11 (36,7%)	24 (80,0%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	26 (86,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
Conforto em função da temperatura agradável	Justifica	1 (3,3%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	1 (3,3%)
	Não justifica	14 (46,7%)	3 (10,0%)	6 (20,0%)	23 (76,7%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	25 (83,3%)	3 (10,0%)	0 (0%)
Conforto em função da tranqüilidade, pouco barulho	Justifica	2 (6,7%)	0 (0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	13 (43,3%)	4 (13,3%)	10 (33,3%)	24 (80,0%)	3 (10,0%)	3 (10,0%)	26 (86,7%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
Movimento de pessoas, oportunidade de ver e falar com outras pessoas	Justifica	3 (10,0%)	0 (0%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	1 (3,3%)	2 (6,7%)	6 (20,0%)	0 (0%)	1 (3,3%)
	Não justifica	12 (40,0%)	4 (13,3%)	4 (13,3%)	20 (66,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)	20 (66,7%)	3 (10,0%)	0 (0%)
Tipo de uso das edificações adjacentes à praça	Justifica	0 (0%)	0 (0%)	2 (6,7%)	7 (23,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	15 (50,0%)	4 (13,3%)	9 (30,0%)	17 (56,7%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	21 (70,0%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)
Proximidade da residência	Justifica	4 (13,3%)	2 (6,7%)	6 (20,0%)	13 (43,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	11 (36,7%)	2 (6,7%)	1 (3,3%)
	Não justifica	11 (36,7%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	10 (33,3%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	15 (50,0%)	1 (3,3%)	0 (0%)
Proximidade do trabalho	Justifica	13 (43,3%)	3 (10,0%)	5 (16,7%)	11 (36,7%)	2 (6,7%)	2 (6,7%)	21 (70,0%)	2 (6,7%)	0 (0%)
	Não justifica	2 (6,7%)	1 (3,3%)	6 (20,0%)	13 (43,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	5 (16,7%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)
É central a diversas atividades	Justifica	4 (13,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	12 (40,0%)	1 (3,3%)	0 (0%)	16 (53,3%)	0 (0%)	0 (0%)
	Não justifica	11 (36,7%)	3 (10,0%)	10 (33,3%)	12 (40,0%)	2 (6,7%)	3 (10,0%)	10 (33,3%)	3 (10,0%)	1 (3,3%)

Nota: o número fora do parêntese indica a freqüência de respostas sobre os níveis de satisfação com a estética da praça, já o número entre parênteses indica a percentagem em relação ao total de respondentes de cada grupo.